



Universidade de Brasília (UnB)  
Departamento de Letras Tradução  
Letras Tradução Espanhol

**LAÍS TAVARES DOS SANTOS**

**Tradução e Psicanálise: Uma tradução comentada de  
*Fobias en la infancia*, de Ariel Pernicone e Mirtha Benítez.**

Brasília  
2019

**LAÍS TAVARES DOS SANTOS**

**Tradução e Psicanálise: Uma tradução comentada de  
*Fobias en la infancia*, de Ariel Pernicone e Mirtha Benítez.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Letras Tradução  
Espanhol, da Universidade de Brasília para a  
Obtenção do grau de Bacharel em Tradução  
Espanhol.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alba Escalante

Brasília  
2019

**Laís Tavares dos Santos**

**Tradução e Psicanálise: Uma tradução comentada de  
*Fobias en la infancia*, de Ariel Pernicone e Mirtha Benítez.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras  
e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília para a obtenção de grau  
de Bacharel em Letras - Tradução - Espanhol.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof.<sup>a</sup> Me. Magali Pedro**

---

**Prof. William Selau**

---

**Prof. Me. Guilherme Henderson**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alba Elena Escalante**  
(Orientadora)

*Serei eternamente grata a Deus por tê-lo em meu coração e por ter me proporcionado as maiores alegrias como a conclusão deste trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e por ter sido meu suporte nos momentos em que pensei em desistir.

À esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

À coordenadora, Magali Pedro, por sua grande complacência em todas as situações que surgiam ao longo do curso, por toda a força que me passou em momentos de grande dificuldade e por ter exercido seu papel de coordenadora com excelência, de modo que deu apoio não somente a mim, mas a todos os alunos do curso de tradução, enfrentando junto de nós as batalhas travadas ao longo do curso.

A todos os professores por me proporcionarem conhecimento não apenas racional, mas também a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre nunca fará justiça aos professores dedicados, aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

À minha família, mãe, pai e irmãs, por todo amor, incentivo e apoio incondicional que me proporcionaram todos esses anos e que foram essenciais no enfrentamento de momentos delicados durante o processo de elaboração deste trabalho.

À minha “cãopanheira” Amora, que em muitos momentos em que precisei passar madrugadas em claro estudando, esteve ao meu lado e sua presença sempre me amparou e me reanimou nos momentos de dificuldade.

Aos amigos que estiveram presentes durante este período e também àqueles que pacientemente compreenderam minhas ausências e afastamento.

Agradecimento especial à orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alba Escalante, que com toda paciência do mundo conduziu as orientações mais importantes dessa pesquisa e por todo conhecimento passado a mim durante todo o tempo em que trabalhamos juntas. Sem seu auxílio esse trabalho não seria uma realidade.

E, por fim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

*“Um dia, quando olhares para trás, verás que os dias  
mais belos foram aqueles em que lutaste”*

*(Sigmund Freud)*

## RESUMO

O presente trabalho de tradução comentada do primeiro capítulo do livro “Fobias en la infancia”, de Ariel Pernicone e Mirtha Benítez se insere nas pesquisas que reúnem questões de tradução e Psicanálise. O objetivo é apresentar os aspectos emblemáticos da tradução do texto. Para tanto realizamos uma análise textual, definimos um leitor e acompanhamos a tradução com os comentários. Assim, discorreremos a respeito dos seguintes fatores: 1) A importância da historicidade da tradução da obra freudiana em traduções do campo psicanalítico; 2) O intertexto nas traduções; 3) Uma reflexão sobre as operações de linguagem que envolve a tarefa do traduzir; 4) O impasse das traduções entre línguas próximas. Dessa forma, a metodologia é o resultado dessa pesquisa, a própria tradução comentada.

**Palavras-chave:** Tradução. Psicanálise. Análise textual. Linguagem.

## RESUMEN

El presente de traducción comentada del primer capítulo del libro "Fobias en la infancia", de Ariel Pernicone y Mirtha Benítez se inserta en la investigación que reúne preguntas de traducción y psicoanálisis. El objetivo es presentar los aspectos emblemáticos de la traducción de textos. Para eso hicimos un análisis textual, definimos un lector y acompañamos la traducción con los comentarios. Así, discutimos los siguientes factores: 1) La importancia de la historicidad de la traducción de la obra freudiana en las traducciones del campo psicoanalítico; 2) Intertexto en traducciones; 3) Una reflexión sobre las operaciones del lenguaje que implica la tarea de traducir; 4) El impasse de las traducciones entre idiomas cercanos. Por lo tanto, la metodología es el resultado de esta investigación, la traducción comentada.

**Palabras clave:** Traducción. Psicoanálisis. Análisis textual. Lenguaje.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. TRADUÇÃO E PSICANÁLISE .....</b>	<b>12</b>
<b>3. TRADUÇÕES DE FREUD NA AMÉRICA LATINA.....</b>	<b>17</b>
<b>3.1 Freud em castelhano.....</b>	<b>20</b>
<b>3.2 Freud em português .....</b>	<b>21</b>
<b>4. "FOBIAS EN LA INFANCIA" .....</b>	<b>25</b>
<b>4.1 Tradução .....</b>	<b>28</b>
<b>5. COMENTÁRIOS DE TRADUÇÃO .....</b>	<b>56</b>
<b>5.1 Sintaxe .....</b>	<b>56</b>
<b>5.2 Manejo de citações.....</b>	<b>57</b>
<b>5.3 Notas enciclopédicas.....</b>	<b>59</b>
<b>5.4 Tradução de obras citadas em notas.....</b>	<b>60</b>
<b>5.5 Citações traduzidas .....</b>	<b>61</b>
<b>5.6 O fracasso de Freud.....</b>	<b>62</b>
<b>5.7 El Hace-Pipi .....</b>	<b>64</b>
<b>5.8 O vínculo de Max Graf e Freud .....</b>	<b>66</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>70</b>
<b>ANEXO A – FOBIAS EN LA INFANCIA .....</b>	<b>72</b>
<b>ANEXO B – ENTREVISTA COM ARIEL PERNICONE.....</b>	<b>89</b>



## 1 INTRODUÇÃO

“Eles não sabem que lhes trazemos a peste”: tal frase foi supostamente dita por Freud a Carl Jung, em 1909, no momento em que desembarcavam em Nova York para uma conferência. Essa frase expressa o que muitos de nós passamos e que vivenciei durante todo o percurso de minha pesquisa. Parece difícil entrar em contato com a psicanálise sem que essa nos trague brutalmente. Mas por que Freud se referiu a tal ciência como “a peste”?

Caso Freud tenha utilizado o termo “peste” para referir-se à psicanálise como uma metáfora, é possível entender que estava se referindo ao fato da propagação da psicanálise no sujeito. A peste encontra um hospedeiro, causando a virulência neste.

Quando o sujeito põe-se em contato com a psicanálise, este então se torna vulnerável à virulência deste campo.

Segundo Escalante:

“A psicanálise é peste, eis o porquê estamos sempre às voltas com uma palavra. Não se trata de aceitar uma convenção terminológica. A virulência do campo operando no tradutor faz com que este, inconformado, tente encontrar em que consistem os impasses.” (ESCALANTE, 2013)

O que acontece, então, quando a peste da psicanálise fica localizada num espaço que é também de contaminação? A tradução é relação, como diria Berman (2007, p.18) e quando falamos em relação podemos dizer que há efeitos. E quais seriam os efeitos da relação entre experiência e reflexão?

Para Berman:

[...] Não se trata aqui de teoria de nenhuma espécie. Mas sim de reflexão[...]. Quero situar-me inteiramente fora do quadro conceitual fornecido pela dupla teoria/prática, e substituir esta dupla pela da experiência e da reflexão. A relação entre a experiência e a reflexão não é aquela da prática e da teoria. A tradução é uma experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão. (BERMAN, 2007, p.18)

O que é a experiência senão o acúmulo de falhas e acertos que fazem emergir a reflexão e a aprendizagem? O efeito que emerge dessa relação experiência-reflexão é a possibilidade de falarmos da tradução. Assim, a linguagem desponta como ponto principal na relação entre a psicanálise e a tradução. Na psicanálise, a possibilidade de discernir qual a teoria da linguagem está em jogo na tradução, lança luzes sobre o trabalho de tradução.

No corpo deste trabalho encontra-se o viés de uma pesquisa voltada aos estudos da tradução e psicanálise. A proposta é apresentar a tradução de um fragmento da obra *Fobias en la infancia* e, em seguida, através de recortes desta tradução, apresentar comentários a respeito da mesma, onde a metodologia é a própria tradução comentada.

Objetiva-se através deste trabalho e da pesquisa a ele elencado: 1) apresentar pontos correlacionais entre os campos, sendo o fundamental, a linguagem e que podem servir como aporte um ao outro; 2) mostrar o papel da tradução não somente na disseminação das obras do fundador psicanálise, Sigmund Freud, mas também no desenvolvimento da psicanálise na América Latina; 3) a intertextualidade na tradução; e ainda salientar que a tradução possibilita o aparecimento de conflitos e questões ora ocultas no texto.

No que diz respeito à fundamentação teórica, cursar duas disciplinas do curso de Psicologia na Universidade de Brasília, sendo elas “Introdução à Psicologia” e “Fundamentos da Psicologia Clínica” e também a leitura do livro “Análise da fobia em um menino de cinco anos (1909)”, de Sigmund Freud de muito serviram como contribuição à escrita deste trabalho.

A metodologia deste trabalho de tradução é a própria tradução comentada. Utilizamos como biografia base, além do livro *Fobias en la infancia*, que derivou este trabalho, também a obra *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*.

Neste sentido, este trabalho agrega seis capítulos e está estruturado da seguinte forma:

O primeiro capítulo é destinado a traçar pontos convergentes entre os campos da psicanálise e da tradução; o segundo apresenta as principais traduções de Freud na América latina, sendo o enfoque do capítulo as traduções em português e castelhano; o terceiro capítulo apresenta um resumo da obra argentina, *Fobias en la infancia*, indutora deste trabalho de tradução; o quarto capítulo exhibe um recorte de tradução da obra; o quinto apresenta o desenvolvimento dos comentários a respeito das problemáticas que surgiram durante o processo de tradução da referida obra. E, por fim, no último capítulo, apresentamos as conclusões finais deste trabalho e sua investigação.

## 2 TRADUÇÃO E PSICANÁLISE

Neste capítulo pretendemos apresentar alguns recortes da contiguidade desses domínios em função de traçar os elementos que nos levarão a um esboço sobre os enlaces entre a tradução e a psicanálise.

Podemos começar dizendo que em ambos campos se trabalha com um mesmo material, a saber a linguagem. Ao respeito, Longo (2006) menciona que, em se tratando de linguagem humana, é crucial a ideia de relação entre dois.

Lacan (1998, p. 498), em *A instância da letra no inconsciente ou razão desde Freud* afirma que “é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente”.

Se se trata da linguagem, podemos pensar em trocas, dialética, intercâmbios entre pessoas. No entanto, estamos longe de saber, de entrada, o que quer dizer Lacan com essa frase que, ao longo da sua obra, adquire a forma axiomática do *inconsciente estruturado como uma linguagem*.

A dialética pode ser um ponto fundamental dentro da psicanálise. Dentro da dialética enquadra-se a comunicação entre o analista e o analisando, ou seja, uma situação diferente de outras nas quais a linguagem está presente como material para o trabalho para a comunicação interpessoal. Nesse sentido podemos interrogar a especificidade dessa relação chamada de analítica. Como se dá a representação da linguagem dos sonhos? Como traduzir essa linguagem simbólica?

Para Freud:

A verdadeira diferença entre uma ideia inconsciente e uma ideia pré-consciente (um pensamento) consiste em que o material da primeira permanece oculto, ao passo que a segunda [a pré-consciente] se mostra envolta com representações verbais... Estas representações verbais são restos mnêmicos [restos de memória]. (FREUD, 1923 p.33-34).

Na teoria freudiana se apresenta uma diferenciação entre dois sistemas, o pré-consciente e o inconsciente. No entanto, em ambos a materialidade é de linguagem, tendo em vista que não há ideia sem palavras e, as representações que ocultam a ideia pré-consciente é também verbal, assim como são verbais, ou feitos de linguagem, os restos de memória. Dito de outra forma: pensamento e ideia não são sem linguagem.

(...) é por intermédio da metáfora, pelo jogo da substituição de um significante por outro num lugar determinado, que se cria a possibilidade não apenas de desenvolvimentos do significante, mas também de surgimento de sentidos novos, que vêm sempre contribuir para aprimorar, complicar,

aprofundar, dar sentido de profundidade àquilo que, no real, não passa de pura opacidade. (LACAN, 1999 p. 35).

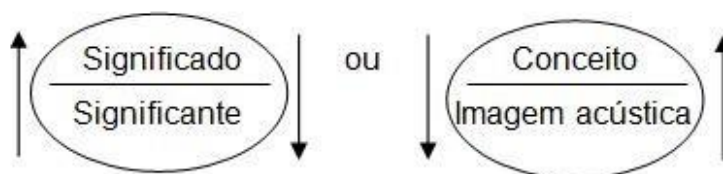
Na teoria lacaniana, a célula fundamental é a presença de dois significantes em relação. Daí que ele esteja remetendo à linguagem. Ou seja, não há linguagem sem os elementos na sua relação. E isso é independente das coisas.

O que acontece na linguística? Sem pretender ser exaustiva, vou me limitar a apresentar a minha leitura sobre o momento em que Saussure teria apresentado o signo como elemento chave do campo que ele inaugurava, a saber, a linguística moderna.

Para Saussure, a linguagem é dividida em dois grupos distintos: seriam eles o estudo da fala e o estudo da língua. O linguista definiu a língua como “social em sua essência e dependente do indivíduo” (SAUSSURE, 1978, p.27).

A linguagem é formada por signos e o signo é uma representação que possui dois lados, sendo que em um lado está o significado (conceito), do outro a imagem acústica (significante) e eles estão interligados de forma biunívoca. De acordo com o linguista (SAUSSURE, 1970, p.80): "o signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica".

Para Saussure (1985, p. 80), os elementos significado e significante “estão intimamente unidos e um reclama o outro”. O diagrama proposto por Saussure é representado da seguinte maneira:



Curiosamente, Lacan vai apresentar no texto “A instância da letra no inconsciente ou razão desde Freud”, o seguinte esquema, onde “S” representa o significante e “s” o significado:

$$\frac{S}{s}$$

No algoritmo lacaniano o significante é autônomo, enquanto a significação encontra na barra um obstáculo. Lacan desconsidera os signos e significados e para ele, significante e significado são “ordens distintas e separadas inicialmente por uma barreira resistente à significação” (LACAN, 1966, p. 497).

O significante não significa em si e só será significante se estiver relacionado a outro e assim consecutivamente, forma-se a rede de significantes. Cada significante

possui seu sentido específico e singular para determinado sujeito, mas não há um significante que represente totalmente o sujeito. Em consequência a tal ideia deu-se seguimento ao axioma “o significante representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 2008, p.194).

A “coisa” só é representada se a significação for sustentada e essa significação só é sustentada através da ligação a outra significação. Da mesma forma ocorre com o sujeito, que para ser “algo”, necessita de uma construção social, cultural, do meio e de um código compartilhado, a língua.

Pensar as relações entre psicanálise e linguagem não é tarefa fácil. Não entanto, para alguém que se ocupa do campo das Letras, a descoberta desse vínculo gera, no mínimo, curiosidade.

Essas formulações que aqui apenas mencionamos, permitem refletir sobre: a) o vínculo entre tradução e linguagem; b) as especificidades de cada campo; c) as possibilidades que se abrem para pensar a tradução tanto na perspectiva linguística quanto psicanalítica.

Se nos debruçamos na leitura do livro inaugural da psicanálise, a saber, *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1996) podemos ver que se trata de “traduzir determinado pensamento da linguagem dos sonhos (os pensamentos oníricos latentes) para a fala” (LONGO, idem, p. 25).

Ao nos aprofundarmos no estudo da tradução e da teoria psicanalítica, encontramos similaridades importantes nos dois campos. Assim, temos algumas premissas que permeiam tanto o campo da tradução quanto o psicanalítico.

A seguir propomos uma tabela a fim de expor alguns enlaces entre os campos (psicanálise e tradução) tendo em vista a linguagem como materialidade compartilhada.

<b>Premissas</b>	<b>Tradução</b>	<b>Psicanálise</b>
<b>Relação</b>	Tradutor X leitor	Analista X analisando
<b>Operações do intervalo</b>	O tradutor nunca saber se o leitor está recebendo mesmo aquilo que está transmitindo.	O analista nunca saberá se aquilo que diz está chegando da forma desejada ao analisando.
<b>Pacto simbólico</b>	Necessita do sujeito (emisor) e o outro (receptor) que faz o uso da linguagem.	Necessita do Analista e do analisando que faz o uso da linguagem, seja ela qual for.
<b>Materialidade e Linguagem</b>	A tradução (texto)	A análise (fala, gestos, atos falhos, etc)

Como ocorre esse processo de “formação” de um analista (análise) e de um texto (tradução)?

Criada a suposição que o analista detém o saber sobre o outro (analisando), o analisando idealiza seu analista e nele deposita toda a sua confiança no momento da análise. Muitas vezes essa idealização é excessiva, mas isso é necessário para que o processo de cura ocorra.

O trabalho com a fala permite, na melhor das hipóteses, o desmonte da idealização. Permitindo dessa forma que ocorra uma mudança nessa relação. O trabalho com a fala permite, na melhor das hipóteses, o desmonte da idealização. Permitindo dessa forma que ocorra uma mudança nessa relação. No início aquele que procura análise está em sofrimento. Esse sofrimento começa a se aliviar. Isso pode ser produto do compartilhamento de uma hipótese, a hipótese do inconsciente.

Já na tradução, o tradutor ocupa o lugar do leitor e assim constrói um suposto saber a respeito deste leitor, porém ciente de que aquilo que está transmitindo pode não chegar da maneira que foi intencionado inicialmente. Assim, a linguagem que é estabelecida entre a relação tradutor-leitor é a própria tradução.

Retomando o nosso paralelo entre tradução e psicanálise: ao fim desse processo os dois campos tom? O analista, de fato produzirá outro analista e o tradutor, um texto? Não será este o lugar para dar respostas conclusivas. No entanto, podemos pensar que como em uma análise o analista necessita despir-se de si mesmo, na tradução o tradutor também necessita abrir mão de suas concepções para dar lugar ao texto.

No momento da análise, não é ético que crenças, opiniões, conceitos que permeiam a vida do analista sejam evidenciados, para que a mesma não perca seu efeito, ainda assim é necessário a inserção de seu conhecimento em dito momento. Assim, no processo de tradução, o tradutor também deve fazer-se neutro, deixando em segundo plano suas crenças e convicções, mas sem banir seus conhecimentos intelectuais para que a tradução cumpra seu papel.

Traduzir um texto psicanalítico não diz respeito a resolução de conflitos, ambiguidades e impasses propostos pelos textos. Há uma certa obscuridade, mistério e conflituosidade que permeiam o campo da psicanálise, portanto não é papel do tradutor propor a resolução destes conflitos e nem tão pouco de ser um meio “facilitador” do texto.

De acordo com Escalante:

(...) a tradução deveria atender à transmissão dos conteúdos, evitando cair na



tentação de aliviar ao leitor sua tarefa como ofertada no texto fonte. Entretanto, o tradutor, em sua posição de leitor privilegiado, que não recua perante ambiguidade presente no texto que está traduzindo, tem a possibilidade de trabalhar o material bruto do texto e esculpir, nas diversas fases que conformam sua atividade, elementos opacos, sem se deixar cegar pelo resplendor produzido pela enganosa impressão de total dissolução do conflito da ambiguidade. Embora discutível dependendo do tipo de texto que se esteja trabalhando, esse procedimento é coerente com a opacidade característica de textos subscritos ao campo da psicanálise. (ESCALANTE, 2013, p.1)

A posição de deixar as ambiguidades no texto tem uma explicação. Do ponto de vista da psicanálise a palavra jamais vai dizer sobre a coisa.

Freud em sua obra “Totem e Tabu e outros trabalhos, afirma que:

**Pode-se salientar que as interpretações feitas por psicanalistas são, antes de tudo, traduções de um método estranho de expressão para outro que nos é familiar.** Quando interpretamos um sonho estamos apenas traduzindo um determinado conteúdo de pensamento (os pensamentos oníricos latentes) da “linguagem de sonhos” para nossa fala de vigília. (Freud, 1996a, p.179)

Assim, inferimos que se a psicanálise é a tradução de conteúdos inconscientes, traduzir psicanálise é traduzir uma então tradução. Neste sentido somos levados à seguinte reflexão: A tradução sempre foi fundamental no processo de desenvolvimento e disseminação do campo psicanalítico, já que as obras do fundador da psicanálise só obtiveram grande alcance graças às suas respectivas traduções.

### 3 TRADUÇÕES DE FREUD NA AMERICA LATINA

Quando falamos de psicanálise é difícil não citarmos Sigmund Freud, considerado o pai da psicanálise. É comum encontrarmos diversas traduções de suas obras, pois para o campo psicanalítico, a obra de Freud é o fundamento.

Desde 2010 quando as obras de Freud passaram a fazer parte do domínio público, inúmeras traduções começaram a surgir. A versão mais disseminada e de maior referência em todos os outros idiomas, é a *Standard Edition*.

Em 1948, o Instituto de Psicanálise em Londres deixou a encargo de Strachey executar o trabalho que seria denominado *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. O trabalho de tradução foi acompanhado pelo próprio Freud, em alguns volumes, Strachey chegou a ter o apoio de sua mulher, Alix Strachey e também colaboração de Anna Freud, filha de Sigmund Freud.

A tradução das *Obras completas de Freud* se tornou um grande marco na vida de Strachey. Os 24 volumes foram traduzidos diretamente do alemão para o inglês, sendo que na primeira edição contém um prefácio escrito por Freud. As obras foram publicadas entre os anos de 1953 e 1966. O ultimo volume, 24 foi publicado somente em 1974, um ano após a morte da mulher, Alix Strachey.

Desde os anos 70, essa edição é mais lida que a original, em alemão. Antes de ser publicada, existiam algumas traduções parciais das obras de Freud, porém a qualidade era discutível.

A tradução de Strachey, além de principal versão de tradução das obras de Freud, também foi um fator de contribuição não somente para tornar as obras de Freud acessíveis a outros idiomas, mas também como contribuição a disseminação do campo psicanalítico em vários outros países — incluindo o Brasil — já que várias traduções surgiram a partir da versão Standard inglesa.

A respeito da tradução na *Standard Edition*, Strachey, em seu “Prefácio Geral”, afirma:

Quando a Standard Edition foi inicialmente planejada, considerou-se que seria vantajoso uma única pessoa incumbir-se de moldar todo o texto; com efeito, uma única pessoa executou a maior parte do trabalho de tradução, e mesmo quando uma versão anterior foi utilizada como base, pode-se constatar que se impôs a execução de grandes alterações. Infelizmente, isso provocou a rejeição, no interesse da desejada uniformidade, de muitas traduções feitas anteriormente e que, em si mesmas, eram excelentes. O modelo imaginário que sempre tive diante de mim foram os escritos de algum homem de ciência inglês, de grande cultura, nascido em meados do século dezenove. (STRACHEY, 1966, p.7)

Ainda neste prefácio, Strachey afirma que sua tradução surgiu, na época, das últimas versões alemãs publicadas sob supervisão de Freud, que eram fiéis, mas que “à medida que o tempo transcorria e a responsabilidade passava a outras mãos, os erros começavam a se infiltrar” (STRACHEY, 1966, p. 4)

Ainda hoje a versão Standard é a mais utilizada, isso se deve ao fato de que o acesso a tal versão é facilitado. Mas, ao mesmo tempo que o trabalho de tradução da *Standard Edition* é reconhecido e serve como referencial para muitas outras versões de tradução, o mesmo também suscitou críticas, no que diz respeito a escolhas de tradução.

É curioso também observar que para Strachey (1966, p. 4) um erro grave das versões em alemão era a “ausência de qualquer tentativa de levar em conta as numerosas modificações de texto feitas por Freud nas edições sucessivas de alguns dos seus livros”. Com isso podemos inferir que já de início a obra de Freud, ou o que conhecemos como texto freudiano é problemático. Por outro lado vemos que, contrário ao que se pensa, é a tradução que permite identificar esses problemas.

Em seu texto *Uma Nova Tradução brasileira das Obras de Freud*, Hanns, psicanalista e autor do *Dicionário comentado do alemão de Freud*, afirma:

(...) **Os novos crivos críticos, a diversidade das solicitações de leitura, e os avanços da psicanálise exigem que de tempo em tempo haja uma refeitura das traduções.** Isto naturalmente também ocorre com a Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud, cujos problemas maiores são o fato de ter sido traduzida a partir do inglês e de ter optado por seguir a risca certos excessos da terminologia inglesa (a qual desde meados da década de 70 tem sido criticada e em parte abandonada por muitos psicanalistas e tradutores), bem como, contém muitos trechos onde os tradutores foram imprecisos. (HANNS, 2003, p.3, **grifo nosso**)

A crítica de Hanns a respeito da versão de Strachey nos faz observar que a mesma tem relação ao que foi criticado por Strachey em relação às versões alemãs. Questão como a falta de aprimoramento nas obras, já que o primeiro volume foi publicado na década de 70 e de lá até hoje, poucas foram as revisões feitas.

Outra crítica que permeia a *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, seria a tradução do termo *trieb* por *instinct*(instinto) e não *drive*(pulsão). Sendo que *instinct* demonstra maior proximidade ao campo das ciências biológicas<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Mais adiante trataremos desse tema.

Hanns nos apresenta em seu texto uma problematização no sentido das discussões e críticas geradas a respeito das traduções freudianas. De acordo com o psicanalista:

O espantoso é que o texto freudiano não é particularmente resistente à tradução. Seu estilo, em geral, é claro, como o era a prosa científica de época, além disso é pequena a distância temporal e cultural que nos separa de sua feitura. Porque então há tantos debates sobre a tradução de Freud e por que todas as traduções internacionalmente disponíveis são tão criticadas? (HANNIS, 2003, p.2)

Segundo Hanns, o fato de tais traduções receberem críticas e suscitar discussões, pode estar ligado a ocorrência “de que o texto de Freud é estudado e discutido sob tantos e diferentes recortes.” (Hanns, 2003, p.2).

É comum um mesmo texto possuir diferentes versões de tradução, em cada uma dessas versões pode haver diferença na terminologia utilizada, tipos distintos de notas etc, e isso conseqüentemente, traz um recorte diferente de cada versão.

No sentido de uma mesma obra possuir diferentes tipos de recortes (versões), Hanns mostra o leque do caso das traduções dadas ao termo alemão *trieb*, que em versões brasileiras fora traduzido por “instinto”, “pulsão” ou “impulso”.

Mesmo depois do falecimento de Freud, sua teoria permanece viva e sendo disseminada intensamente, graças às traduções de suas obras que a cada dia tem crescido e se tornado mais acessíveis. Os textos freudianos têm alcançado não somente estudantes de psicanálise ou pessoas que tenham apenas interesse no campo psicanalítico, porém seu fácil acesso tem também alcançado os leigos que possuem interesse e curiosidade a respeito da teoria freudiana ou até mesmo no próprio Freud.

Assim, observando-se a importância do papel do tradutor na disseminação das obras de Freud pelo mundo e também da psicanálise, podemos pensá-lo como um agente auxiliador não somente na expansão do campo da tradução, mas também como sendo um meio facilitador para que muitos textos e obras se tornem acessíveis a leitores de outras línguas. Neste sentido, podemos olhar com mais profundidade a conjuntura que também nos faz pensar na importância da tradução a todos nós leitores.

Caso não subsistisse o ofício de traduzir, talvez muitos de nós, não teríamos acesso a milhares de obras, que hoje tornamos a ler graças ao trabalho dos tradutores. Como é o caso de textos da obra freudiana que só se tornam acessíveis a muitos psicanalistas de várias partes do mundo, graças às suas respectivas traduções.

Por fim, lançamos a reflexão: se o dever do tradutor de textos psicanalíticos é

estar mais perto possível do texto original — mas não no sentido ingênuo de palavra por palavra — para que a relação que existe entre os idiomas possa ser evidenciada de forma mais próxima possível, então, deve ser uma preocupação dos novos tradutores, reparar impasses ocorridos em traduções anteriores.

Nas próximas seções deste capítulo falaremos especificamente dos casos de versões das obras freudianas traduzidas para as línguas castelhana e portuguesa.

### 3.1 Freud em castelhano

A primeira tradução diretamente do alemão das obras de Freud ao espanhol, foi de Luís López Ballesteros y de Torres, são dezessete volumes publicados entre os anos de 1923 e 1934, pela editora *Biblioteca Nueva* e serviu de contribuição para a propagação da psicanálise em território hispânico (ESCALANTE, 2012, p.116).

As traduções feitas por López Ballesteros foram aprovadas pelo próprio Freud em uma carta que enviou ao tradutor no dia 7 de maio de 1923.

Na carta, Freud comenta:

Quando eu era um jovem estudante, o desejo de ler o imortal Dom Quixote no original de Cervantes me levou a aprender, sem professores, a bela língua castelhana. Graças a esse entusiasmo juvenil, sou capaz agora – já em idade avançada – de comprovar o acerto de sua versão espanhola de minhas obras, cuja leitura me agrada vivamente, pela corretíssima interpretação de meu pensamento e elegância do estilo. Admira-me, sobretudo, o fato de que o senhor, não sendo médico nem psiquiatra de formação, tenha alcançado um domínio tão absoluto e preciso sobre uma matéria bastante intrincada e às vezes obscura. (FREUD, 1976, p. 169)

Apesar de aprovada pelo próprio Freud, enquanto ainda vivo, a tradução de López Ballesteros recebeu críticas relacionadas a “superficialidade” da tradução, sem que essa transmitisse de forma aprofundada o pensamento freudiano, mas sim simplificasse conceitos presentes na obra original. (VILLARREAL, 1999, p.145 apud ESCALANTE, 2012, p. 117)

Em castelhano, também temos outra tradução direta do alemão a encargo de José Luis Etcheverry (1942-2000). Etcheverry ficou conhecido pela sua tradução das *Obras Completas de Sigmund Freud*. Etcheverry foi um tradutor argentino e estudante de filosofia e usou como referência as obras de Strachey.

A edição de Etcheverry possui 24 volumes e foi publicada entre 1978 e 1985 pela editora *Amorrortü*, acompanhada por um opúsculo, de título *Sobre la versión castellana*, onde o autor discorre sobre os critérios ligados a terminologia e pontos

referentes a tradução em castelhano.

Quando no Brasil não haviam tantas versões de tradução das obras de Freud e apenas contávamos com a versão traduzida a partir da Standard inglesa, muitos estudiosos buscavam as versões publicadas pela editora *Amorrortü*, devido a aproximação das línguas.

Neste sentido, muitos creem que as traduções de Etcheverry são advindas da versão de Strachey. Conforme Tavares (2011, p. 68): “Strachey foi a principal referência terminológica para as soluções no castelhano...”.

Ainda segundo os tradutores espanhóis Juan Manuel Martín Arias e Lorenzo Gallego Borghinini (2011), citados por Escalante (2016, p.117), “enquanto a tradução de López Ballesteros foi feita diretamente das obras completas de Freud em alemão, Etcheverry teria partido da tradução em inglês realizada por James Strachey”.

Ainda há discussões a respeito das traduções de Etcheverry não surgirem a partir da versão inglesa, e sim diretamente do alemão. Entretanto, o que se sabe é que a versão é uma tradução direta da original em alemão e apenas segue o ordenamento e notas da coleção inglesa.

### 3.2 Freud em Português

A primeira tradução das obras de Freud no Brasil foi publicada pela editora Delta — editora que inicialmente possuía os direitos autorais das Obras de Freud) —, no Rio de Janeiro, a partir da versão espanhola de Luís López Ballesteros, publicada no final da década de 1950.

Hanns, autor da obra *Dicionário comentado do alemão de Freud* e contratado pela Imago antes das obras de Freud caírem em domínio público, traduziu três volumes das obras freudianas para a editora *Imago*.

Paulo César Souza, germanista e autor da obra *As palavras de Freud*, diz ter interesse no Freud escritor e não psicanalista. Sua edição das obras de Freud foram as primeiras publicadas no Brasil sendo traduzidas diretamente do alemão e organizadas em ordem cronológica, assim como apareceram originalmente. As traduções foram publicadas pela editora *Companhia das Letras*.

A editora *L&PM* ficou responsável pela edição *pocket* de algumas obras de Freud e sua tradução a encargo do tradutor Renato Zwick.

Os textos de Freud permitem diferentes recortes resultantes de um leque de

estudos e discussões e as grandes dificuldades da tradução dos textos freudianos consistem na estilística, terminologia e fluência que os textos originais proporcionam.

Em seu livro, *Versões de Freud*<sup>2</sup>, Pedro Tavares, tradutor germanista e psicanalista, apresenta diferentes perspectivas das principais traduções de Freud e discorre sobre a *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*.

Segundo Tavares:

Esta versão por muito tempo valeu como original com um argumento bastante forte: Strachey não fora um "santo-tradutor" mas, numa abnegação quase beneditina, traduzira muitos dos textos essenciais enquanto Freud era vivo e este último, grande conhecedor do idioma de Shakespeare, os teria lido e aprovado, fazendo-os assim bastante canônicos. (Tavares, 2011, p. 43)

Ao mesmo tempo que aclamado, o trabalho de Strachey recebe duras críticas e uma das motivações é por sua escolha de tradução do termo *trieb* por seu equivalente em inglês, *instinct*. *Trieb* é considerado um dos conceitos fundamentais na psicanálise, isso porque o conceito *trieb* no alemão é sinônimo de *Instinkt* e inicialmente foi definido por Freud num sentido mais próximo ao biológico (instinto). Porém para muitos o conceito “instinto” como tradução de *trieb* não é válido, justamente por essa “biologização” do termo. Até hoje, esse tema gera uma discussão epistemológica de muita importância dentro do campo da psicanálise devido seu sentido e tradução.

Antes de surgirem distintas versões das obras e textos de Freud no Brasil, essa discussão permaneceu adormecida quando, até então, só tínhamos a versão Standard brasileira.

Segundo a análise feita por Tavares (2012) de três versões de tradução brasileiras de textos freudianas, em seu texto *As novas traduções de Freud feitas diretamente do alemão: estilo e terminologia*, abre-se uma discussão em torno da escolha de tradução das versões Standard brasileira, também das versões de Paulo César e Renato Zwick, pelos respectivos conceitos “instinto”, “pulsão” e “impulso” como equivalentes, na língua portuguesa, ao termo alemão *Trieb*.

Se Strachey fez uso do conceito de *instinct* na versão Standard, Luiz Hanns adota o termo pulsão e ainda que não satisfeito por tal escolha, critica, de acordo com Tavares, o fato de muitos separarem “radicalmente as acepções de <<instinto>> e

---

<sup>2</sup>TAVARES, Pedro. *Versões de Freud*. Breve panorama crítico das traduções de sua obra. Rio de Janeiro: 7 letras.

<<pulsão>>”. (TAVARES, 2012, p. 122). Isso porque em alguns casos, *Trieb* pode ser usado como conceito de “instinto” e em outros como “pulsão” a depender do contexto.

Assim como Hanns explica no seguinte trecho:

O termo “instinto” não foi adotado nesta tradução por ser mais estreito que *Trieb* e levar a uma compreensão mais desligada dos aspectos volitivos e representacionais também presentes em *Trieb* e fundamentais para uma compreensão psicodinâmica e metapsicológica... (HANNNS, 2004, p.144)

O tradutor Renato Zwick, na tentativa de “superar a dicotomia certamente colonialista de aderir ou não à tradição anglo-saxã, e traduzir *Trieb* por *instinct* (instinto), ou a francesa que impõe o inusitado *pulsion* (pulsão, para nós)” (TAVARES, 2012, p. 16), utiliza o vocábulo “impulso” como tradução de *Trieb*. A respeito de sua escolha de tradução o mesmo alega:

Entre o Cila de um termo impreciso (*instinct* e por extensão “instinto” parece mais adequado para verter o alemão *instinkt*) e o Caríbdis de um horrísono neologismo (*pulsion*), acreditamos que haja uma terceira possibilidade que consiste simplesmente em atentar para os sentidos do termo alemão e buscar o seu equivalente em nosso idioma. **Por essa razão propomos a tradução de *Trieb* por “impulso”, termo que, parece-nos, cobre perfeitamente os vários matizes de sentido da palavra alemã.** (ZWICK, 2010, p. 190, grifo nosso)<sup>3</sup>

Por ser este um tema bastante amplo e as discussões geradas serem de interesse da psicanálise, não nos cabe aqui discorrer sobre o porquê da escolha dos tradutores pelos conceitos “instinto” ou “pulsão”. Sem delongas, tendo em vista que esse é um capítulo muito complexo, nosso intuito é levantar uma reflexão do ponto de vista dos estudos da tradução, a respeito da tradução de *trieb*, que sendo ela qual for, de alguma forma é um mecanismo que impulsiona o aparecimento de problemáticas.

Hoje, no Brasil, contamos com, além da edição Standard brasileira, com a tradução de Paulo César Souza, Renato Zwick, e outros, também com a edição das *Obras Incompletas de Freud*, edição traduzida diretamente do alemão, ficando a coordenação do trabalho de tradução e revisão técnica de todos os volumes a encargo de Pedro Tavares. Essa edição traz uma nova forma de organização dos textos. A edição tem publicado até o momento 8 volumes.

Se em versões anteriores, o nome do tradutor vinha na folha de rosto, quase que imperceptível e por muitas vezes passando despercebido pelos leitores da obra, na

<sup>3</sup> Zwick faz alusão à metáfora mitológica, onde Cila, uma bela ninfa, se transforma em um monstro marinho.



edição das *Obras Incompletas de Freud*, o nome do tradutor compõe a capa do trabalho, suscitando discussões e debates a respeito da visibilidade e mérito do tradutor.

#### 4 “FOBIAS EN LA INFANCIA”

Em 1909, Sigmund Freud publicaria em seu histórico o que seria futuramente um caso de grande importância para a psicanálise, pois foi considerado como o primeiro caso de psicanálise com crianças e também por ser um dos pilares da teoria da sexualidade de Freud. Como menciona Michele Roman Faria:

Através do relato do tratamento da fobia de uma criança de cinco anos, Freud mostrava que a técnica psicanalítica, aplicada até então somente em pacientes adultos, poderia também ser utilizada para tratar as neuroses das crianças. (FARIA, 2016, p. 25).

Inicialmente, Freud lançou uma parte do registro a respeito da vida do pequeno Hans, em 1907, em seu artigo “O Esclarecimento Sexual das Crianças”. No artigo o menino era tratado como “pequeno Herbert”, mas dois anos depois, o nome foi mudado para “pequeno Hans”.

O pequeno Hans foi uma criança que, com 5 anos desenvolve uma fobia a cavalos, sendo tratado pelo próprio pai, Max Graf.

Max Graf e Freud desenvolveram, durante determinado período, um vínculo. Vínculo que incutiu Freud a comparecer no aniversário de 3 anos do pequeno Hans. Coincidentemente, Freud o presenteou com um balanço de cavalo, animal que logo depois seria fruto da fobia da criança<sup>4</sup>.

O relato do caso contendo os detalhes relatados pelo pai do pequeno Hans e escrito por Freud, foi intitulado: “Análise da fobia de um menino de cinco anos”. Além de retratar o caso clínico de uma fobia infantil, o caso do pequeno Hans proporciona inúmeras particularidades que dizem respeito à teoria da sexualidade infantil. Para Freud era impossível a compreensão das doenças psíquicas sem o conhecimento das teorias da sexualidade.

Como aconteceu com muitos dos textos de Freud, especialmente com os casos clínicos publicados, a comunidade psicanalítica produziu leituras publicadas em livros que discutem e ampliam o entendimento da clínica.

O livro que é objeto de pesquisa neste trabalho, em função da tradução, é intitulado *Fobias en la infancia*. A obra, dos autores Ariel Pernicone e Mirtha Benítez, foi publicada em 2010, pela editora argentina *Letra Viva* e é dividida em duas partes,

---

<sup>4</sup> PERNICONE, A.; BENÍTEZ, M. Matices de su cercano lazo com Freud. **Fobias en la infancia**. 1ª. ed. Buenos Aires: Letra Viva, 2010. Cap. 8, p. 38-.

onde a primeira parte a encargo do psicanalista Ariel Pernicone, é uma parte biográfica da vida de Herbert Graf e sua família, que relata a história de vida do pequeno Hans e inclui momentos que foram cruciais na percepção e desenvolvimento da fobia da criança.

Em sua parte, Pernicone reúne um compilado de entrevistas feitas com Max Graf e até mesmo com o Herbert Graf, este já na fase adulta. E no fim acrescenta um anexo de imagens ilustrando diversos momentos na vida dos participantes da família Graf. A segunda parte da obra a encargo de Mirtha Benítez, também psicanalista, discorre a respeito da fobia no discurso da psicanálise, tendo como referência as obras de Lacan e de Freud.

Neste contexto, utilizamos o modelo de tradução funcionalista de Christiane Nord, que dá ao tradutor um ponto de partida para a inicialização da tradução, classificando as características textuais referentes ao texto fonte, às questões da tradução e ao texto meta.

As características textuais são divididas em duas partes de uma tabela, que contém os fatores externos ao texto (extralinguísticos) e fatores internos ao texto (intralinguísticos) relacionados ao texto fonte, a questões de tradução e ao texto-meta. Os fatores externos são emissor, intenção, receptor, meio, lugar, tempo, propósito e função textual.

Aqui vamos apresentar uma análise textual da primeira parte, elaborada por Pernicone e que leva como título *Vida e Obra de Max Graf*. Contexto histórico em que surgiu o relato “Análise da fobia de um menino de cinco anos (o pequeno Hans)”, de Sigmund Freud.

Dentro dos fatores externos ao texto, temos o **emissor**, que nesse contexto é Pernicone e também, Benítez, autores da obra *Fobias en la infancia*.

O **tempo** é 2010 (2009 e antes). O **meio** é de investigação histórica/documental. O **tema** é sobre o contexto histórico e os personagens que formam parte do caso escrito por Freud em 1909, sobre a fobia de uma criança. A **função do texto** é referencial e informativa (entendendo que essa função é a que põe ênfase no referente que, nesse caso, é o material textual que constrói a trama do texto — como há muitos textos entrelaçados, vemos que essa função referencial se combina com uma função expressiva emotiva, nos diálogos das entrevistas). A **intenção** é que seja disponibilizada uma forma diferente de leitura do caso freudiano, e também homenagear Sigmund Freud e os 100 anos de sua invenção.

Nos fatores internos ao texto, no que diz respeito ao **assunto**, o temos vinculado a um contexto alheio à língua/cultura fonte, mas também relacionado. Isso aparece de forma clara no próprio título.

As **pressuposições** são que os leitores conhecem o caso e estão familiarizados com a psicanálise. A **estruturação do texto** depende de uma unidade maior (o livro) e está dividido em parágrafos (com características gráficas diversas) e apresenta algumas convenções (citações e notas).

No texto há **elementos não-verbais** como fotos, desenhos e gráficos. No léxico/sintaxe observamos registros coloquiais (orais), redundâncias, variações linguísticas advindas das traduções, marcadores estilísticos: condicional composto/condicional simples. Os **elementos suprasegmentais** são: notas de rodapé, proliferação de elementos suprasegmentais, itálicos, negritos, aspas, parênteses e travessão.

Através de uma análise inspirada no modelo de Christiane Nord, o trabalho de tradução da obra *Fobias en la infancia* colaborou no surgimento de problemáticas e conflitos que ocorreram durante o processo de tradução, resultando na composição dos comentários de tradução que serão expostos mais à frente.

## 4.1 Tradução

A tradução aqui disposta, corresponde ao primeiro capítulo do livro *Fobias en la infancia*. O leitor encontrará na seção “ANEXO – FOBIAS EN LA INFANCIA” o texto fonte da tradução e, no próximo capítulo, o desenvolvimento dos comentários de tradução.

### *Fobias na infância*

#### Primeira Parte

Contexto histórico em que surgiu a escritura de “Análise da fobia de um menino de cinco anos (o pequeno Hans)” de Sigmund Freud.

#### Vida e obra de Max Graf

#### Comentários biográficos sobre o pai do “pequeno Hans”

##### 1. As palavras de Herbert Graf sobre seu pai

“Meu pai foi um homem extraordinário, o mais extraordinário que conheci”.

Com essas emotivas palavras *Herbert Graf* teria lembrado seu pai, Max Graf, na reportagem de Francis Rizzo realizada em 1972, publicada pela revista *Opera News*, em fevereiro daquele ano, sob o título “Memórias de um Homem Invisível”<sup>1i</sup>. Herbert Graf tinha naquele momento 69 anos, apenas um ano antes de falecer.

Em parágrafo posterior, completaria suas recordações da seguinte forma:

---

<sup>1</sup> RIZZO, Francis. *Memoirs of an invisible man: Herbert Graf recalls a half-century in the theatre*. A dialogue with Francis Rizzo. Revista Opera News, New York.

A reportagem foi publicada em sucessivas entregas (partes I, II, III, IV) nos respectivos dias 5, 12, 19 e 26 de fevereiro de 1972. Sua versão em castelhano “Memorias de un hombre invisible”, foi publicada pela revista Seminario Lacaniano Nº 7, Factoría Sur, Bs. As., 1996, págs. 8-22. (tradução: Luz Freire). É possível ler a entrevista em seu formato digital, publicada com a autorização do Dr. Juan Carlos Cosentino, na Revista digital “Psicoanálisis con niños” <<fort-da>> [www.fort-da.org](http://www.fort-da.org) em Psicomundo [www.psicomundo.com](http://www.psicomundo.com), Revista “fort-da” número 10 (ano 2008): “El pequeno Hans”, Estructura y síntoma: funcion de la fobia en la infancia.

<sup>i</sup> *N.d.T.*: “Memórias de um homem invisível” (tradução: Paloma Vidal), publicado pela Escola Letra Freudiana, em Hans e a Fobia, 1999, págs. 19-25.

Meu pai foi também um dos primeiros terapeutas freudianos. Quando eu era bem pequeno, desenvolvi um medo neurótico a cavalos. Freud fez um exame preliminar e depois dirigiu meu tratamento com meu pai como intermediário, utilizando uma espécie de jogo de perguntas e respostas que depois se converteu em uma prática padrão da psiquiatria infantil. Freud documentou minha cura em seu artigo de 1909, “Análise da fobia de um menino de cinco anos”, e como primeira aplicação da técnica psicanalítica a neurose infantil. O caso “pequeno Hans”, como se conhece popularmente, é ainda um estudo clássico neste campo.

Deste modo, graças a essa impressionante declaração realizada por Herbert no final da sua vida — os biógrafos chegaram a conhecer qual era o verdadeiro nome do nosso querido “pequeno Hans” — e quem era o seu famoso pai, sobre quem escreveu-se tanto desde 1909, a partir de Freud.

Durante anos Herbert Graf manteve uma conduta muito reservada, quase de absoluta confidencialidade, sobre sua história pessoal e seu laço com “o pequeno Hans”. Entretanto, em fevereiro de 1972, na extensa entrevista em que Rizzo lhe propôs fazer um resumo a respeito da obra “meio século de vida no teatro”<sup>ii</sup>, pareceu finalmente disposto a fazer pública essa peça chave da sua infância que, até esse momento, não havia se mostrado disposto a revelar. Ele mesmo o fez evocando ardentemente a figura do seu pai – a sua contribuição à psicanálise e a sua estreita relação com Freud.

Para satisfação dos psicanalistas interessados em reconstruir a história da psicanálise, esse parágrafo constitui uma pérola vinda dos próprios lábios de Herbert Graf, que nos permitiu ler qual era a sua visão, à distância, sobre o historial freudiano que ele, junto com seu pai, protagonizaram.

Acredito que podemos concordar com Herbert que seu pai Max Graf teve, sem nenhuma dúvida, um papel fundamental e provavelmente fundacional na história da psicanálise, ao apresentar a letra que possibilitou Freud a escrita de um dos seus cinco relatos clínicos.

Talvez, poderíamos acrescentar que Max Graf, ao aventurar-se nessa indagação minuciosa do sintoma fóbico do seu filho, levar seu discurso ao dispositivo analítico e esgrimir, enquanto pai, seu desejo de ajudá-lo dirigindo suas perguntas ao “Professor Freud”, teve o mérito inaugurar a prática da psicanálise com crianças que, sem dúvidas, nasceu desse marco produzido por tal consulta pioneira.

---

<sup>ii</sup> *N.d.T.*: Every Minute Filled: A Half-Century in Music and Theater, autobiografia de Max Graf, publicada em Vienna, em 1953. <https://www.encyclopedia.com/psychology/dictionaries-thesauruses-pictures-and-press-releases/graf-max-1873-1958>. Acesso em: 07 Nov. de 2019.

## Quem foi Max Graf? Como foi a sua vida?

O que podemos dizer dele hoje, à distância, à luz das investigações realizadas no decorrer dos anos, e com a leitura dos novos documentos disponíveis?

### 2. Suas origens. Seus Pais

Max Graf nasceu em Viena em 1 de outubro de 1873. Filho de Regina Lederer e de Josef Graf, um escritor e redator político, oriundo de Tereschau, na região de Pilsen (Bohemia), que segundo confissão do próprio Max Graf, era adepto a métodos de educação antigos que incluíam a surra como forma corretiva para a criação dos filhos<sup>5</sup>.

Em entrevista exclusiva a Kurt Eissler<sup>6</sup> feita em 1952 para os “Os Arquivos de Sigmund Freud”<sup>7</sup>, fez a seguinte descrição do pai:

**Kurt Eissler:** O senhor tinha uma boa relação com seu pai?

**Max Graf:** Não. Eu temia meu pai.

**Kurt Eissler:** Por quê?

**Max Graf:** Infelizmente não tive uma boa relação com ele. Quer dizer, interiormente; não exteriormente. Disso não havia nada. Normalmente não classificaria a nossa relação como boa.

**Kurt Eissler:** Era um tirano?

**Max Graf:** Meu Deus, não. Era ainda da antiga educação. Por qualquer motivo se apanhava, e eu tinha medo do meu pai por qualquer coisa.

---

<sup>5</sup> Praz, Josiane (2001). *Le petit Hans et sa famille: données historiques et biographiques*. Versão original em francês publicada no livro: *La sexualité infantile et ses mythes* (pp.121-139). Paris Dunod, de J Bergeret & M. Houser.

Publicada em castelhano sob o título: *El “pequeño Hans” y su familia: datos históricos y biográficos*. Josiane Praz. Revista digital “Psicoálisis con niños” <<fort-da>> N° 10 [www.fort-da.org](http://www.fort-da.org) em *Psicomundo* [www.psicomundo.com](http://www.psicomundo.com). Tradução: professora Conradina Caneiro.

<sup>6</sup> Kurt Eissler: Psicanalista nascido em Viena, em 1908, faleceu em Nova Iorque em 1999. Organizou juntamente com Anna Freud os “Arquivos Sigmund Freud” na Biblioteca do Congresso de Washington. Ali se encontram guardados os principais documentos originais. Foi o primeiro diretor dos Arquivos Freud.

<sup>7</sup> *Archives Sigmund Freud: Interviews with Freud associates, patients and family members by Kurt. R. Eissler*. Interview Max Graf- 16/12/1952. (container, Box 112). Manuscript division, Sigmund Freud Papers – Library of Congress. Washington D.C.

Nota: A reportagem de Max Graf foi realizada em 16 de dezembro de 1952, por Kurt Eissler.

A entrevista foi gravada e datilografada em seu idioma original em alemão. Esse texto permanece guardado nos Arquivos Sigmund Freud. Somente pode ser lido na Biblioteca do Congresso de Washington após autorização.

Contamos com uma versão em francês publicada em *L’inhumain dans la civilization – Bloc-notes de psychanalyse* N°14 – correspondente aos anos 1995-1996, cujo texto original em alemão foi entregue a tal publicação francesa por Ann-Kathrin Graf, filha de Herbert Graf, autorizando então sua publicação. Agradeço a Josiane por me facilitar esse texto, o enviando da Suíça.

A tradução da entrevista em espanhol pode ser encontrada na Revista de “Psicoálisis con niños” <<fort-da>> N° 10. [www.fort-da.org](http://www.fort-da.org). *Psicomundo* [www.psicomundo.com](http://www.psicomundo.com). Tradução: professora Conradina Caneiro.

Assim, Max lembraria o medo que teve do seu pai, razão pela qual não teria conseguido manter uma boa relação com ele. Nesse sentido poderíamos supor que, na hora — de criar seus próprios filhos, Herbert e Hanna — tentou explorar um modo de educação muito diferente daquela por ele vivida na infância, proporcionando, a partir desse desejo, uma forma de exercer a função paterna que estivesse isenta desse medo que ele mesmo sofreu.

Nesse sentido, poderíamos arriscar dizer que, talvez, Max Graf foi um representante pioneiro de uma nova forma de exercer a paternidade e de pensar a infância, que resultaria no protótipo de uma vasta mudança na estrutura da organização familiar que se estendeu, ao longo do século XX, com a influência da psicanálise.

Seus pais, Josef e Regina, eram primos e tiveram cinco filhos, dos quais Max era o mais velho do grupo, sendo seguido por três irmãos e uma irmã caçula.

Josef Graf, avô paterno do “pequeno Hans”, nasceu em 2 de dezembro de 1847 e faleceu em 3 de junho de 1908, exatamente um mês depois da data 2 de maio, registrada por Freud como o momento de conclusão do tratamento psicanalítico que o pai fez com seu filho.

Podemos deduzir que os cinco meses em que “o pequeno Hans” apresentou o sintoma fóbico coincidiram com a doença e final da vida desse avô paterno que, ao parecer, resultou bastante conflitivo “interiormente” na história de Max Graf.

Sua mãe, Regina Lederer, nasceu no ano de 1855 e, no relato freudiano, é conhecida como “a avó de Lainz”, aquela que Hans e seu pai visitavam todos os domingos. Regina faleceu em 27 de novembro de 1909, data casualmente coincidente com o ano da publicação do texto de Freud que relataria a fobia a cavalos de seu neto.

### 3. Max relembra o começo da fobia de seu filho

Max Graf, diante de uma pergunta realizada por Kurt Eissler durante a entrevista de 1952, lembrou da seguinte forma o início do estado de angústia de seu filho, ocorrido a partir de uma visita à casa dos avós paternos:

**Kurt Eissler:** Então, como se desenvolveu a fobia de seu filho?

**Max Graf:** O que quer dizer com “desenvolver”?... Nos domingos eu ia a Lainz, onde meus pais tinham uma casa. Passávamos sempre o domingo ali. Primeiramente, para que minha mãe o visse, pois o amava muito. Então ficavam no jardim, certo? Era um passeio de domingo...

**Kurt Eissler:** Sim. E como foi isso? Como foi a primeira vez em que o senhor observou que algo estava fora de ordem?



**Max Graf:** Bom, estávamos no jardim. Uma carruagem parou em frente ao jardim e então o menino manifestou todos os sinais de angústia. Não queria sair. Digo, naquele momento, nós queríamos justamente voltar.

**Kurt Eissler:** O senhor estava justamente a ponto de ir embora.

**Max Graf:** Queríamos ir embora, sim.

**Kurt Eissler:** A carruagem iria buscá-los? ... ou não...?

**Max Graf:** Não, não, não, uma carruagem desconhecida estava parada ali, quando notei que ele tinha medo de cavalos.

**Kurt Eissler:** E ele, o que fez? O senhor se lembra? Perguntou algo... ou...?

**Max Graf:** Não naquele momento.

**Kurt Eissler:** Você o forçou?

**Max Graf:** sim, forcei.

**Kurt Eissler:** E ele começou a chorar?

**Max Graf:** Não lembro.

**Kurt Eissler:** E nesse dia aconteceu mais alguma coisa? Ele teve medo de cavalos na cidade novamente? Ou foi simplesmente...?

**Max Graf:** Não, não foi assim não. Naquele tempo, eu vivia, nós vivíamos na rua Untere Viaduktsgasse e tínhamos uma varanda. Não tinha como o garoto conseguir ir para a varanda, porque a partir da varanda, no terceiro piso, eventualmente ser visto um cavalo<sup>8</sup>.

Relato significativo e inédito de Max Graf que perceberia, nessa recordação tardia de 1952, o primeiro estalo da angústia em Hans, no lugar e momento de início diferente ao que teria sido consignado no histórico freudiano de 1909, com base nas notas que ele mesmo teria apresentado naquela época.

Max Graf notara agora, ao contrário daquele momento, a irrupção da angústia do seu filho, justo quando devia ir embora da casa dos avôs paternos, curiosamente, no momento de ter que voltar para sua casa.

#### 4. Formação cultural e intelectual

Max Graf, já muito jovem, foi um homem de grande curiosidade e inquietude intelectual. Em virtude disso, e principalmente por sua proximidade às ideias concebidas por Freud nesse tempo, mostrou-se disposto a buscar um sentido à angústia de seu filho, sendo esse, provavelmente, o ato inaugural que estamos tentando historicizar.

Segundo o relato de 1972 de Herbert Graf<sup>9</sup>, ele lembra seu pai principalmente como musicólogo e crítico musical, entretanto seus interesses e realizações intelectuais abrangeram campos muito diversos:

<sup>8</sup> Ver na seção de “Anexos” a foto do local onde o “pequeno Hans” viveu.

<sup>9</sup> RIZZO, Francis. *Memórias de un hombre invisible*. Opera News, 1972.

Meu pai obteve seu doutorado, em direito, mas foi um formidável erudito em literatura e estética e ensinou ambas, tanto na academia de Viena, como em EUA. Também foi um analista político sagaz e durante anos escreveu artigos de fundo sobre o tema no *Neue Freie Presse*<sup>iii</sup>. Sentia-se cômodo na filosofia e na ciência, e estava perfeitamente capacitado para falar sobre matemática com Einstein, que o fez quando veio aos Estados Unidos. Foi um homem universal, mas ao mesmo tempo um autêntico vienense que sabia desfrutar de uma garrafa de vinho (ou mais) e da companhia de mulheres bonitas.

A formação cultural de Max Graf foi muito ampla, concluiu seus primeiros anos em Praga, e depois no Ginásio acadêmico, em Viena. Inscreveu-se na Faculdade de Direito, formando-se, em 1896, com 23 anos, na Universidade de Viena.

Durante um breve período de sua juventude tentou tornar-se compositor, mas desistiu de seu propósito, logo após receber a opinião taxativa de Brahms. Seu filho Herbert Graf comentaria a anedota com certo humor, desta maneira: “Uma vez levou uma de suas obras a Brahms para ser criticada. Era uma partitura ambiciosa, para muitas vozes. Brahms colocou uma enorme mão no manuscrito, bloqueando tudo, exceto os pentagramas superiores e inferiores. “Só estou interessado em como trata as partes de soprano e baixo — disse — E isso você fez mal”.

Posteriormente, dedicou-se principalmente à escrita de investigações sobre os processos de composição e crítica musical, que era sua verdadeira paixão, tendo publicado grande quantidade de trabalhos em diários vienenses como “Der Tag” e “Neunen Wiener Journal”.

Também participou de reuniões de um grupo literário conhecido como “Jovem Viena”, que se reunia no café Grienstedl, desenvolvendo ali seus interesses pela literatura.

Desde 1902 até 1938 estudou e deu aulas de História da música e estética da arte sonora na Academia Musical de Viena, dessas disciplinas foi professor desde 1909, até emigrar do seu país.

Foi discípulo de Roman Rolland<sup>10</sup>, cujas obras ele traduziu para o alemão, durante o tempo em que permaneceu em Paris como correspondente para o *Frankfurter Zeitung*.

<sup>iii</sup> *N.d.t.*: Jornal austríaco, fundado em 1864, por Max Friedländer e sucedido pelo Die Presse.

<sup>10</sup> Romain Rolland escritor francês nascido em Clamecy, Nièvre, em 29 de janeiro de 1866 e faleceu em Vézelay em 30 de dezembro de 1944. Seu primeiro livro foi publicado em 1902, quando tinha 36 anos. Treze anos mais tarde, ganhou o Prêmio Nobel da Literatura de 1915 “como tributo ao elevado idealismo de sua produção literária, a simpatia e ao amor pela verdade com o qual descreveu diversos seres humanos” Sua existência foi marcada pela paixão pela música e o heroísmo, e durante toda sua vida buscou meios de comunicação entre os homens. Sua imperiosa necessidade de justiça o levou a buscar a paz, além da contenda durante e depois da Primeira Guerra Mundial.

Alguns de seus professores foram Hans Richter, Eduard Hanslick y Anton Bruckner<sup>11</sup>.

Gustav Mahler foi um hóspede frequente em sua casa em Hietzing, com quem manteve uma estreita amizade, ao ponto de escolhê-lo como padrinho de seu filho Herbert.

Teve vínculos diretos com intelectuais como o artista e poeta Oscar Kokoschka<sup>12</sup> ou mesmo o arquiteto Adolf Loos<sup>13</sup>, e também com músicos do nível de Richard Strauss e Arnold Schoenberg, criador do sistema musical dodecafônico, cuja importância foi um dos primeiros em reconhecer.

Tal como afirmado por Francis Rizzo, sua vida cultural transcorreu em um tempo em que Viena era, ao mesmo tempo, baluarte do arquiconservadorismo e terreno fértil de ideias que logo revolucionaram as artes e as ciências. Max Graf encontrava-se no centro do círculo mais progressista de sua época e seus interesses e conquistas abrangeram campos muito diferentes.

Herbert Graf, na sua entrevista com Francis Rizzo, recuperara uma recordação magnífica da sua infância referente a seu pai, desenhando uma imagem particular de sua idiossincrasia:

---

<sup>11</sup> Hans Richter (Berlim, 1888, Muralto, 1976) foi diretor de orquestra, pintor e cineasta alemão, nacionalizado mais tarde estadunidense. Estudou nas academias de Berlim e Weimar, e mais tarde aderiu ao movimento dadaísta de Zurich. Posteriormente, dedicou-se a experimentação de contrapontos rítmicos e variações formais abstratas pintando “rolos” de papel e realizando curtametragens abstratas experimentais, como as sequências Rhythm.

Eduard Hanslick (Praga, 11 de setembro de 1825 – Viena, 6 de agosto de 1904) foi um musicista e crítico musical austríaco. Foi defensor do formalismo na música, em contraposição ao idealismo romântico da época. Sua elegante prosa lhe proporcionou uma grande reputação, a par que suas ideias lhe provocaram várias disputas com outros músicos e críticos musicais.

Josef Anton Bruckner (Ansfelden, 4 de setembro de 1824 – Viena, 11 de outubro de 1896): foi um compositor e organista austríaco. Nos países latinos sua obra é relativamente pouco conhecida, mas nos países germânicos goza de um grande reconhecimento e se considera como um dos maiores compositores da história.

<sup>12</sup> Oskar Kokoschka (Pöchlarn, 1886 – Montreux, 1980): Pintor expressionista e escritor austríaco. Embora nascido em Pöchlarn, sua família se mudou para Viena, onde passou sua infância, seus anos de juventude e de formação. Estudou na Escola de Artes Aplicadas de Viena, onde realizou seus primeiros retratos a óleo. Pintou uma série de retratos expressionistas e iniciou uma intensa atividade pedagógica. A partir do ano 1908, a influência que exercem sobre personalidades como Gustav Mahler, Gustav Klimt e Sigmund Freud se torna cada vez mais evidente.

<sup>13</sup> Adolf Loos (Brno, Moravia, Império austro-húngaro, 10 de dezembro de 1870 – Kalksburg, Viena, República da Áustria, 23 de agosto de 1933): Foi um arquiteto austríaco nacionalizado checoslovaco. É considerado um dos precursores do racionalismo arquitetônico. Esteve em contato com as vanguardas artísticas europeias de sua época. Foi o pinheiro do movimento moderno que supunha desornamentação e ruptura com o historicismo. Também gostava de escrever artigos de opinião (era muito duro com suas críticas): “Ornamento e crime” (1908) e “Arquitetura” (1910).

Uma das minhas recordações infantis mais vívidas é vê-lo no estribo e os bondes lotados de pessoas indo ao jogo de futebol de domingo no Hohe Warte, com uma mão no corrimão e com a outra segurando seu livro mais precioso, uma cópia muito usada, cheia de anotações da *Crítica da razão pura*, de Kant.

## 5. O caminho para a psicanálise

É possível que essa amplitude de pensamento fosse uma das inúmeras razões que o conduziram a aproximar-se do “Professor Freud”, e buscar a aplicação possível dessa “nova ciência”, que ainda estava nascendo e começava apenas a ser conhecida como “psicanálise”, dos seus próprios interesses pela composição, história e pela crítica musical.

Com 25 anos, aproximadamente, e em plena formação, Max Graf esteve disposto a conhecer o alcance das primeiras idealizações sobre o inconsciente, sendo por esse tempo testemunha direto da primeira publicação de “A Interpretação dos Sonhos”, no ano de 1900, e possivelmente um dos poucos leitores privilegiados dessa edição histórica, para depois ser integrado ao grupo dos primeiros discípulos formados por Freud<sup>14</sup>.

“[...]Tive a impressão de que se deveria poder aplicar esta análise do inconsciente ao processo de composição e de criação artística[...]”<sup>15</sup>  
O professor Freud me disse um dia que tinha a ideia de reunir regularmente, no seu apartamento, um grupo de senhores. Não apenas médicos, mas também gente de outras profissões. Ele me disse que tinha a intenção de examinar o alcance da teoria psicanalítica, sua significação nas áreas mais diversas [...]”

**Kurt Eissler:** Onde vocês se encontravam então?

**Max Graf:** No consultório do Doutor Freud.

**Kurt Eissler:** Em que ano? Consegue dizer?

**Max Graf:** Era por volta de 1900. Eu não sei dizer exatamente o ano... mas... “A interpretação dos sonhos” acabava de ser publicada.<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Segundo informou Ernest Jones em “Vida e Obra de Sigmund Freud”, “A interpretação dos sonhos”, de fato, foi editada em 4 de novembro de 1899, mas por decisão do editor, foi publicada em sua capa com a data de 1900. Foram imprimidos 600 exemplares que levaram 8 anos para serem vendidos. Nas primeiras semanas venderam-se 123 exemplares e nos dois anos seguintes, 228. Freud cobrou 524,40 gulden (uma quantia quase que insignificante na época). A primeira tradução ao espanhol foi feita em 1922 e ao português, em 1993.

<sup>15</sup> Max Graf, Entrevista de Kurt Eissler, ano 1952.

<sup>16</sup> Na seção “Anexo” é possível ler a história das “reuniões das quartas-feiras”, e a descrição da participação de Max Graf nelas.

Ora, como é que Max Graf chegou a conhecer Sigmund Freud e qual foi sua primeira aproximação a psicanálise?

Segundo o próprio Max Graf mencionou em seu relato, sendo ainda estudante na Universidade de Viena, por volta de 1900, havia conhecido uma jovem com quem costumava passear todos os dias. Ela, entusiasta, lhe relatava sobre seu tratamento, que estava realizando nessa época, com um “professor” chamado Sigmund Freud. Foram os comentários cativantes dessa jovem, chamada Olga Hoening — quem depois seria sua primeira esposa e mãe de seus filhos Herbert e Hanna Graf — que nele causaram um grande interesse intelectual de conhecer o tal professor e suas ideias inovadoras.

Nessa época, Max Graf frequentaria seu consultório, estabelecendo a partir daquele momento, o início de um laço intenso que depois contribuiria para o surgimento desse histórico escrito em 1909, que gerou e gera tanto debate até hoje.

Assim, Max Graf lembraria de seus primeiros encontros com Freud, em uma imagem que ainda conservava em sua memória mais de 50 anos depois de conhecê-lo, como se o tempo não tivesse passado:

“Um dia expressei o desejo de encontrá-lo pessoalmente. Ele me convidou e fui a sua casa. Naquela época ele ainda tinha os cabelos pretos, o olhar desafiante, observador, que sempre teve para com os seres humanos. Era extremamente amável, muito acolhedor. Sabia que a teoria psicanalítica me interessava. Naquele tempo nos encontramos várias vezes. Quando ele queria respirar um pouco, depois de uma jornada de trabalho, o Professor Freud costumava, com frequência ir ao café. Sua cunhada o acompanhava. Suas conversas despertaram, naturalmente, muitas coisas em mim, sendo enormemente estimulantes. Dessa forma me familiarizei com a teoria freudiana”.

## **6. Transferências e consultas pessoais com o “Professor Freud”**

A partir desses encontros iniciais ocorridos no fim do século XIX, Max Graf manteve com Freud, durante mais de dez anos, um diálogo pessoal muito direto, um sólido laço transferencial, provavelmente paternal. Esse laço era, sem dúvidas, marcado por uma forte idealização e respeito intelectual, embora também por uma estreita e calorosa amizade, segundo seu próprio relato.

Certamente, foi essa particular combinação que o levou consultar Freud em muitos momentos chaves e decisivos de sua vida, desde que o conheceu.

Max Graf solicitou a opinião do psicanalista por questões privadas e muito pessoais, tais como a conveniência de casar-se ou não com sua namorada Olga Hoenig, a quem Freud conheceu no verão de 1897, data de início da sua análise<sup>17</sup> com ele:

“Antes de decidir casar-me com ela fui a casa do Professor Freud, pois ela era sua paciente na época. Perguntei-lhe se podia casar com aquela mulher, se seu estado permitia que eu me casasse com ela. Até que Freud me disse: “Case. O que acontecerá é apenas que você encontrará prazer!”... Verdadeiramente, não tive prazer, mas talvez seja porque era muito jovem. Possivelmente eu riria se tivesse mais idade.”

Max Graf procuraria uma vez mais a opinião de Freud diante da probabilidade de divórcio, somente um ano depois de casar-se, devido aos grandes conflitos conjugais que tornaram seu matrimônio insustentável logo no início da convivência.

Ao que parece, ao mesmo tempo, também tinha consultado Freud sobre sua intenção de manter o vínculo matrimonial e resolver os problemas conjugais tendo filhos:

“...depois de um ano fui visitar o Professor Freud e disse: “Senhor professor, este matrimônio não vai pra frente!”... Ele ficou surpreso. Tentei novamente, pois pensei que, provavelmente, as crianças poderiam mudar a situação, mas isso não ocorreu...”

Podemos deduzir — seguindo de perto e textualmente tais declarações de Max Graf — que tal como o consideraria Jacques Lacan, na formulação de suas hipóteses sobre as prováveis origens do sintoma fóbico do pequeno Hans<sup>18</sup>, essa criança parece ter ocupado um lugar sintomático no casal parental e suas angústias estiveram intimamente atreladas aos conflitos conjugais irresolutos desses pais.

Uma vez nascidos seus filhos, Max Graf também buscava o conselho de Freud, sobre múltiplas questões decisivas referentes aos mesmos, em particular a respeito do seu primeiro filho, chegando até mesmo expor inquietudes tais como a possibilidade de modificar a condição de judeu de Herbert e batizá-lo como cristão, para evitar o enfrentamento com o anti-semitismo reinante em seu país, na pretensão de poupá-lo de certo sofrimento a respeito, decisão que Freud desencorajou taxativamente.

“Se você não deixa que seu filho seja educado como um judeu, o privará dessas fontes de energia que não podem ser substituídas por nada. Ele terá que lutar como judeu e você

<sup>17</sup> Para conhecer precisamente as datas do tratamento de Olga Hoening, é necessário consultar o capítulo 2, onde são oferecidos detalhes das mesmas em sua biografia.

<sup>18</sup> Jacques Lacan, *O Seminário. Livro 4*, “La Relación de Objeto”, (1956-1957), Paidós, Buenos Aires, 1994.

Nota: Desenvolveremos esta ideia de forma mais extensa com o avanço no texto.

deveria criar nele toda a energia que lhe será necessária nesta luta. Não o prive deste benefício”. (Reminiscências do Professor Freud, Max Graf, 1942)<sup>19iv</sup>

Freud interveio sobre todas essas decisões, muito antes de 1908, sendo permanentemente consultado por Max, resultando claramente que foi no terreno fértil de tal “contexto” transferencial que também se produziria a decisiva consulta pelo sintoma fóbico de seu filho, que precedeu a escrita do texto freudiano de 1909.<sup>20</sup>

## 7. Max Graf, o discípulo

### *Participação no círculo íntimo de Freud*

É importante destacar e esclarecer também, a partir das informações, que hoje sabemos que Max Graf não foi um consultante casual de Freud, nem um membro periférico de seu grupo, mas que participou ativamente no primeiro círculo de discípulos mais próximos integrando, de forma comprometida desde o começo, as “Reuniões das quartas-feiras” que aconteciam no endereço da Bergasse 19<sup>v</sup> desde 1902.<sup>21</sup>

Em tais reuniões, onde um pequeno grupo de audazes intelectuais discutiam na casa de Freud os primeiros esboços da psicanálise, Max Graf formou-se e presenciou o nascimento dos novos conceitos, contribuindo também com suas opiniões e ideias nos intensos debates nesse tempo gestacional.

<sup>19</sup> Max Graf, “Reminiscences of Profesor Sigmund Freud” publicado em 1942 pela revista “The Psychoanalytic Quarterly” (XI, pp. 465-476. (Versão inglesa de Gregory Zillborg). Este escrito foi publicado como preâmbulo da apresentação do trabalho “Personagens psicopáticos no palco”, de Sigmund Freud, cujo o manuscrito foi entregue por ele a Max Graf. Nota: A versão em castelhano é possível ser lida pela tradução de Paulo Peusner, sob o título “Reminiscencias del professor Sigmund Freud” de Max, publicada na revista “Psicoanálisis con niños” <<fort-da>> N° 10 [www.fort-da.org](http://www.fort-da.org).

<sup>iv</sup> *N.d.t.*: Não encontramos versão em português desta obra.

<sup>20</sup> Freud fez referência ao “pequeno Hans” em duas ocasiões anteriores ao caso de 1909: A primeira, em junho de 1907 em “O esclarecimento Sexual das Crianças” (carta aberta ao doutor M. Fürst). Ali escreveu sobre Hans, para mencionar sua curiosidade sexual. Comentou que conhecia “um encantador menino de quatro anos, filho pais compreensivos que se abstiveram de reprimir uma parte de seu desenvolvimento”, para logo descrever as ocorrências do mesmo sobre o “pipi”. Na versão original deste artigo, o menino foi denominado como “pequeno Herbert”, utilizando seu verdadeiro nome, mas em 1924, nas edições alemãs, foi mudado para “pequeno Hans”.

A segunda versão foi publicada em dezembro de 1908, quando foi publicado “Sobre as teorias sexuais das crianças”. Nesse texto comentou que pela “análise de um menino de cinco anos, feita pelo pai e a mim confiada para a publicação” pude confirmar que um garotinho de três anos e meio já é capaz de estabelecer a conexão entre o espessamento do ventre materno e o nascimento de um filho. Hans foi uma referência fundamental na escrita deste trabalho.

<sup>v</sup> No prédio numero 19 da rua Bergasse, em Viena, que Sigmund Freud morou e iniciou sua atuação como médico, em 1981.

<sup>21</sup> A data de incorporação de Max Graf nas “reuniões das quartas-feiras”, não é possível ser localizada de forma exata, pode ser suposta através de seus comentários e recordações, incluídas em um tempo muito próximo ao início dessas “reuniões”, criadas por Freud. (sugiro a leitura da história detalhada no “anexo” deste livro.).

Max Graf teve muitas intervenções extremamente valiosas, entre as quais podemos destacar sua Conferência de 11 de Dezembro de 1907, “Metodologia psicológica dos poetas”<sup>22vi</sup>, apresentada poucos dias antes da consulta relacionada ao sintoma fóbico de seu filho em Janeiro de 1908, e somente uns dias depois que Freud lesse pela primeira vez o texto “O poeta e o fantasiar”<sup>23vii</sup>, no dia 6 de Dezembro de 1907, em concordância com um interesse intelectual familiar a Max.

No trabalho citado acima, de autoria de Max Graf, ele interrogou-se sobre a forma em que deve ser abordado o estudo dos poetas. “Com que objeto se estuda a psicologia dos poetas? Não é possível definir determinados limites do método?”

Opondo-se a Lombroso<sup>24</sup> e aos psicólogos franceses que naquela época haviam salientado as raízes patológicas da criação no campo das letras, Max Graf realizou uma crítica a Lombroso por “enfocar nos poetas da mesma maneira que foca em um particular e interessante tipo de criminoso”.

A partir disso propõe concordar com “o professor Freud que efetuou novos descobrimentos psicológicos, para iluminar sobre a via que conduz ao inconsciente e desse modo, promoveu notoriamente os conhecimentos relativos à psique do poeta”.

“O professor Freud se interessa pela alma humana, o organismo psíquico. Os dois primeiros, portanto, podem escrever “patografias”; o professor Freud escreve análises psicológicas. Toda pessoa que possua um interesse analítico pelos poetas deve decidir se deseja escrever uma história clínica ou uma exposição psicanalítica... Entretanto não deve, como fez Sadger, constantemente, confundir ambos os métodos entre si”.

---

<sup>22</sup> “As reuniões das quartas-feiras” – **Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena**. Volume I – 1906-1908. Herman Numberg y Ernst Federn (compiladores). Versão em espanhol – Ediciones Nueva Visión. Corresponde a Reunião científica de 11 de dezembro de 1907. “Metodología de lapsicología de los poetas”. Orador: Doctor Graf. Nota: O manuscrito original permaneceu junto às Atas e, dessa forma os compiladores puderam publicar esse documento quando este lhes foi entregue juntamente ao resto das Atas.

<sup>vi</sup> *N.d.t.*: “Os Primeiros Psicanalistas” - Vol. I - 1906-1908 - Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena.

<sup>23</sup> FREUD, Sigmund. *El creador literario y el fantaseo*, 1907. *Obras completas*. Volume IX. Amorrortu editores, Buenos Aires, 1998.

Conferência ditada ante um auditório de 90 pessoas, nos salões do editor e livreiro Hugo Heller. Versão publicada em castelhano (1908).

<sup>vii</sup> *N.d.t.*: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Volume IX. “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906 – 1908). Imago, 1972.

<sup>24</sup> Ezechia Marco Lombroso (Verona: 6 de novembro de 1835, Turín; 19 de outubro de 1909), conhecido com o pseudônimo Cesare Lombroso, foi um médico e criminologista italiano, representante do positivismo criminológico. Um aspecto particularmente difundido da obra de Lombroso é a concepção do delito como resultado de tendências inatas, de ordem genética, observáveis em certos traços físicos ou fisionômicos dos delinquentes habituais (assimetrias cranianas, determinadas formas de mandíbula, orelhas, arcos superciliares, etc.).



Neste ponto, e em sua filiação pioneira à teoria freudiana é que Max Graf se constitui em um dos primeiros autores que propuseram uma forma inovadora de considerar “o método psicanalítico e sua aplicação no caso dos artistas”.

Max Graf, provavelmente foi o primeiro psicanalista, em consonância com Freud, que propôs o estudo do poeta a partir da análise de sua obra, particularmente buscando detectar os “motivos recorrentes”, ou seja, “as repetições” na mesma.

Max faria a seguinte formulação, extremamente original na época:

“...toda a criação artística está arraigada no reprimido... e o artista só supera suas inibições psíquicas mediante a criação, e quem desejar conhecer o poeta deve buscá-lo em sua obra”.

“... como proceder? De minha parte, achei um expediente que se tornou útil para meu uso pessoal: a partir dos motivos que chamo de típicos, quer dizer, os motivos poéticos recorrentes nas obras do artista.”

“Os temas fundamentais das criações do poeta revelam os mecanismos mais íntimos de sua psique. Ali, nos encontramos, de fato, no centro do inconsciente”.

Ao concluir sua conferência, Max Graf revelou a enorme idealização que regia seu vínculo transferencial com Freud, naquele momento tão próximo da consulta de seu filho, pronunciou a seguinte frase final: “A técnica do professor Freud não pode destrinchar por si só os mistérios da criação artística, a menos que seja aplicada com a sensibilidade do professor Freud”.

## **8. Nuances de seu estreito vínculo com Freud**

### ***Idealização - intercâmbios familiares – tensões.***

A relação entre Max Graf e Freud, não esteve apenas sustentada por esta idealização, mas também parece matizada por diversas situações de índole afetiva, que não foram refletidas no histórico do “pequeno Hans”, certamente pela reserva lógica que sua publicação requeria.

Segundo o próprio Max recordou em diversos lugares onde descreveu seu vínculo com Freud, em alguns períodos, mantinham um intercâmbio familiar cordial que era evocado da seguinte forma: “um contato pessoal que havia se desenvolvido entre a sua família e a minha, tornando seu aconchego humano, particularmente valioso para mim” (GRAF, 1942)<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> GRAF, Max. *Reminiscencias del profesor Sigmund Freud*, 1942.

Esses “calorosos” intercâmbios familiares, incluíram a presença de Max Graf na festa de celebração que Freud realizou em sua casa, pela comemoração do casamento de seu filho, Martín Freud.

Até mesmo Freud recorreu em algumas ocasiões — ainda que estivesse cansado depois de concluir seu longo dia de trabalho<sup>26</sup> — a visitas ao lar dos Graf, na rua Untere Viaduktgasse 35, convidado por eles.

Max Graf resgatou especialmente de sua memória um significativo episódio para indicar esse estreito laço:

“Freud tinha um papel entusiasmante em todos os acontecimentos familiares da minha casa; isso, mesmo eu sendo um jovem homem e Freud já de idade avançada com seus cabelos maravilhosamente negros começando a embranquecer. No aniversário de três anos do meu filho, Freud trouxe-lhe um balanço de cavalo que ele mesmo carregou pelos quatro lances de escada que conduziam até minha casa”.

Particular recordação que gerou as mais diversas hipóteses entre os biógrafos, que não puderam deixar de considerar e elaborar conjecturas referentes tanto ao prévio conhecimento que o menino teve sobre o “professor Freud”, que frequentemente visitava sua casa e que seu pai tanto admirava, quanto à curiosa coincidência entre esse presente de aniversário especial mencionado por Max e sua possível relação com a escolha do objeto zôofóbico descrito no histórico do “pequeno Hans”<sup>27</sup>.

## 9. O “assunto Adler”: Max e as razões de seu distanciamento de Freud

Por outro lado, podemos também mencionar que esse laço, calorosamente amigável, esteve marcado por algumas importantes tensões, que provavelmente foram a causa que conduziram ao distanciamento final de Max Graf e Sigmund Freud.

Tudo parece indicar que essas tensões estiveram, particularmente, vinculadas aos conflitos gerados pelas intervenções de Alfred Adler nas “Reuniões das quartas-feiras”, e os graves desacordos teóricos que as mesmas desataram, derivando depois, por parte de Freud, na expulsão de Adler da Sociedade Psicanalítica de Viena, assim produzindo-se a primeira grande cisão em seu grupo de adeptos.

<sup>26</sup> Reportagem com Max Graf por Kurt Eissler, 1952.

<sup>27</sup> Max Graf relataria essa mesma recordação tanto no texto “Reminiscências” de 1942, como na reportagem realizada por Kurt Eissler em 1952. Na reportagem de 1952, mudaria a data em que esse particular presente, um balanço de cavalo, havia sido entregue por Freud. Os detalhes do fato podem ser lidos mais à frente, no capítulo 3, sobre a vida Herbert Graf. Seção: “O presente de Freud”.

Max Graf e sua esposa Olga, mantinham uma relação amigável com Adler e, no decorrer das disputas, Max tentou, por várias vezes, aproximar as posições teóricas de Freud e Adler. Em geral, essas tentativas de Max ocorriam em “conversas pessoais”, em algumas das visitas frequentes que Freud fazia até sua casa, esbarrando-se em uma posição estrita por parte do criador da psicanálise, que não aceitava esse tipo de concessão com sua teoria.

Nesse contexto, Freud intimou Max Graf para que assumisse uma posição definitiva com relação a esse debate, porém, Max não estava disposto a fazê-lo, sendo este um dos motivos que o faria sair definitivamente da Sociedade Psicanalítica, distanciando-se de Freud desde então, durante os anos de 1911-1912.

Todo esse episódio — que contribuiu para seu distanciamento definitivo de Freud — também permitiu deduzir alguns dos traços da índole de Max Graf: certa tendência à conciliação, evitamento de conflitos, e uma grande renúncia a posicionar-se de forma firme ou definida, que ele mesmo descreveu assim:

**Max Graf:** Fiz parte da sociedade durante dois ou três anos. Dali extrai debates de grande proveito. Depois, veio o momento que o Doutor Adler apresentou seus trabalhos. O primeiro sobre o órgão.

**Kurt Eissler:** ... inferioridade?

**Max Graf:** Inferioridade. O Doutor Adler tentou, nos debates, esclarecer suas teorias e suas concepções de maneira muito tranquila, mas sempre chocava no que diz respeito à resistência do “Professor Adler”<sup>28viii</sup> que, evidentemente, tinha a última palavra.

**Kurt Eissler:** Quer dizer da parte do “Professor Freud”?

**Max Graf:** Sim, da parte do Professor Freud, que em matéria de crítica sempre tinha a última palavra, o que era incrivelmente rico de espírito... mas pude constatar que se tratava de um enfrentamento.

“Tentei falar sobre ele em minhas consultas com o Professor Freud, principalmente em minha casa, fato que bloqueou bastante nossa amizade. Convidei-o várias vezes para a nossa casa e devo dizer que, mesmo depois de concluir um dia de trabalho pesado e estivesse bastante cansado e, certamente, preferisse ficar em casa, ele frequentemente nos visitava. Justamente no decorrer dessas noites na minha casa, eu tinha insistido na discussão sobre a oposição entre as suas concepções e as de Alfred Adler. Uma vez lhe disse: Olhe, senhor professor, se você organiza as moedas em uma certa ordem... digamos, primeiro cara, depois Adler, cara, e assim por diante... Se você vira as moedas a visão permanece exata, certo? Se trata da mesma lei de distribuição tanto de um lado quanto de outro. O que significa então, que deve ser possível tratar uma neurose no plano psíquico, mas também deve haver uma possibilidade de trata-la igualmente no

---

<sup>28</sup> Note o “lapso” de Max Graf.

<sup>viii</sup> *N.d.t.*: Na psicanálise, este ato é denominado ato falho, lapso freudiano (lapso, palavra de origem latina, lapsus “escorregar, desequilibrar-se, escapar-se (das mãos de), cometer uma falta, um erro”) ou parapraxis.

plano somático. O professor Freud aceitou. Apenas me disse: “Mas nós dispomos apenas de uma via, a do caminho psíquico”.

“[...] Sou historiador da música, esteta em música. Tive a impressão de que esta queixa puramente científica não me ajudava mais a avançar. Minha maneira de ser consistia em encontrar o lado bom de todas as coisas, alguma verdade nas diversas concepções. E assim me esforcei para extrair algo bom das ideias do Doutor Alfred Adler, com quem fiz uma grande amizade. Verdadeiramente havia algo ali, mas neste caso não podia tomar uma decisão porque não possuía o saber e nem conhecimento[...].”<sup>29</sup>

Naquela época, Max Graf parece ter evidenciado uma grande vacilação, não podendo determinar-se a definir uma posição na disputa entre Freud e Adler, nem assumir uma escolha mais contundente naquele conflito que havia se iniciado, conflito que definitivamente seria o divisor de águas dentro daquele grupo pioneiro da psicanálise. Como sabemos — de forma simultânea — as instâncias de Freud e seu grupo de adeptos mais fiéis, sua teoria iria se espalhar rapidamente a nível mundial, a partir da criação da sociedade psicanalítica de Viena em 1908 e, também, pela enorme aceitação e difusão de sua doutrina.

Tudo indica que os fatores que precipitaram ainda mais a saída e a escolha do distanciamento, foram as próprias dúvidas de Max, e a firme maneira como Freud o confrontou a respeito das mesmas, exigindo-lhe certa definição.

Naquela época, Max Graf evocou com maior detalhe, todas as circunstâncias históricas dessa época, da seguinte forma:

“Naquela época, o Professor Freud sentiu a necessidade de transformar este pequeno círculo em uma grande sociedade internacional: a Sociedade Psicanalítica. A primeira sessão da Sociedade Psicanalítica, na qual participei, foi uma sessão em que o Professor Adler tentou fazer o Professor compreender suas teorias. Fez uma conferência muito tranquila sobre suas teorias e as objeções que o Professor Freud sempre lhe formulou. Mas não chegou a uma reconciliação, nem mesmo a um acordo[...]  
[...] Depois, uma multidão de jovens médicos, com os quais não tinha nenhum laço, entraram na Sociedade Psicanalítica... Nessa época, a polêmica do Professor Freud com o Professor Adler e mais alguns olhares críticos se intensificaram. E quando, em uma conversa com o professor Freud, tentei encontrar uma ponte entre sua teoria as do Professor Adler, ele me repreendeu de maneira enérgica, me dizendo: “Ou você aceita por bem ou não!”. Isso me deu a impressão que meu tempo ali havia terminado, certo? Eu não queria participar de grandes discussões de escola que me recordavam das discussões dos Concílios do primeiro cristianismo. Não me sentia verdadeiramente apto para isso. E assim deixei de ir às sessões da Sociedade Psicanalítica”.

---

<sup>29</sup> Max Graf, reportagem por Kurt Eissler, 1952.

Nota: Como dado adicional, esse relato de Max Graf, testemunha e participante direto das reuniões das quartas-feiras, também nos permite voltar a constatar a firmeza draconiana, a qual Freud sustentou suas teorias nesses tempos decisivos da construção da psicanálise e da causa psicanalítica.

É evidente — a partir de seu próprio relato — que tal aspecto referente ao caráter de Max Graf, de esquivar-se desse tipo de enfrentamento, de entrar em agressivas disputas entre homens ou da sua impossibilidade de definir sua própria posição a respeito, o conduziu a distanciar-se do grupo de psicanálise, que foi parte da formação até então.

Por outro lado, também devo destacar que Max Graf parece ter resistido a ser “submetido” àquilo que julgou como uma atitude intransigente por parte de Freud e mostrou um tom muito crítico a respeito dessa postura, manifestando sua oposição e justificando as causas de seu distanciamento da seguinte forma:

“Freud não escutava. Ele insistia que só havia uma teoria e afirmava que se alguém seguia Adler e abandonava a base sexual da vida psíquica, não era freudiano. Ou seja, Freud, enquanto cabeça de uma igreja, fez Adler desaparecer; o expulsou da igreja oficial[...] [...]Eu não podia, nem queria me submeter ao que Freud dizia que “devia fazer” ou “o que não devia fazer” – por me confrontar com ele – e não me restou nada mais que distanciar-me de seu círculo” (GRAF, 1942)<sup>30</sup>

Por perto de 10 anos, Max Graf chegou a pertencer ao círculo de discípulos mais próximos de Freud, contribuindo de forma muito ativa nos debates pioneiros da psicanálise, até seu distanciamento ocorrido em 1912.

## 10. O ressentimento de Olga

### *A influência de sua esposa no distanciamento.*

Creio que também é importante destacar que, ao indagar de forma mais detalhada a evolução da história da família Graf, é possível deduzir que o distanciamento de Max Graf de Freud não se reduziu somente ao motivo antes descrito, mas também haveria existido uma razão mais privada, que surgiu, de fato, do interior de seu matrimônio: o desenvolvimento de uma progressiva e intensa transferência negativa por parte de Olga Hoenig (“mãe do pequeno Hans”) com relação a Freud, talvez como efeito residual das múltiplas consultas realizadas por Max Graf ao “Professor” ao longo dos anos.

Hoje sabemos, como aparece com clareza a partir da leitura de diversos documentos – a quem é possível acessar – que sua esposa, Olga Hoenig, não foi nada alheia à decisão de distanciamento de Max, já que ela, em um período que não é

<sup>30</sup> GRAF, Max. *Reminiscencias del professor Sigmund Freud*, 1942.

possível determinar com exatidão, ao longo dos anos começou a mostrar-se extremamente hostil a Freud e terminou muito ressentida com ele.

Segundo Max Graf recordou em 1952 – e depois Herbert e sua primeira esposa Liselotte Austerlitz confirmariam em suas próprias reportagens com Kurt Eissler (1959 e 1960, Os Arquivos de Freud) –<sup>31</sup>, Olga considerou finalmente que “o Professor” foi um “mal conselheiro” para seu marido, tema que, ao parecer, também fez parte de algumas das frequentes discussões conjugais.

Esse ressentimento de Olga Hoenig, parece haver tido uma grande incidência em Max Graf, que provavelmente por esta razão também se viu obrigado a tomar distância, depois de tantos anos de um firmado laço de confiança com Freud.

Depois de virar em uma convicta partidária de Alfred Adler, posição que manteria até o final de sua vida, Olga Hoenig conservou o mesmo ânimo querelante ao longo dos anos.<sup>32</sup>

## **11. Reencontro com o “jovem pequeno Hans”. O que Freud não pôde contar**

### ***Novas datas sobre o “Apêndice de 1922”***

Talvez possamos indicar aqui, nestes conflitos “dos Graf” com relação ao “professor”, o contexto que não pôde ser explicitado por Freud, sobre as razões desse distanciamento, que talvez ele não desconhecia, pelo menos em parte, quando no ano 1922 publicou seu relato emotivo, intitulado “Apêndice da análise dos pequeno Hans”, como anexado ao final do histórico de 1909.<sup>33</sup>

Já nessa época deviam existir muitas razões justificadas que fizeram Freud não publicar as causas reais e pessoais que estavam em jogo para que o “pai do pequeno Hans” deixasse de ir ao seu consultório e cortasse o laço com ele, deixando, abruptamente, de levar informações sobre “a saúde” de seu filho Herbert.

Por outro lado, obviamente, não teve sentido a revelação de aspectos privados feita por Freud em determinado momento, aspectos que, conseqüentemente permaneceriam reservados, no ético terreno do confidencial

---

<sup>31</sup> Herbert Graf e sua primeira esposa, Liselotte Austerlitz foram entrevistados por Kurt Eissler respectivamente em 1959 e 1960. Suas entrevistas permanecem guardadas nos Arquivos Freud. Manuscritos, divisões, papéis de Sigmund Freud, Biblioteca do Congresso, Washington D.C.

<sup>32</sup> Voltaremos sobre este ponto, relatando com detalhe esse parágrafo da história, no capítulo destinado a descrever a biografia de Olga Hoenig.

<sup>33</sup> Ler ao final deste capítulo, “O último encontro de Max Graf com Freud”.

Por isso, no “Apêndice de 1922” estava escrita essa referência enigmática a respeito de seu próprio desconhecimento (a falta de “notícias”) a respeito do ocorrido com “o pequeno Hans” – evidentemente também sobre sua família – ao longo de dez anos, ou seja, desde 1912.

Assim, Freud o publicou em 1922: “Fiquei muito contente em vê-lo de novo, pois, cerca de dois anos depois do fim da sua análise, eu o tinha perdido de vista e não tinha tido notícias dele por mais de dez anos”.<sup>34ix</sup>

Um desconhecimento verdadeiramente sustentado por este longo período de uma década que, segundo sua própria afirmação em tal escrito, subitamente havia sido interrompido ao produzir-se esse belo e emotivo reencontro com o “brilhante jovem” de 19 anos que havia se apresentado espontaneamente em seu consultório declarando ser “o pequeno Hans”.

Freud não escreveu nenhuma palavra no último apêndice, de 1922, sobre os motivos que podem ter conduzido ao distanciamento da família, ainda que, permitiu-se fazer uma fugaz e única referência ao matrimônio de Graf ao comentar que o pequeno Hans “não só tinha atravessado sua puberdade sem nenhum dano, como também sua vida emocional tinha sofrido sucessivamente uma das mais severas provas. Seus pais se divorciaram e cada um deles se casou novamente”.

## **12. Sobre como Herbert Graf soube da existência do “pequeno Hans”:**

### ***Sua própria versão do encontro com Freud.***

A respeito da história de como se produziu esse inesperado reencontro, entre “o jovem pequeno Hans” e Freud, hoje também é possível trazer à tona alguns detalhes inovadores, com base no relato do próprio protagonista, Herbert Graf, já adulto.

É extremamente interessante para a reconstrução histórico-biográfica saber quando e em que circunstâncias, Herbert soube da existência do escrito de 1909 que relatava detalhes íntimos de um período de sua infância e, particularmente, de como soube que era o portador desse “popular” pseudônimo, “Hans”.

As perguntas que, naturalmente, são impostas na reconstrução são: Quais devem ter sido seus sentimentos ao lê-lo, qual sua opinião, seus agradecimentos ou suas críticas

<sup>34</sup> FREUD, Sigmund. Análisis de la fobia de un niño de cinco años (el pequeño Hans). Año 1909. Apêndice de *Análisis del pequeño Hans*. (1922). *Obras completas*. Volume X. Amorrortu editores, Buenos Aires, 1988.

<sup>ix</sup> *N.d.t.*: FREUD, Sigmund. Análise da fobia de um menino de cinco anos: (O pequeno Hans) (1909). Pós-Escrito. (1922). *Obras Completas*. Volume X. Imago, Rio de Janeiro, 2002, p. 90.

e sua visão à distância sobre o ocorrido com o escrito freudiano que o teve como protagonista?

Em 1959, Herbert Graf relatou na reportagem com Kurt Eissler<sup>35</sup> que chegou a ter conhecimento pela primeira vez sobre seu pseudônimo, “pequeno Hans”, somente em sua adolescência, depois de ter descoberto e lido, casualmente, na biblioteca de seu pai, Max Graf, o escrito de sua própria análise, enquanto o ajudava a mudar-se depois da separação de sua mãe, Olha Hoenig.

Herbert Graf fez uma referência muito detalhada nessa entrevista privada que foi publicada, e que ainda está restringida à leitura, exceto com autorização especial dos “Arquivos de Sigmund Freud”, podendo ser lida somente na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, em Washington<sup>36</sup>.

**Herbert Graf:** “O estranho é isso: Não fui consciente de nada (a respeito do histórico clínico), sobre o que alguma vez me aconteceu, até que meus pais divorciaram-se, quando eu tinha aproximadamente 16 ou 17 anos, e tive que tomar conta do traslado da biblioteca de meu pai da casa da minha mãe para aquela que depois seria sua casa.

Naquele tempo, eu estava interessado na psicologia... e essas coisas... Mas essa era a primeira vez que essa análise particular, que me referia, caía em minhas mãos. Eu vi, li e, claro, meu nome não era o nome verdadeiro, mas os nomes da minha tia e de outras pessoas eram os nomes corretos; por exemplo, tenho uma tia, irmã da minha mãe, de nome Maritschi, que é um nome muito insólito, incomum e esse nome estava escrito ali de forma correta. Ao ler isso percebi que tudo aquilo “tinha” algo a ver comigo.

Daí, fui com meu pai, que sabia muito dessas coisas que eu desconhecia, e lhe perguntei: o que é isto? Obviamente isso diz respeito a mim! Meu pai me disse: Sim, correto. Então, ele me contou a história inteira dessa análise, que estava sob seu encargo, que ele realizou. Assim como o entendo, não havia visto Freud, exceto uma vez no começo e uma vez no final, quando tinha cinco anos. Então lhe perguntei se isso era verdade. E ele disse, sim, é tudo verdade. Depois falamos dele e disse ‘agora eu gostaria de conhecer o professor Freud.’”

Herbert Graf recordou que foi esse casual descobrimento na biblioteca de sua casa e a explicação posterior que seu pai lhe deu sobre o histórico de 1909, o que

<sup>35</sup> Herbert Graf, Reportagem com Kurt Eissler. (1959). Arquivos Sigmund Freud.

<sup>36</sup> Agradeço a Jerome C. Wakefield, psicanalista de Nova York, que me enviou o texto “Max Graf’s ‘Reminiscences of Professor Sigmund Freud’ Revisited: New Evidence from the Freud Archives,” by Jerome C. Wakefield First published in ©The Psychoanalytic Quarterly, 2007, The Psychoanalytic Quarterly, Volume LXXVI, Number 1, pages 149-192. Nesse escrito podem ser lidos parágrafos dessa reportagem que Kurt Eissler realizou com Herbert Graf, em 1959, que citaremos em momentos distintos deste livro. Jerome Wakefield transcreve esses parágrafos logo após ter tido acesso à entrevista na biblioteca do Congresso de Washington, Arquivos Freud, com a autorização de seu diretor Harold Blum. A versão em castelhano do escrito de Jerome C. Wakefield foi publicado com autorização do autor, e da revista The Psychoanalytic Quarterly, na revista “Psicoanálisis con niños” <<fort-da>> www.Fort-da.org número 10. Página Psicomundo www.psicomundo.com. Título: “Reminiscencias del Profesor Sigmund Freud” de Max Graf, novamente inspecionado. Nova evidência dos Arquivos Freud, Jerome C. Wakefield. (Ano 2008). (Tradução do texto ao espanhol: Mónica Galesio e Ariel Pernicone).



motivou o seu desejo de ir até o consultório para encontrar-se com o “Professor Freud” em dita oportunidade.

Esse encontro foi evocado assim:

[...] Meu pai disse, na mesma hora, você deveria conhecê-lo. Liguei para o Professor Freud, marquei uma consulta e fui vê-lo em seu consultório. Ele me olhou, sem me reconhecer, eu disse a ele: Sou o pequeno Hans! E foi muito comovente. Ele veio até mim, me abraçou, e disse: sente-se! E depois tivemos uma longa conversa. Ele me perguntou o que estava fazendo, que planos tinha, etc., ao final me disse que sentia que o tratamento de alguma forma me fez bem porque falei e agi, ao menos em sua presença, muito normalmente. E voltei para minha casa.

Tempos depois ouvi que alguma classe de pós-escritos referentes às minhas consultas em seu consultório, havia sido acrescida, depois de tantos anos, e que ao ver-me pessoalmente teve a maior prova de que sua teoria era correta, etc. E eu comentei que o fato de terminar na ópera poderia ser a prova de que não foi tudo tão normal, não depois de tudo!<sup>37</sup>

Depois do emotivo e comovente relato, nota-se, como uma pincelada de cor, a aparição cômica ao final de seu comentário, contendo uma curiosa coincidência: a mesma sutil e astuciosa ironia deste Herbert Graf adulto que tinha o pequeno Hans criança, tal como pudemos ler em alguns parágrafos memoráveis do histórico, com os quais, podíamos nos deleitar.

Para completar a versão do próprio Herbert Graf sobre esse encontro temos também seu mais tardio e público relato, feito em 1972 a Francis Rizzo, na entrevista para *Opera News*<sup>38</sup>, perto de seus últimos dias, que contém também a imagem que ainda conservava de Freud em dita ocasião:

“Encontrei-me casualmente com um artigo no consultório do meu pai e reconheci alguns dos nomes e lugares que Freud havia conservado sem modificação. Em um estado altamente emotivo, visitei o grande doutor em seu consultório de Bergasse e me apresentei como o “pequeno Hans”. Por trás do escrito, Freud se assemelhava aos bustos dos filósofos gregos com barba que havia visto na escola. Levantou-se e me abraçou afetuosamente dizendo que não podia desejar maior reivindicação de suas teorias do que ver ao jovem alegre e saudável de dezenove anos em que havia me tornado.”

Herbert Graf também havia declarado, em entrevista privada com Kurt Eissler do ano de 1959, que poderia conhecer os detalhes de seu “tratamento”, depois desse intenso diálogo com seu pai, sentia que lhe estava muito agradecido, por haver “tomado em suas mãos” tal situação e tê-lo ajudado com seu problema quando era criança,

<sup>37</sup> Herbert Graf, Reportagem por Kurt Eissler – 1959 - Arquivos Sigmund Freud. Nota: Sugiro como exercício de leitura, comparar este relato de Herbert Graf aos 56 anos, com a descrição da mesma cena, realizada por Freud no Apêndice de 1922.

<sup>38</sup> “Memórias de um homem invisível” reportagem a Herbert Graf por Francis Rizzo, 1972.

porém, por outro lado também havia expressado na mesma entrevista, que no pessoal era muito crítico a respeito de sua história ter sido publicada, manifestando de forma taxativa: “Eu não concordei” com a publicação do caso.

### **13. Max Graf e sua tentativa de analisar sua esposa Olga Hoenig**

#### *Divorcio e novos matrimônios*

Cabe mencionar neste ponto, que Max Graf não apenas analisou seu filho, mas também fez uma tentativa, seguramente fracassada, de analisar sua esposa, tal como ficou consignado em uma frase de Freud, escrita em uma carta de 2 de fevereiro de 1910 dirigida a Carl Gustav Jung, certamente ambígua:

“Eu havia considerado que analisar a própria esposa é absolutamente impossível. O pai do pequeno Hans demonstrou-me que funciona muito bem. Entretanto a regra técnica que suspeito desde há pouco, <<superar a contratransferência>>, na verdade, se torna muito difícil nesta análise.” (Sigmund Freud)<sup>39</sup>

Max Graf finalmente divorciou-se de Olga Hoenig em 30 de setembro de 1920, quando seus filhos eram adolescentes, permanecendo, segundo ele mesmo explicaria, em um matrimônio extremamente conflitivo durante 18 anos, sustentando esse tempo prolongado seu instável laço conjugal, pretendendo não perturbar com uma separação prematura o desenvolvimento emocional de Herbert e Hanna.

Aos 80 anos, na reportagem de 1952 com Kurt Eissler, Graf expressou alguma dúvida, quase como um pensamento tardiamente em voz alta, sobre o acordo ou não da decisão a respeito de haver prolongado desse modo seu matrimônio com Olga:

“Apesar de tudo, resisti 18 anos e meio nesse matrimônio até que as crianças fossem suficientemente grandes para que eu pudesse partir tranquilamente, sem interferir demais em seu desenvolvimento. A dúvida me veio somente um pouco mais tarde quanto a saber se não teria sido melhor ter partido antes... Não sei... não é certo?”<sup>40</sup>

Pouco tempo antes do divórcio, Olga Hoenig se casaria pela segunda vez com Franz-Josef Briychta, em 20 de outubro de 1920.

Por sua parte, Max Graf, voltou a casar-se em duas oportunidades, primeiro, com Rosa Zentner, artista lírica, no dia 17 de novembro de 1920. Posteriormente, aos 56

---

<sup>39</sup> A correspondência entre Sigmund Freud e C.G. Jung Edited by William McGuire. Editor por William McGuire.

<sup>40</sup> Max Graf, reportagem por Kurt Eissler, 1952. Arquivos Sigmund Freud.

anos, com Poly Bastic, uma jovem cantante lírica de 23 anos, nascida em 28 de Dezembro de 1906, ou seja, possuía a mesma idade de sua filha caçula, em 1929<sup>41</sup>.

#### 14. O suicídio de Hanna, a irmã do pequeno Hans

A irmã de Herbert, a pequena Hanna, suicidou-se na década de 40, sendo esta dolorosa morte, mais uma na série de perdas trágicas na história da família de Herbert Graf.

Na reconstrução de sua história, ao referir-se a sua filha, Max Graf, diante das perguntas de Kurt Eissler em 1952, deteve-se particularmente na afirmação de que existiram atitudes muito hostis por parte da mãe, que a rejeitou desde muito nova.<sup>42</sup> Graf comentou também que sua filha sentia-se inferior, pois desejava ser universitária, “talvez médica”, mas sentia que o dinheiro era somente para os estudos de seu irmão. Max Graf recordou que sua filha não teve uma formação superior, mas era extremamente inteligente, e trabalhou na Edição Universal, em Viena por um período.

Por outro lado, mencionou a respeito da vida de sua filha Hanna, que aproximadamente aos 22 anos, “conheceu um jovem; russo, um ótimo garçom, e creio que um homem muito decente, e começou uma relação com ele. Não sei muito, além disso. Um dia, disse que queria casar com ele, algo que, pessoalmente, me impressionou já que esse homem havia sido oficial no Exército Russo, deixou a Rússia e trabalhou um tempo como pedreiro em Viena...”.

Max Graf recordou que sua filha lhe pediu ajuda financeira no começo, e depois ela “proporcionou àquele homem uma formação na Academia como cantor, já que possuía uma linda voz, acabou sendo contratado. Ela também frequentava a Academia, e posteriormente ele tornou-se administrador de ópera”.

A respeito da possível causa que precipitou o suicídio de sua filha, em 1952, quando Kurt Eissler tocou no assunto, Max Graf o lembrou desta forma:

**Kurt Eissler:** Quantos filhos você tem?

**Max Graf:** Dois. Perdi uma filha.

**Kurt Eissler:** Ela morreu aqui na América?

**Max Graf:** “Sim, morreu aqui. Ela casou-se e viveu um matrimônio infeliz. Meu Deus!... Como ela queria mudar a situação de qualquer maneira, esteve com outros homens e foi assim que então esteve com um homem que viveu

<sup>41</sup> Cronologia detalhada por Josiane Praz. (Suíça)

<sup>42</sup> A descrição mais completa desta rejeição de Olga Hoening para sua filha, pode ser lida no capítulo deste livro dedicado a biografia de Herbert Graf.

como aquele, o qual havia se divorciado e isso parece ter sido sua sentença. O trágico foi que apenas três dias depois do acontecimento recebi uma carta de seu marido, na qual, ele me suplicava para que eu a influenciasse a retomar seu matrimônio. Porém já era muito tarde!”.

Seu relato parece refletir grande dor diante do ocorrido com sua filha, fato relatado por Max Graf uma década depois de ter acontecido.

No entanto, por outro lado, seu filho Herbert Graf, em reportagem privada a Kurt Eissler, em 1959<sup>43</sup>, curiosamente, conservou uma imagem muito distinta de seu próprio pai, mostrando-se extremamente surpreso diante da estranha reação afetiva que Max Graf teve no funeral de sua filha, e também com a morte de sua segunda esposa, Roza Zentner:

**Herbert Graf:** Meu pai tinha essa habilidade maravilhosa... praticamente igual a de Goethe, de jogar coisas fora.<sup>44</sup> Lembro que logo depois de sua segunda esposa falecer, eu fui vê-lo. Ele ainda era bastante jovem, estava em sua melhor idade. Naquele momento, a ideia de encontrá-lo solitário me aterrorizava. Mas ele estava ali, sentado, sorridente e disse: “Ela morreu de uma forma tão linda, tão maravilhosa”... E isto era uma linda característica. Tinha a enorme força para transformar positivamente as coisas, ou esquecê-las, deixá-las de lado. Minha irmã lamentavelmente se suicidou, neste país. Meu pai estava aqui quando isto aconteceu, e eu realmente não sei como ele conseguiu lidar com essa situação. Isto foi assombroso! Apesar disso, ele não foi ao enterro.

**Kurt Eissler:** E ao funeral?

**Herbert Graf:** Não.

Em sua própria observação sobre esta particular posição subjetiva de seu pai perante a morte, Herbert parece querer destacar, a posição de Max com relação à supressão de sentimentos negativos, e de “ver o lado bom em tudo”. Uma característica de Max Graf que parecia indicar certa tendência ao desvio de sentimentos angustiosos e à negação perante as perdas.

Um aspecto de seu pai — evidenciado pela maneira como Herbert o tentou acentuar em seu relato — era que ele tornou-se muito difícil de compreender, sempre enigmático e ainda “assombroso”, mesmo com o passar do tempo.

## 15. O último encontro de Max Graf com Freud

### *Emigração e retorno*

<sup>43</sup> Herbert Graf, reportagem por Kurt Eissler, 1959.

<sup>44</sup> Provável referência ao texto de Freud sobre Goethe.

Tanto Max Graf como Herbert Graf, emigraram aos EUA na década de 30, onde ambos desenvolveram uma intensa atividade profissional em torno da música. Herbert converteu-se em um grande diretor de cena e produtor de ópera na reconhecida Casa Metropolitana de Ópera de Nova York, onde trabalhou perto de 30 anos.<sup>45</sup>

Max Graf, que assim como Freud, teve que emigrar de Viena em 1938 por causa do nazismo, desenvolveu uma importante atividade docente, como escritor e crítico musical. Ministrou classes desde 1940 até 1947, na New York School for Social Research. Também foi professor convidado no Instituto Carnegie de Tecnologia de Pittsburgh e na Temple University, na Filadélfia, continuando sua mesma intensa tarefa docente, quando voltou a Áustria, uma década depois de emigrar, dando seminários de crítica musical ou dando classes no Mozarteum de Salzburgo, até o final de sua vida.

Max Graf retornou a Viena em 1947, onde permaneceu até sua morte, que ocorreu em 24 de junho de 1958.

Sempre lembrava Freud com respeito e admiração, citando seus ensinamentos, e em muitas ocasiões baseando-se na conceitualização psicanalítica ao longo de sua extensa obra escrita.

Em sua reportagem a Kurt Eissler, em 1952, recordou com bastante pesar seu último encontro com Freud.

Segundo o relato de Max Graf, depois que seu filho Herbert — já adolescente — foi ao consultório de Freud, onde ocorreu esse emotivo e cálido encontro que foi publicado em 1922, também havia decidido visitá-lo para conversar sobre o “estado saudável” do até então jovem “pequeno Hans”.

Max recordou que, em dita ocasião, havia se encontrado de forma inesperada com um Freud distante, que não estava disposto a retomar o diálogo sobre a base amigável que mantiveram durante o início da psicanálise e nos tempos da escrita do histórico.

Max Graf também recordou que ao perguntar-lhe sobre os motivos dessa atitude direcionada a ele, Freud reclamou sua saída da Sociedade Psicanalítica, e disse que ele havia “deixado contas pendentes desde aquele tempo”.

Max comentou que, provavelmente, alguma ferida surgiu nesse último encontro, e lembrou que somente voltou a esbarrar ocasionalmente com Freud — quem o saudava à distância e “olhava de soslaio” — nas ruas de Viena.

A situação foi lembrada textualmente por Max Graf da seguinte forma:

---

<sup>45</sup> A história de Herbert Graf como *regisseur* (diretor), pode ser lida no capítulo 4 deste livro.

**Max Graf:** ... Posteriormente, depois que meu filho foi recebido afetuosamente por Freud, eu não o via há alguns anos – tempo em que a escola havia se tornado internacional - tive uma entrevista com ele e queria falar justamente sobre meu filho. Quando cheguei me recebeu de maneira bastante amigável, como era habitualmente e assim lhe fiz uma pergunta: “Diga-me Senhor Professor, francamente o que aconteceu que o senhor mudou de tom a respeito de mim?”. Ele me respondeu: “Sim, você renunciou à Sociedade Psicanalítica. Não pagou mais a conta que devia e não participou mais.”. Sim, era verdade. Se eu devia algo, não sei, é possível, certo? Mas vi que a conversa não se desenvolvia mais sobre a antiga base de amizade e dessa forma me despedi. Não encontrei Freud mais, exceto algumas vezes na rua. Naturalmente o saudava muito civilizadamente, pois minha opinião sobre ele não havia mudado. Mas ele sempre olhava de soslaio, com o olhar desconfiado.

**Kurt Eissler:** não respondia suas saudações?

**Max Graf:** Sim, sim, evidentemente me correspondia. Mas eu diria que era como se saudasse a um estranho.<sup>46</sup>

Aos 80 anos Max Graf ainda conservou em suas recordações essa penosa lembrança, exatamente 30 anos depois de ocorrer, provavelmente com o mesmo tom afetivo e machucado, mesmo com o passar do tempo.

## 16. Notas finais

Ao concluir sua vida em 1958, Max Graf carregava uma enorme quantidade de escritos publicados, aproximadamente 15 livros, integralmente referidos a temas vinculados a história, composição e crítica musical.

Alguns de seus principais títulos são:

*O problema Wagner e outros estudos (1900);*

*A música na época do renascimento (1905)*

*O ateliê interior do músico (1910);*

*Richard Wagner in “Fliegenden Holländer”, uma contribuição à psicologia da criação artística (1911);*

*Legenda de uma cidade musical. A história de Viena (1945);*

*Compositor e Crítico: Duzentos anos de Crítica Musical (1946)*

*De Beethoven a Shostakovich. A psicologia do processo de composição (1947);*

---

<sup>46</sup> Reportagem por Kurt Eissler, 1952, Arquivos Sigmund Freud.

Finalmente *Cada hora fue satisfactoria*, um livro autobiográfico escrito pouco tempo antes de morrer.<sup>47</sup>

Suas recordações sobre Freud, foram testemunhadas publicamente no artigo *Reminiscences of Professor Sigmund Freud*<sup>x</sup>, de 1942, publicado no “*The Psychoanalytic Quarterly XI*”, que prefaciou a apresentação do escrito “Personagens psicopáticos no palco”, cujo manuscrito Freud havia anexado a ele em 1905 e Max o guardou por 40 anos, aproximadamente, até sua publicação.

Nessas reminiscências – que contém muitas recordações dos primeiros momentos da psicanálise e de seu estreito laço com Freud - Max Graf não fez, de forma aberta, nenhuma referência a seu filho e sua relação com o pseudônimo, “pequeno Hans”, nem sobre o tratamento prévio de sua esposa, por razões óbvias de confidencialidade, embora tenha evocado de forma fugaz esse aniversário de três anos de seu filho, em que Freud foi até sua casa e presenteou seu filho com um balanço de cavalo, o qual, o próprio Freud carregou pelas escadas, deixando ali um sutil comentário, uma leve pista, que não passaria despercebida pelos biógrafos, ainda que tempos depois.

Dez anos mais tarde, exatamente em dezembro de 1952, em sua entrevista privada a Kurt Eissler, documento que, como mencionamos, permaneceu até pouco tempo, restringido à leitura guardado nos “Arquivos de Sigmund Freud”, na Biblioteca do Congresso dos EUA, em Washington (seguindo uma política indicada pela família de Freud), Max Graf estava disposto a fazer abertamente referência a muitas questões da história que permaneceram veladas até então. Ali, mencionou sem sua correção anterior, a identidade de seu filho Herbert Graf com relação ao “pequeno Hans” descrevendo detalhes desconhecidos sobre sua história, seu sintoma, sua vida, a trama familiar que o rodeou e o aspecto pessoal, em torno do qual, foi escrito o texto freudiano “Análise da fobia de um menino de cinco anos (o pequeno Hans)”, de 1909.

Meu desejo é que ao ter feito este escrito recorrido e detalhado sobre a vida de Max Graf, particularmente com relação a Sigmund Freud e o início da psicanálise, tomando como referência esses documentos, transcrevendo alguns de seus parágrafos essenciais, tenha contribuído a uma melhor e mais ampla possibilidade de trabalho de leitura desse imenso histórico freudiano, conhecido por todos como “o pequeno Hans”,

---

<sup>47</sup> A lista completa da obra de Max Graf encontra-se na seção “Anexo” deste livro.

<sup>x</sup> *N.d.t.*: Não foi encontrada versão em português do escrito.

que tanto contribuiu e segue contribuindo para nossa compreensão do trabalho psicanalítico com crianças, no tema das fobias e aos estados angustiosos na infância.



## 5 COMENTÁRIOS DE TRADUÇÃO

Neste capítulo, pretendemos apresentar ao leitor o percurso de pesquisa em alguns momentos da tradução que foram chaves, não apenas para a elaboração da tradução, mas para aprimorar o entendimento dos desdobramentos do trabalho de tradução. Os comentários são o caminho que escolhemos percorrer enquanto tradutores da primeira parte do livro *Fobias en la infancia*, de Ariel Pernicone.

De acordo com Nord (2016, p.15), em seu livro *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*, a pesquisadora alemã afirma que “a maioria dos escritos sobre a teoria da tradução concorda que antes de entrar em qualquer tradução o tradutor deve analisar o texto de forma abrangente”.

A escolha dos comentários de tradução, foi um desdobramento da análise textual feita, inspirada no modelo de C Nord. Neste sentido, é importante notar que através do trabalho de tradução e de revisão da tradução que foi apresentado a nós o caminho para elaborarmos os comentários.

### 5.1. Sintaxe

Algo que nos chamou muita atenção com relação ao texto de Pernicone, do ponto de vista intratextual, especificamente na sintaxe, o texto apresenta um uso recorrente de frases, nas quais utiliza verbos, que na língua espanhola, são conhecidos como *condicional simple* ou *condicional compuesto*. Estes tempos verbais podem expressar possibilidades teóricas, ou probabilidades e suposições no passado ou também indicar que a ação futura que poderia ter acontecido e terminado com relação a uma ação passada ou possibilidade passada<sup>1</sup>, como nos casos da palavra em espanhol *evocaría*, que está exemplificada logo abaixo.

No texto também são encontradas construções que possuem esse valor condicional. Construções como *parece que*, *podemos deducir*, que proporcionam ao texto um tom não-definitivo, entretanto, são tão recorrentes que em determinados momentos, a leitura passa a ser um tanto quanto cansativa.

Para diminuir esse efeito, sem eliminá-lo completamente, fizemos algumas modificações, como no seguinte caso (p. 49):

---

<sup>1</sup> Ver: <https://www.stoodi.com.br/resumos/espanhol/modo-indicativo-condicional/>. Acesso em: 15 set. 2019.

Texto Fonte	Texto Meta
Max <b>evocaría</b> que, en dicha ocasión, se habría encontrado en forma inesperada con un Freud distante, que no habría estado dispuesto a retomar el diálogo sobre la base amistosa que habían mantenido durante los inicios del psicoanálisis y en los tiempos de la escritura del historial.	Max <b>recordou</b> que, em dita ocasião, havia se encontrado de forma inesperada com um Freud distante, que não estava disposto a retomar o diálogo sobre a base amigável que mantiveram durante o início da psicanálise e nos tempos da escrita do histórico.

Como se pode notar no exemplo acima, no TF se utilizou a contração do verbo com o valor condicional e na tradução, dentre outras soluções escolhemos dar a casos semelhantes ao exemplificado acima, para que esse efeito fosse diminuído, nesse caso, optamos por colocar os verbos no pretérito perfeito do indicativo.

## 5.2 Manejo de citações

A pesquisa de Pernicone está entretecida de outros textos e a maioria deles são traduções.

Esse fato apresentou-se como problemática no momento da tradução. Sendo que surgiu a seguinte questão: o que fazer quando encontramos textos citados, que por sua vez são traduções?

Ao utilizarmos um recorte de um fragmento de uma entrevista de Kurt Eissler com Hebert Graf, presente no texto fonte (p. 25), espelhamos algumas versões de tradução para este mesmo recorte de texto. Optamos pela tradução indireta da versão em espanhol presente no texto de Pernicone. Buscamos também, além da versão disponibilizada na obra de Pernicone, a versão original, em inglês, e a tradução de Paloma Vidal, escritora e tradutora argentina/brasileira.

Na obra *Fobias en la infancia*, a tradução utilizada foi a de Luz Freire, tradutora argentina, que traduziu diretamente do inglês. Essa tradução foi cotejada com a de Paloma Vidal, também feita do inglês. A terceira versão de tradução, é a nossa proposta de tradução que, como mencionado, é uma tradução indireta a partir da proposta de Luz Freire.

O texto está disposto da seguinte forma:

Mi padre fue también uno de los primeros terapeutas freudianos. Cuando yo era muy pequeño, **desarrollé un miedo neurótico a los caballos**. Freud hizo un examen preliminar y luego dirigió el tratamiento con mi padre como intermediario, utilizando una especie de juego de preguntas y respuestas que luego se convirtió en una práctica estándar de la psiquiatría infantil. Freud documentó mi cura en su artículo de 1909 “Análisis de la fobia de un niño de 5 años”, y como primera aplicación de la técnica psicoanalítica a la neurosis infantil. El caso “pequeño Hans”, como se lo conoce popularmente, es aun un estudio clásico en este campo.

No seguinte quadro, dispomos diferentes versões de tradução, as quais tivemos acesso, para mostrar as escolhas de cada tradutor em relação ao trecho “... *I developed a neurotic fear of horses*”.

Inglês (Texto original) <i>Revista Opera News</i>	Espanhol Luz Freire	Português Paloma Vidal	Português Minha tradução
<b>When I was still very Young,</b> I developed a neurotic fear of horses.	Cuando yo era muy pequeño, <b>desarrollé un miedo neurótico a los caballos.</b>	Quando eu era pequeno, <b>fui tomado por um medo neurótico de cavalo.</b>	Quando eu era bem pequeno, <b>desenvolvi um medo neurótico a cavalos.</b>

No texto fonte, podemos perceber o uso do termo *developed*, que em português seria como “desenvolver, desenrolar, revelar”. No relato, Herbert Graf fala a respeito do desenvolvimento da fobia de cavalos nele, quando ainda era uma criança. Ou seja, a tradução “desenvolvi” se torna mais próxima à fala de Herbert.

Na tradução de Luz Freire, podemos perceber que a tradutora seguiu a mesma linha do texto fonte, assim como a nossa tradução foi semanticamente mais próxima a versão em espanhol. Porém algo nos chamou atenção com relação à versão da tradutora Paloma Vidal, pois a mesma escolheu não traduzir *developed* por “**desenvolver**”, mas sim da construção pela construção “**fui tomado por**”.

Esse fato nos levou a indagar o porquê de tal escolha de tradução e por fim, chegamos à conclusão de que a escolha pode indicar uma certa influência do conhecimento que a tradutora Paloma Vidal tem do campo psicanalítico, já que a construção “**fui tomado**” denota uma certa impessoalidade, mais próxima dos fundamentos da teoria psicanalítica.

Também levamos em consideração o fato de que Herbert Graf era paciente e não psicanalista para fazer uso de termos desse campo. A tentativa de Paloma em manter uma compreensão psicanalítica é compreensível, mas se trata de uma entrevista com um paciente e não um analista.

No que diz respeito a nossa escolha de tradução ser a versão de Luz Freire e não a de Paloma Vidal, é devido a tradução de Paloma Vidal não corresponder ao que está presente na citação em espanhol, que por sua vez, parece bastante próxima a da língua inglesa. Então, para não afastar o raciocínio de Pernicone, optamos por abrir mão da tradução feita pela tradutora Paloma Vidal.

### 5.3 Notas enciclopédicas.

Observemos a nota de rodapé sete (p. 30):

TF	TM
Roman Rollan escritor francés nacido em Clamecy, Nièvre, el 29 de enero de 1886 y fallecido en Vézelay el 30 de diciembre de 1944. Su primer libro fue publicado en 1902, cuando tenía 36 años. Trece años más tarde, ganó el Premio Nobel de Literatura de 1915 “como tributo al elevado idealismo de su producción literaria y a la simpatía y el amor por la verdad con el cual ha descrito diversos tipos de seres humanos.”. Su existencia estuvo marcada por la pasión por la música y el heroísmo, y durante toda su vida buscó medios de comunión entre los hombres. Su imperiosa necesidad de justicia lo llevó a buscar la paz más allá de la contienda durante y después de la Primera Guerra Mundial.	Romain Rolland escritor francés nacido em Clamecy, Nièvre, em 29 de janeiro de 1866 e faleceu em Vézelay em 30 de dezembro de 1944. Seu primeiro livro foi publicado em 1902, quando tinha 36 anos. Treze anos mais tarde, ganhou o Prêmio Nobel da Literatura de 1915 “como tributo ao elevado idealismo de sua produção literária, a simpatia e ao amor pela verdade com o qual descreveu diversos seres humanos”. Sua existência foi marcada pela paixão pela música e o heroísmo, e durante toda sua vida buscou meios de comunicação entre os homens. Sua imperiosa necessidade de justiça o levou a buscar a paz além da contenda durante e depois da Primeira Guerra Mundial.

Tal nota evidencia o fato de que o critério de notas do Pernicone é, além de indicar as referências, fornecer informações enciclopédicas. É claro que nos dias de hoje, um leitor consegue ter acesso a esse tipo de informação sem maiores dificuldades. No entanto, entendemos que o gesto do autor aponta a facilitação da leitura. Critério este que mantivemos na medida em que optamos por deixar todas as notas enciclopédicas.

#### 5.4 Tradução de obras citadas em notas

Neste comentário destacamos a análise feita a partir do critério utilizado por Pernicone nas notas de rodapé e reconto do que seriam as notas do texto e como essas notas se modificaram ao serem incluídas novas notas.

Ao traduzirmos as obras contidas no texto de Pernicone, tínhamos a possibilidade de utilizar uma variedade de traduções para o português, mas usamos como padrão a *Edição Standard Brasileira das Obras de Freud*, pois se trata do mesmo ordenamento da versão em castelhano, da editora *Amorortu*, que por sua vez tem ordenamento de Strachey, autor da versão standard inglesa, que é considerada a principal versão das obras de Freud.

Dessa forma, ao depararmos com as notas de rodapé que possuíam referências das obras de Freud em espanhol, escolhemos manter o mesmo critério do autor e assim, criamos notas do tradutor, onde colocamos as referências dessas obras, em português.

Observemos a nota 31 (p. 42):

TF	TM
Sigmund Freud, Análisis de la fobia de un niño de cinco años (el pequeño Hans). Año 1909. Apêndice de <i>Análisis del pequeño Hans</i> . (1922). Obras completas. Volume X. Amorrortu editores, Buenos Aires, 1988.	Sigmung Freud. Análisis de la fobia de un niño de cinco años (el pequeño Hans). Año 1909. Apêndice de <i>Análisis del pequeño Hans</i> . (1922). <b>Obras completas</b> . Volume X. Amorrortu editores, Buenos Aires, 1988.  <b>N.d.T.:</b> Versão em português: Análise da fobia de um menino de cinco anos: (O pequeno Hans) (1909). Obras Completas. Volume X. Imago, Rio de Janeiro, 2002.

Ao elaborar notas com as referências em português, disponibilizamos ao leitor tais informações seguindo a pauta do texto fonte, no qual o autor deixa as referências, seja por questões editoriais ou para que o leitor, se precisar, faça as consultas necessárias.

Nesse sentido, as notas agregadas na tradução são referenciais, seguindo a mesma lógica de Pernicone, na tentativa de oferecer ao leitor da tradução a mesma possibilidade do leitor do texto fonte.

## 5.5 Intertextualidade de citações traduzidas

Como dito anteriormente, o trabalho de Pernicone é uma pesquisa documental e por este motivo, há muitos recortes de outros textos, como um verdadeiro mosaico formado por vários textos.

Na apresentação de seu trabalho, Pernicone escreve que alguns dos documentos inéditos referenciados em seu trabalho, eram privados até pouco tempo antes da escrita da obra *Fobias en la infancia* e que ele teve acesso a alguns desses. Isso nos faz refletir e entender o porquê dos vários recortes destes documentos que foram citados sem as suas devidas referências e postos como parte do texto e não como citação.

Muitos documentos citados que, por sua vez, eram traduções – o que justifica nossa tradução indireta – e em algumas das referências dos textos citados na obra, informamos se existia uma tradução do mesmo, mas em muitos dos textos e relatos citados não localizamos o correspondente em português, devido ao ineditismo.

Vejamos o seguinte exemplo (p. 36):

A partir de allí plantea su adhesión al “*professor Freud quien há efectuado nuevos descubrimientos psicológicos, que han arrojado luz sobre la vía que conduce al inconsciente y de ese modo, ha promovido notoriamente los conocimientos relativos a la psiquis del poeta*”.

*“El profesor Freud se interesa por el alma humana, el organismo psíquico. Los dos primeros, por lo tanto, pueden escribir “patografías”; el Profesor Freud escribe análisis psicológicos. Toda persona que posea un interés analítico por los poetas debe decidir si desea escribir una historia clínica o una exposición psicoanalítica. ... Pero no debe, como lo ha hecho Sadger, confundir constantemente ambos métodos entre si.”.*

Tal recorte do texto é uma citação acerca de Freud e que inicialmente, ao nos colocarmos no papel de leitor, nos passou despercebido, porém ao iniciarmos o trabalho de tradução mostrou-se confuso, por 2 fatores:

- 1) Presumimos que esta seja uma citação de Max Graf, mas no texto essa informação não está totalmente clara, já que anteriormente, não há nenhum vocativo que explicita tal fato;
- 2) No texto fonte não há referência da obra ou documento do qual foi retirada a citação, não nos permitindo recorrer ao documento original para obter

respostas a tais questionamentos;

Tais fatores até certo ponto comprometeram a fluidez do texto, e nesse sentido tentamos em nossa tradução melhorar os ruídos e a costura que tecia este mosaico de recortes entre um texto e outro, mas nem sempre foi possível.

No quadro a seguir, mostramos o trato que foi dado a estes recortes documentais, na busca de amenizar esses efeitos inextricáveis presentes no texto de Pernicone:

TF	TM
<p><i>“profesor Freud quien ha efectuado nuevos descubrimientos psicológicos, que han arrojado luz sobre la vía que conduce al inconsciente y de ese modo, ha promovido notoriamente los conocimientos relativos a la psiquis del poeta”.</i></p>	<p>“o professor Freud que efetuou novos descobrimentos psicológicos, que lançaram luz sobre a via que conduz ao inconsciente e desse modo, promoveu notoriamente os conhecimentos relativos à psique do poeta”.</p>

Textos derivados de documentos aos quais o autor teve acesso — não sabemos se diretamente do texto fonte —, comprometeram a fluidez e estética do texto e dessa forma, tentamos, em nossa tradução, melhorar esses recortes de relatos que aparecem por várias vezes durante o texto, como no caso de uso excessivo de itálico, erros relacionados a pontuação etc.

No que diz respeito à referência, não foi possível referenciar citação, pois não tivemos acesso à fonte. Mantivemos o relato na altura da primeira linha dos parágrafos do texto e mudamos o tamanho da fonte para o tamanho 11 para dar um certo destaque à citação sem precisar usar itálico, negrito ou sublinhado e assim fazer claro que se tratava de uma citação.

## 5.6 O fracasso de Freud

Na nota de rodapé número 11 (p. 32), encontramos a seguinte informação:

Según informaría Ernest Jones en “Vida y Obra de Sigmund Freud”, “La interpretación de los sueños” fue editada en realidad el 4 de noviembre de 1899, pero por decisión del editor fue publicada en su tapa con fecha 1900. Se imprimieron 600 ejemplares para cuya venta se necesitaron 8 años. En las primeras seis semanas se vendieron 123 ejemplares y en los dos años siguientes 228. **Freud cobró 524,40 gulden (un equivalente a 240 pesos argentinos)**. La primer traducción al español se hizo en 1922.

As informações dadas nesta nota foram retiradas do livro *Vida e Obra de Sigmund Freud*, escrita por Ernest Jones. No texto de Jones, quando encontramos a informação que está relacionada não somente à difícil venda, mas também a Freud ter recebido apenas 524, 40 guldens na primeira venda de seus exemplares *A interpretação de sonhos*, o que nos parece ser realmente evidenciado é o fato de que esse valor representa o fracasso da obra, que futuramente seria considerada um marco para a psicanálise.

Para a tradução da nota acima, pensamos em algumas opções para traduzir o valor de 524,24 gulden, levando em consideração não somente o valor, mas a ideia que é passada através da inserção dessa informação.

Ao fazermos um trabalho de investigação, nos encarregamos de buscar a obra “Vida y obra de Sigmund Freud”, de Ernest Jones, citada na nota de rodapé.

No livro encontramos o seguinte trecho:

En la famosa carta (21 de septiembre de 1897) en que anuncia su desengaño respecto a la teoría de la seducción, uno de los rasgos inquietantes que sobresalen es el de que, siendo errónea su teoría etiológica, ya, no podría estar seguro de poder curar las neuroses, que es de lo que dependía como medio de vida. Pero su teoría sobre los sueños quedaba intacta: **“¡Qué lástima que no podamos vivir de la interpretación de los sueños!”**. No pasó un mes sin que se cumpliera su presagio. Sólo tenía dos pacientes, los dos gratuitos: **“Con esto llegan a tres, pero no rinden nada.”** Durante un año las cosas anduvieron mal. No pudo abandonar Viena, ya que no podía permitirse perder un sólo día de trabajo. En el mes de octubre siguiente (1898), estaba trabajando duramente otra vez, con once horas diarias de psicoanálisis. (JONES, 1981, p. 333, **grifo nosso**)

Esse trecho nos leva a pensar que, a situação financeira de Freud estava cada vez mais complicada e, por essa razão, o pai da psicanálise foi levado a cobrar apenas 524,40 gulden pelos exemplares de “A interpretação dos sonhos”. Além disso, o que nos é indispensável destacar, é que o contexto evidenciado em tal trecho é um respaldo para o fato de que 524,40 gulden, naquela época foi um valor irrisório para a importância de tal obra. Ou seja, a recepção da obra foi um fracasso.

Neste sentido, apresentamos a tradução que demos à nota:

TF	TM
En las primeras seis semanas se vendieron 123 ejemplares y en los dos años siguientes 228. Freud cobró 524,40 gulden <b>(un equivalente a 240 pesos argentinos)</b> .	Nas primeiras seis semanas venderam-se 123 exemplares e nos dois anos seguintes, 228. Freud recebeu 524,40 gulden <b>(uma quantia quase insignificante na época)</b> .



Ao acrescentarmos a informação “**uma quantia quase insignificante na época**”, não queremos trazer a atenção do leitor ao valor de 524,40 gulden em si e ao fato de esse valor era uma quantia irrisória, mas queremos ponderar que, à priori, a venda da obra que hoje é tida como revolucionária, no que diz respeito aos estudos do inconsciente, foi um fracasso. Assim como constatado por Ernest Jones em sua obra:

Se imprimieron 600 ejemplares, para cuya venta se necesitaron ocho años. En las primeras seis semanas se vendieron 123 ejemplares, y 228 en los dos años siguientes. Freud recibió en pago 524,40 gulden (41 libras y 16 chelines). Dieciocho meses más tarde, según escribía Freud, **ninguna publicación periódica científica, y sólo unas pocas de otro carácter, habían mencionado el libro. Simplemente se le ignoró.** (JONES, 1981, p. 353, grifo nosso)

Assim, apresentamos alguns caminhos que poderíamos ter seguido na tradução da nota 11:

- 1) No lugar do valor em espanhol dado no TF, na tradução colocarmos a seguinte informação: “uma quantia quase insignificante na época”;
- 2) Deixar exatamente como no TF;
- 3) Tentar esclarecer, levando em consideração que flutuações monetárias impedem a precisão;
- 4) Procurar o referido texto de Ernest Jones e fazer uma interpretação a partir dele;
- 5) Perguntar para o autor (Ariel Pernicone);

Diante dessas opções, a que melhor se apresentou foi manter o valor em gulden, sem a conversão equivalente em espanhol, nem mesmo em português, mas deixando nossa interpretação feita a partir do texto de Jones para evidenciar o fracasso que foi o livro naquele tempo.

Nossa escolha foi direcionada pelos seguintes fatores:

- a) Deixar evidente a informação a respeito da venda do exemplar de “A interpretação dos sonhos”;
- b) Caso optássemos por converter, o valor não teria a precisão do valor original;
- c) A pesquisa nos levou a inferir que a envergadura dessa obra não correspondia àquilo que Freud conseguiu ganhar no primeiro momento (venda dos exemplares);

## 5.7 El “hace pipí”

Na nota de rodapé 17 (p. 35), está citado sobre as ocorrências do menino sobre o “pipí”:

Freud fez referência ao “pequeno Hans” em duas ocasiões anteriores ao caso de 1909: A primeira, em junho de 1907 em “O esclarecimento Sexual das Crianças” (carta aberta ao doutor M. Fürst). Ali escreveu sobre Hans, para mencionar sua curiosidade sexual. Comentou que conhecia “um encantador menino de quatro anos, filho de pais compreensivos que se abstiveram de reprimir uma parte de seu desenvolvimento”, **para logo descrever as ocorrências do mesmo sobre o “pipí”**. Na versão original deste artigo, o menino foi denominado como “pequeno Herbert”, utilizando seu verdadeiro nome, mas em 1924, nas edições alemãs, foi mudado para “pequeno Hans”.

A nota não está relacionada e nem diz respeito ao momento e à situação, a qual, o pequeno Hans usa a construção *hace pipí* para referir-se ao próprio pênis, tal situação não é relatada, mas apenas citada na nota como referência ao fato da “curiosidade sexual” do garoto de quase 3 anos. Como tivemos acesso às traduções em português e espanhol do caso do pequeno Hans, algo nos chamou bastante a atenção na nota de rodapé 17. Destaque para o recorte de sua respectiva tradução:

TF	TM
Comentaria que conocía a “un hermoso niño de cuatro años y a sus inteligentes padres que renunciaron a sofocar violentamente su desarrollo”, para luego describir las ocurrencias de ese niño acerca del <b>“hace pipí”</b> .	Comentou que conhecia “um encantador menino de quatro anos, filho pais compreensivos que se abstiveram de reprimir uma parte de seu desenvolvimento”, para logo descrever as ocorrências do mesmo sobre o <b>“pipí”</b> .

No texto fonte, ao termo “pipí”, temos o correspondente em espanhol *hace pipí* (que seria mais ou menos como “faz-xixi”). Em nosso processo de tradução, instantaneamente, a tradução que veio à mente para *hace pipí*, era “fazer xixi”, no sentido da ação de fazer xixi. Logo recuamos, ao entendermos que não faria sentido, pois o contexto dizia respeito à fala de uma criança. Sabemos que as falas das crianças são idiossincráticas, marcadas pela cultura, pelas relações parentais etc. Será que uma criança na Índia fala da mesma forma que uma no México? Como funciona essa “criancice”? Esse falar, que designamos como “falar criança”?

Tal dizer foi perdido na versão Standard brasileira, ao ser traduzido apenas como “pipí”. Na versão da editora Companhia das Letras, Paulo César traduziu como “faz-pipi”, na de José Luis Etcheverry (1993) esse “falar” foi acentuado ao ser utilizada a tradução *hace pipí* e na primeira tradução direta, feita por Luís López Ballesteros

(1981), notamos um destaque ainda maior da fala de uma criança, sendo a tradução para *la cosita de hacer pipí*.

Neste sentido, fomos levados a esboçar uma realidade nos tempos de Freud, a realidade do pequeno Hans. Herbert Graf, mais conhecido como pequeno Hans, uma criança alemã, de três anos aproximadamente, no ano de 1909 (destaque às informações), faz uso da expressão *hace pipí*. Como explicar o funcionamento de tal fala?

Nosso intuito com essa argumentação não é o de responder ou decifrar tal bruma, conformados de que nem sempre serão solucionados todos os conflitos propostos por um texto, mas sim levantar um debate a respeito do mesmo.

Através de investigação e de um trabalho de pesquisa chegamos ao alemão, que nos apresentou o termo *Wiwimacher*; entretanto, por não sermos conhecedores de tal língua, optamos por deixar a discussão em aberto. Quiçá, futuramente a temática possa ser retomada.

## 5.8 O vínculo de Max Graf e Freud

No livro *Fobias en la infancia* é exposto o vínculo que Freud tinha com Max Graf e a família do “pequeno Hans”, chegando até, no aniversário de três anos do garoto a dar de presente um balanço de cavalo, animal que futuramente se tornaria objeto da fobia do menino.

Em um determinado trecho, Pernicone faz uso do pronome possessivo *su*, de maneira que novamente no texto lança uma reflexão a respeito do vínculo que existia entre Freud e Max Graf.

No trecho do texto fonte (p. 28):

Su madre, Regina Lederer, nació en el año 1855 y es conocida en el relato freudiano como “la abuela de Lainz”, a la que Hans y su padre visitaban todos los domingos. Regina falleció el 27 de noviembre de 1909, fecha casualmente coincidente con el año de la publicación del texto de Freud que relataría la fobia a los caballos de **su nieto**.

Quando Ariel faz uso de “seu neto” deixa aberta as seguintes possibilidades de interpretação da situação:

**1º:** Parece que Freud é o avô da criança, já que pouco antes do uso de tal expressão falava-se da pessoa de Freud: “... data casualmente coincidente com o ano da publicação do texto de Freud que relataria a fobia a cavalos de seu neto.”.

O leitor não conhecedor da história do “pequeno Hans” e que tenha tido acesso direto à versão traduzida, pode vir a pensar que Freud era o avô do pequeno Hans. Nesse caso, o nosso papel de tradutor é propiciar uma maior compreensão, ou seja, contribuir para a divulgação das informações. Quiçá, esse não foi o objetivo traçado pelo autor da pesquisa, mas isso não impede que surja como hipótese num projeto de tradução.

O que acontece se mantivermos a ambiguidade?

Detectada a ambiguidade podemos pensar que foi a intenção do autor. Nesse caso, o tradutor detecta a ambiguidade, e ora esclarece pensando no leitor, ora devolve para o texto.

**2º:** A avó da criança é Regina, conhecida como “a avó de Lainz”. O fragmento: “Sua mãe, Regina Lederer, nasceu no ano de 1855 e é conhecida no relato freudiano como “a avó de Lainz”, aquela a que Hans e seu pai visitavam todos os domingos”, deixa explícita tal impressão, por ser uma descrição a respeito da mãe de Max Graf. Se Max Graf era o pai do “pequeno Hans”, conseqüentemente, Regina era avó da criança. Nesse caso não haveria nenhuma ambiguidade.

O que tentamos sublinhar neste comentário são as possibilidades de leitura que a atividade de tradução faz comparecer. Esse lugar de leitura privilegiada, é costumeiramente negado ao leitor do texto, e mesmo ao escritor que pode nem saber das nuances de leitura do seu texto.

A seguir, apresentamos a tradução proposta para esse fragmento:

TF	TM
Regina falleció el 27 de noviembre de 1909, fecha casualmente coincidente con el año de la publicación del texto de Freud que relataría la fobia a los caballos de <b>su nieto.</b>	Regina faleceu em 27 de novembro de 1909, data casualmente coincidente com o ano da publicação do texto de Freud que relataria a fobia a cavalos de <b>seu neto.</b>

Como se pode observar a nossa proposta de tradução privilegiou a opção de não esclarecer ao leitor, de não deixar de forma explícita o que foi para nós um desdobramento de leitura. Pensamos que não poderíamos optar por uma tradução que finja que a tradução é um exercício de transparência.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos o processo de tradução como o de lapidação de um diamante, processo que tem o intuito de aperfeiçoar o diamante, para que o mesmo possua maior valor e beleza. O processo de lapidação é árduo — o diamante é o material mais duro que se conhece na natureza — e a qualidade da lapidação é que ditará o valor da jóia. Assim entendemos o processo de tradução. Cada “erro”, acerto, etapa e caminho que escolhemos percorrer durante esse processo, que determinará o valor e beleza da mesma.

A construção deste trabalho nos proporcionou a possibilidade de diluir a ideia de que tradução inclui somente duas línguas e dois textos e mais ainda, guindou a reflexão a respeito da árdua tarefa que é traduzir. Tarefa que não se limita somente à transposição de determinado texto de uma língua a outra, mas que envolve um agrupamento de processos necessários para que tal tarefa seja cumprida com maestria.

Se na psicanálise o sujeito supõe possuir o saber, porém não o possui, na tradução o tradutor deve possuí-lo, para que assim a tradução cumpra seu papel.

Não acreditamos que em uma tradução existam escolhas erradas do tradutor, mas sim, que cada decisão dele traz uma nova oportunidade de pontos de referência para traduções futuras de um mesmo texto. Pois assim como no campo psicanalítico, no campo da tradução as resoluções e temáticas não são definitivas, mas podem sempre tornar a ser discutidas e refletidas.

Nosso intuito foi expor as principais barreiras encontradas durante o processo de tradução e discorrer sobre nossas escolhas frente a tais problemáticas, sabendo que o caminho da tradução é um caminho feito de decisões.

Como resultado deste trabalho e a pesquisa a ele elencado, pudemos levantar questionamentos que permearam a tradução do texto *Fobias en la infancia*, fazendo-se necessário incansáveis retornos ao texto e à própria tradução para que somente assim, questões outrora ocultas, emergissem como problemáticas de tradução. Para tanto, procedeu-se aos comentários da tradução.

Desta forma, não objetivamos a resolução dos enigmas e conflitos advindos no ato de traduzir, mas tais ensejos foram essenciais para falarmos sobre os enlances do texto traduzido. O que nos permite concluir que foi através da tradução (experiência) que pudemos refletir sobre a mesma. E o que resulta desta relação entre a experiência e

a reflexão?

A possibilidade de uma fala, um dizer sobre a tradução.

**REFERÊNCIAS**

- ESCALANTE, Alba. **Traduzir Psicanálise: Impasses de um texto.** In: TAVARES, Pedro; COSTA, Walter Carlos; BUENO, Marcelo de Paula (Org.). Tradução e Psicanálise. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- ESCALANTE, Alba. O texto freudiano: um caso especial de tradução técnico-científica. In: C., Roscoe-Bessa; C., Bell-Santos; F., Lamberti. **A tradução em contextos especializados.** Brasília: Verdana, 2015, p. 107-122.
- FREUD, Sigmund (1909). Análise da Fobia em um menino de cinco anos. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud: **Dois histórias clínicas (O “Pequeno Hans” e o “Homem dos ratos”).** Rio de Janeiro: Imago, v. 10, 1976, p. 11-154.
- FREUD, Sigmund (1913). **O Interesse Científico da Psicanálise.** In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 13, 1977, p. 211-226.
- FREUD, Sigmund (1913). **Totem e Tabu.** In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 13, 1996, p. 123-124.
- FREUD, Sigmund (1923). **O Ego e o Id.** In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- HANNS, Luiz Alberto. Uma Nova Tradução Brasileira das Obras de Freud. **Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial.** Rio de Janeiro, 2003, p. 1-13. Disponível em: <[http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial\\_rj/download/3f\\_Hanns\\_112141003\\_port.pdf](http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/3f_Hanns_112141003_port.pdf)>. Acesso em: 30 mai. 2019.
- JONES, Ernest (1961). **Vida y obra de Sigmund Freud.** Barcelona: EDITORIAL ANAGRAMA, 1981.
- LACAN, Jacques (1957). Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. As formações do inconsciente. **O seminário.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, v. 5.
- LONGO, Leila. **Linguagem e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- NORD, Christiane. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática.** São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016. 439 p. Tradução e adaptação de: Meta Elisabeth Zipser.
- WYLER, Lia. **Línguas, Poetas e Bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil,** Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 158 p.

RIZZO, Francis; GRAF, Hebert. Memórias de um homem invisível -Herbert Graf relembra meio século no teatro: um diálogo com Francis Rizzo. In: ESCOLA LETRA FREUDIANA. **Hans e a Fobia**. Tradução Paloma Vidal, v. 24. 1999, p. 19-25. Tradução de: *Memoirs of an Invisible Man: A Dialogue with Francis Rizzo* (1972).

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976.

SAUSSURE, F. “Natureza do signo lingüístico” In: **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1970, pp. 79-84.

TAVARES, Pedro. **As novas traduções de Freud feitas diretamente do alemão**. Estilo e terminologia. TradTerm, São Paulo, v. 19, p. 109-116, 19 11 2012. Disponível em: <<http://tradterm.vitis.uspnet.usp.br/>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

TAVARES, Pedro. **Versões de Freud. Breve panorama crítico das traduções de sua obra**. Rio de Janeiro: 7 letras

ZWICK, R. Sobre a tradução de um termo empregado por Freud. In: FREUD, S. **O Mal-Estar na Cultura**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010, p.190-191.



## ANEXO A — “FOBIAS EN LA INFANCIA”

Esta obra aborda la cuestión de las *fobias en la infancia* para el discurso del psicoanálisis.

El lector encontrará este libro dividido en dos partes, que enlazan sus hilos al modo de una trama, que busca conducirlo, en un trayecto de ida y vuelta entre ambas.

La primera parte –a cargo de Ariel Pernicone–, está íntegramente dedicada a la reconstrucción histórico biográfica del caso “pequeño Hans” con la intención de brindar el contexto en el cual surgió su escritura.

En base a documentos históricos recientemente accesibles –al levantarse su restricción en los Archivos Sigmund Freud–, se recorren los avatares de la familia Graf: Max Graf, (padre) Olga Höenig, (madre) Herbert Graf (verdadero nombre del “pequeño Hans”) y Hanna Graf (hermana).

En forma complementaria se incluye un “Anexo” con una serie de fotos, imágenes, cronología detallada, y un árbol genealógico; con el objetivo de ilustrar los diversos aspectos de la vida de los participantes del historial.

El lector encontrará aquí la mas completa biografía de los integrantes de la familia que protagonizó el historial freudiano de 1909 que aborda el sintoma fóbico de ese niño de apenas cinco años, y que ha sido considerado el caso fundante de la práctica psicoanalítica con niños.

En la segunda parte –a cargo de Mirtha Benítez–, la autora avanza con el tratamiento de la fobia en el discurso del psicoanálisis, siguiendo el recorrido que va de *la fobia en la estructura al sintoma fóbico*.

Allí se realiza un cuidadoso relevo doctrinario sobre el tema que ocupa a este libro enhebrando su desarrollo con relatos clínicos extraídos de su propia práctica; a través de los cuales dejará sentada una posición respecto de cómo pensar la fobia en la estructura del ser hablante, tomando como referencial las obras de Sigmund Freud y Jacques Lacan.

Imagen de tapa: Fotografía de Herbert Graf y su madre, Olga Höenig

TEORÍA PSICOANALÍTICA

MIRTHA BENÍTEZ  
ARIEL PERNICONE

MIRTHA BENÍTEZ  
ARIEL PERNICONE

# FOBIAS EN LA INFANCIA

*De la historia biográfica de la familia Graf  
a la fobia en el discurso del psicoanálisis*



Letra  
Viva

SEGUNDA EDICIÓN

ISBN 978-950-549-308-0



9 789506 493080

## Primera Parte

Contexto histórico en el que surgió la escritura  
del “Análisis de la fobia de un niño de cinco años  
(el pequeño Hans)” de Sigmund Freud

ARIEL PERNICONI

## Vida y obra de Max Graf

### Comentarios biográficos sobre el padre del “pequeño Hans”

#### 1. Las palabras de Herbert Graf sobre su padre

*“Mi padre fue un hombre extraordinario, el más extraordinario que he conocido.”*

Con estas emotivas palabras recordaría *Herbert Graf* a su padre, *Max Graf* en el reportaje que le hiciera Francis Rizzo en 1972, publicado por la revista *Opera News*, en febrero de ese año, bajo el título *“Memorias de un Hombre Invisible”*. Herbert Graf tenía en ese momento 69 años, tan solo un año antes de fallecer.

Un párrafo posterior, completaría sus recuerdos de esta forma:

*“Mi padre fue también uno de los primeros terapeutas freudianos. Cuando yo era muy pequeño, desarrollé un miedo neurótico a los caballos. Freud hizo un examen preliminar y luego dirigió el tratamiento con mi padre como intermediario, utilizando una especie de juego de preguntas y respuestas que luego se convirtió en una práctica estándar de la psiquiatría infantil. Freud documentó mi cura en su artículo de 1909 ‘Análisis de la fobia de un niño de 5 años’, y como primera aplicación de la técnica psicoanalítica a la neurosis infantil. El caso ‘pequeño Hans’, como se lo conoce popularmente, es aun un estudio clásico en este campo.”*

1. Francis Rizzo, “Memoirs of an invisible man”, Herbert Graf recalls a half-century in the theatre. A dialogue with Francis Rizzo. Revista Opera News, New York. El reportaje fue publicado en entregas sucesivas (partes I, II, III, IV) los días 5, 12, 19 y 26 de febrero de 1972, respectivamente. Su versión en castellano “Memorias de un hombre invisible”, fue publicada por la revista Seminario Lacaniano N° 7, Pactoría Sur, Bs.As., 1996, págs. 8-22. (traducción Jutz Preite). Es posible leer la entrevista en su formato digital, publicada con la autorización del Dr. Juan Carlos Cosentino, en la revista de psicoanálisis con niños “fort-da” [www.fort-da.org](http://www.fort-da.org) en Psicomundo [www.psicomundo.com](http://www.psicomundo.com). Revista “fort-da” número 10 (año 2008): “El pequeño Hans”, Estructura y síntoma: función de la fobia en la infancia.

De ese modo, gracias a esta sorprendente declaración, realizada por Herbert en el final de su vida, los biógrafos llegaron a conocer cuál era el verdadero nombre de nuestro querido “pequeño Hans”, y quién su famoso padre, sobre quienes tanto se ha escrito desde 1909, a partir de Freud.

Durante años Herbert Graf, había mantenido una conducta muy reservada, casi de absoluta confidencialidad, acerca de su historia personal y su lazo con “*el pequeño Hans*”. Sin embargo, ese febrero de 1972, en esta extensa entrevista en la que Francis Rizzo le propuso hacer un repaso por su “*medio siglo de vida en el teatro*” (ópera) pareció finalmente dispuesto a hacer pública esa pieza clave de su infancia que hasta dicho momento no se había mostrado afecto a revelar, y lo hizo evocando cálidamente la figura de su padre, su aporte al psicoanálisis y su estrecha relación con Freud.

Para beneplácito de los psicoanalistas interesados en reconstruir la historia del psicoanálisis, este párrafo constituye una perla surgida de la boca misma de Herbert Graf, que nos ha permitido leer cual era su visión a la distancia sobre el historial freudiano que él junto a su padre, habían protagonizado.

Creo que podemos coincidir con Herbert en que, su padre Max Graf, tuvo sin ninguna duda, un papel fundamental, y probablemente fundacional en la historia del psicoanálisis, al aportar la letra que le permitió a Freud la escritura de uno de sus cinco historiales.

Quizás podríamos agregar, que al aventurarse Max Graf en esa indagación minuciosa del síntoma fóbico de su hijo e ingresar su discurso en el dispositivo analítico, y al esgrimir como padre su deseo de ayudarlo, dirigiendo sus preguntas al “Profesor Freud”, ha tenido el mérito de dar por inaugurada la práctica del psicoanálisis con niños que sin dudas ha nacido luego de ese hito producido por esta consulta pionera.

## ¿Pero quién fue Max Graf? ¿Cómo fue su vida?

¿Qué podemos decir hoy, a la distancia, acerca de él, a la luz de las investigaciones realizadas a lo largo de los últimos años, y con la lectura de los nuevos documentos a los que hemos podido acceder?

### 2. Sus orígenes. Sus Padres

Max Graf nació en Viena el 1 de octubre de 1873. Fue hijo de Regina Lederer y de Josef Graf, un escritor y redactor político, oriundo de Tereschau, en la región de Pilsen (Bohemia), quien según confesión del propio Max Graf, era adepto a viejos métodos educativos, que incluían la paliza como forma correctiva de enseñanza a los hijos.<sup>2</sup>

2. Pratz, Josiane (2001). *La petit Hans et sa famille: domées historiques et biographiques*. Versión ori-

En su entrevista privada con Kurt Eissler<sup>2</sup> en el año 1952 para los “Archivos Sigmund Freud”<sup>3</sup> lo describiría así:

**Kurt Eissler:** *¿Usted tenía buena relación con su padre?*

**Max Graf:** *No. Yo temía a mi padre.*

**Kurt Eissler:** *¿Por qué?*

**Max Graf:** *Desgraciadamente no tuve buena relación con él. Quiero decir interiormente, no exteriormente. En esto no había nada. Normalmente no calificaría de buenas nuestras relaciones.*

**Kurt Eissler:** *¿Era un tirano?*

**Max Graf:** *Mi Dios, no. Era todavía de la antigua educación. Por una estupidez uno recibía palizas y yo tenía miedo de mi padre por cualquier cosa.*

Max recordaría así, haber tenido mucho miedo a su padre, y por tal razón no haber logrado mantener una buena relación con él, motivo por el cual podríamos suponer, que al momento de criar a sus propios hijos, Herbert y Hanna, habría buscado incursionar en un modo de educarlos muy diferente al que él vivió en su infancia, probablemente propiciando a partir de ese deseo, una manera de ejercer la función paterna que estuviera exenta de ese temor en la crianza que él mismo padeció.

Podríamos aventurar en este sentido, que quizás Max Graf fue un representante en francés publicada en el libro: *La sexualité infantile et ses mythes* (pp. 121-139). Paris: Dunod, de J. Bergeret & M. Housier.

Publicada en castellano bajo el título: El “pequeño Hans” y su familia: datos históricos y biográficos. Josiane Pratz. Revista digital de psicoanálisis con niños “fort-da” N° 10. [www.fort-da.org](http://www.fort-da.org) en Psicomundo [www.psicomundo.com](http://www.psicomundo.com) Traducción: profesora Conradina Canero.

3. Kurt Eissler: Psicoanalista nacido en Viena en 1908, falleció en Nueva York en 1999. Organizó junto a Anna Freud los “Archives Sigmund Freud” en la Biblioteca del Congreso de Washington. Allí se encuentran guardados los principales documentos originales. Fue el primer director de los Archivos Freud.

4. Archives Sigmund Freud: Interviews with Freud associates, patients and family members by Kurt R. Eissler. Interview Max Graf -16/12/1952. (continer, Box 112). Manuscript division, Sigmund Freud Papers—Library of Congress, Washington D.C.

Nota: El reportaje a Max Graf fue realizado el 16 de diciembre de 1952 por Kurt Eissler. La entrevista fue grabada y transcrita a máquina de escribir en su idioma original alemán. Ese texto permanece guardado en los Archivos Sigmund Freud. Solo puede ser leído en la misma Biblioteca del Congreso de Washington, con autorización.

Contamos con una versión en francés publicada en *Linhumain dans la civilisation—Blocs-notes de psychanalyse* N° 14— correspondiente a los años 1995-1996, cuyo texto original en alemán fue entregado a dicha publicación francesa por Ann-Kathrin Graf, hija de Herbert Graf, autorizando así su publicación en aquel entonces. Agradezco a Josiane Pratz por haberme facilitado este texto, enviándolo desde Suiza.

La traducción al castellano del mismo, puede ser encontrada en la revista de psicoanálisis con niños “fort-da” N° 10. [www.fort-da.org](http://www.fort-da.org). Psicomundo [www.psicomundo.com](http://www.psicomundo.com) Traducción: profesora Conradina Canero.

te pionero de una nueva forma de ejercer la paternidad, y de pensar la niñez, que resultaría paradigmática de un cambio sustancial en la estructura de la organización familiar, al hacerse extensiva a lo largo del siglo XX, con la influencia del psicoanálisis.

Sus padres, Josef y Regina, eran primos, y tuvieron cinco hijos, de los cuales Max era el mayor del grupo, siguiéndole tres hermanos varones posteriores a él y la menor, una hermana mujer.

Josef Graf, abuelo paterno del "pequeño Hans" nació el 2 de diciembre de 1847 y falleció el 3 de junio de 1908, es decir exactamente un mes después de la fecha 2 de Mayo, consignada por Freud en el historial como la conclusión de la consulta del padre por su hijo.

Podemos inferir que los 5 meses en los que transcurrió el sintoma fóbico del "pequeño Hans" habrían coincidido con la enfermedad y el final de la vida de este abuelo paterno que habría resultado, al parecer, bastante conflictivo ("interiormente") en la historia de Max Graf.

Su madre, Regina Lederer, nació en el año 1855 y es conocida en el relato freudiano como "la abuela de Lainz", a la que Hans y su padre visitaban todos los domingos. Regina falleció el 27 de noviembre de 1909, fecha casualmente coincidente con el año de la publicación del texto de Freud que relataría la fobia a los caballos de su nieto.

### 3. Max recuerda el comienzo de la fobia de su hijo

Max Graf, ante una pregunta realizada por Kurt Eissler durante esa entrevista de 1952, recordaría así el inicio del estado angustioso de su hijo, ocurrido en ocasión de una visita a la casa de los abuelos paternos:

**Kurt Eissler:** *Ahora, ¿cómo se desarrolló la fobia de su hijo?*

**Max Graf:** *¿Qué quiere decir desarrollado? ... Yo iba cada domingo a Lainz, en donde mis padres tenían una casa. Pasábamos siempre el domingo allí. Primeramente, para que mi madre lo viera, ya que lo quería mucho. Entonces permanecían en el jardín, no es cierto? Era una excursión dominical. ....*

**Kurt Eissler:** *Si, Ahora, ¿Cómo fue eso? ¿Cómo fue la primer ocasión en la que usted observó que algo no estaba en orden?*

**Max Graf:** *Y bien, estábamos afuera en el jardín. Un coche con un caballo se detuvo delante del jardín y entonces el niño manifestó todos los signos de la angustia. No quería salir. Quiero decir, nosotros queríamos justamente volver en ese momento.*

**Kurt Eissler:** *Usted estaba justamente a punto de partir.*

**Max Graf:** *Queríamos partir, sí.*

**Kurt Eissler:** *¿El coche los venía a buscar, ... o bien... ?*

**Max Graf:** *No, no, un coche desconocido estaba parado allí, cuando noté que él le tenía a los caballos.*

**Kurt Eissler:** *Y él que hizo? usted lo recuerda? Usted le había preguntado algo... o... ?*

**Max Graf:** *No en ese momento*

**Kurt Eissler:** *lo obligó?*

**Max Graf:** *Ahí le obligué a salir.*

**Kurt Eissler:** *Y él empezó a llorar?*

**Max Graf:** *No me acuerdo.*

**Kurt Eissler:** *Y le pasó algo más ese día? Tuvo de nuevo en la ciudad miedo a los caballos? O fue simplemente... ?*

**Max Graf:** *No, eso no quedó así. Yo vivía, nosotros vivíamos en ese momento en la calle Untere Viaduktgasse y teníamos un balcón. No había forma de lograr que el chico saliera al balcón porque desde el balcón, en el tercer piso, se podía ver eventualmente un caballo.<sup>5</sup>*

Significativo e inédito relato de Max Graf, quien ubicaría aquí, en este recuerdo tardío de 1952, el primer estallido de la angustia en "Hans" en un lugar y momento de inicio diverso al que habría sido consignado en el historial freudiano de 1909, en base a las notas que él mismo había aportado en ese tiempo

A diferencia de aquel entonces, Max Graf ubicaría ahora, la irrupción de la angustia de su hijo, justo cuando debía partir de la casa de los abuelos paternos, curiosamente, al momento de tener que retornar a su hogar.

### 4. Formación cultural e intelectual.

Max Graf, desde muy joven, fue un hombre de una curiosidad e inquietud intelectual enorme, y en virtud de esto, y principalmente por su proximidad a las ideas gestadas por Freud en ese tiempo, se mostró dispuesto a buscar un sentido a la angustia de su hijo, lo cual probablemente constituyó el acto inaugural que estamos intentando historizar.

Según el relato de 1972 de Herbert Graf, a su padre se lo recuerda principalmente como musicólogo y crítico musical, pero sus intereses y logros intelectuales abarcaron campos muy diversos:

5. Ver en la sección de "Anexos" la foto de la zona donde vivió el "pequeño Hans"

6. "Memorias de un hombre invisible", 1972, Opera News, Entrevista Francis Rizzo.

"Mi padre obtuvo su doctorado, en leyes, pero fue un formidable erudito en literatura y estética y enseñó ambas cosas, tanto en la academia de Viena, como en EE. UU. También fue un sagaz analista político, y durante años escribió artículos de fondo sobre el tema en la Neue Freie Presse. Se sentía cómodo en la filosofía y en la ciencia, y estaba perfectamente capacitado para hablar de matemática con Einstein, lo cual hizo cuando vino a Estados Unidos. Fue un hombre universal, pero al mismo tiempo un auténtico vienesés que sabía disfrutar de un vaso de vino (o más) y de la compañía de mujeres bonitas".

La formación cultural de Max Graf fue muy amplia, concluyó sus primeros estudios escolares en Praga, y luego el Gymnasium académico en Viena. Se inscribió en la Facultad de Derecho, recibéndose en 1896 en la Universidad de Viena a la edad de 23 años.

Durante un breve periodo de su juventud intentó convertirse en compositor, pero luego de recibir la opinión tajante de Brahms desistió de su propósito. Su hijo Herbert Graf comentaría la anécdota con cierto humor, de esta manera: "Una vez llevó una de sus obras a Brahms para su crítica. Era una partitura ambiciosa, para muchas voces. Brahms colocó una enorme mano sobre el manuscrito, bloqueando todo excepto los pentagramas superiores e inferiores. 'Solo estoy interesado en como trata las partes de soprano y bajo —le dijo— Y lo ha hecho mal'".

Posteriormente se dedicó principalmente a la escritura en torno a investigaciones sobre los procesos de composición y crítica musical, que era su verdadera pasión, habiendo publicado gran cantidad de trabajos en diarios vieneses como "Der Tag" y "Neuener Wiener Journal".

También participó de reuniones de un grupo literario conocido como "Joven Viena" que se reunía en el café Griensteidl, desarrollando allí sus intereses por la literatura.

Desde 1902 hasta 1938 estudió y enseñó Historia de la música y estética del arte sonoro en la Academia Musical de Viena, materias de las cuales fue profesor a partir de 1909, hasta que emigró de su país.

Fue discípulo de Romain Rolland<sup>7</sup>, cuyos trabajos tradujo al alemán, en un periodo en el que permaneció en París como corresponsal para el *Frankfurter Zeitung*.

Algunos de sus maestros incluyeron a Hans Richter, Eduard Hanslick y Anton Bruckner.<sup>8</sup>

7. Romain Rolland escritor francés nacido en Clamecy, Nièvre, el 29 de enero de 1866 y fallecido en Yzeley el 30 de diciembre de 1944. Su primer libro fue publicado en 1902, cuando tenía 36 años. Trece años más tarde, ganó el Premio Nobel de Literatura de 1915 "como tributo al elevado idealismo de su producción literaria y a la simpatía y el amor por la verdad con el cual ha descrito diversos tipos de seres humanos". Su existencia estuvo marcada por la pasión por la música y el herosmo, y durante toda su vida buscó medios de comunión entre los hombres. Su impetuosa necesidad de justicia lo llevó a buscar la paz más allá de la contienda durante y después de la Primera Guerra Mundial.

8. Hans Richter (Berlín, 1886, Murratio, 1976) fue director de orquesta, pintor y cineasta alemán, nacionalizado más tarde estadounidense. Estudió en las academias de Berlín y Weimar, y más tarde se

Gustav Mahler fue un huésped frecuente en su casa de Herzberg, con quien mantuvo una estrecha amistad, al punto de elegirlo como padrino de su hijo Herbert. Tuvo vínculos directos con intelectuales como el artista y poeta Oscar Kokoschka<sup>9</sup> o el arquitecto Adolf Loos<sup>10</sup> y también con músicos de la talla de Richard Strauss y Arnold Schoenberg, creador de la música dodecafónica, cuya importancia fue uno de los primeros en reconocer.

Tal como lo afirma Francis Rizzo, su vida cultural transcurrió en un tiempo en el que Viena era a la vez baluarte del archiconservadurismo y terreno fértil de ideas que pronto habrían de revolucionar las artes y las ciencias. Max Graf se encontraba en el centro mismo del círculo más progresista de su época y sus intereses y logros abarcaron muchos campos diferentes.

Herbert Graf, en su entrevista con Francis Rizzo, rescataría un magnífico recuerdo de infancia referido a su padre, que dibujaba una particular imagen de su idiosincrasia:

"Uno de mis recuerdos infantiles más vívidos es verlo en el estribo atestado de gente del tranvía, yendo al partido de fútbol del domingo al Hohen Warte, con una mano en la espalda y con la otra empujando su libro más preciado, una copia muy usada, llena de anotaciones, de la Crítica de la razón pura de Kant".

adhirió al movimiento dadáista de Zurich. Posteriormente se dedicó a la experimentación de contrapuntos rítmicos y variaciones formales abstractas pintando "rollos" de papel y realizando cortometrajes experimentales abstractos, como las secuencias Rhythm.

Eduard Hanslick (Praga, 11 de septiembre de 1825, Viena, 6 de agosto de 1904) fue un musicólogo y crítico musical austriaco. Fue defensor del formalismo en la música, en contraposición al idealismo romántico de la época. Su elegante prosa le reportó una gran reputación, a la par que sus ideas le provocaron varias disputas con otros músicos y críticos musicales.

Josef Anton Bruckner (Ansfelden, 4 de septiembre de 1824, Viena, 11 de octubre de 1896) fue un compositor y organista austriaco. En los países latinos su obra es relativamente poco conocida, pero en los países germánicos goza de un gran reconocimiento y se le considera como uno de los mayores compositores de la historia.

9. Oskar Kokoschka (Pöchlarn, 1886, Montreux, 1980) Pintor expresionista y escritor austriaco. Aunque nació en Pöchlarn, su familia se trasladó a Viena, donde transcurrieron su infancia y sus años de juventud y de formación. Cursó estudios en la Escuela de Artes Aplicadas de Viena, donde realizó sus primeros retratos al óleo. Pintó una serie de retratos expresionistas e inició una intensa actividad pedagógica. A partir del año 1908, se hará cada vez más evidente la influencia que ejercen sobre él personalidades como Gustav Mahler, Gustav Klimt y Sigmund Freud.

10. Adolf Loos (Brno, Moravia, Imperio austrohúngaro 10 de diciembre de 1870, Kalksburg, Viena, República de Austria 23 de agosto de 1933) Fue un arquitecto austriaco nacionalizado checoslovaco. Es considerado uno de los precursores del racionalismo arquitectónico. Estuvo en contacto con las vanguardias artísticas europeas de su época. Fue el pionero del movimiento moderno que supuso la desornamentación y ruptura con el historicismo. También gustó de escribir artículos de opinión (era muy duro con sus críticas): "Ornamento y delito" (1908) y "Arquitectura" (1910).



## 5. El camino hacia el psicoanálisis

Es factible que esta amplitud de pensamiento haya sido una de las tantas razones que lo condujeron a acercarse al “*Profesor Freud*” y buscar la aplicación posible de esa “*nueva ciencia*”, que aun estaba naciendo y comenzaba apenas a ser conocida con el nombre de “psicoanálisis”, a sus propios intereses por la composición, la historia y la crítica musical.

Aproximadamente a sus 25 años, y en plena formación, Max Graf estuvo dispuesto a conocer el alcance de las conceptualizaciones primeras sobre el inconsciente, siendo por ese tiempo testigo presencial directo de la primer publicación de “*La interpretación de los sueños*” en el año 1900 y seguramente uno de los pocos privilegiados lectores de esa histórica edición, integrándose luego al grupo de discípulos primeros que Freud formó.<sup>11</sup>

“... Tuve la impresión de que se debía poder aplicar este análisis del inconsciente al proceso de composición y de creación artística...”<sup>12</sup>

“El Profesor Freud me dijo un día que tenía la idea de reunir regularmente un círculo de señores, en su departamento. No solamente médicos, sino también gente de otras profesiones. Me dijo que tenía la intención de examinar el alcance de la teoría psicoanalítica, su significación en las áreas más diversas...”

**Kurt Eissler: ¿Adónde se encontraban ustedes entonces?**

**Max Graf: En el consultorio del Doctor Freud.**

**Kurt Eissler: ¿En qué año? ¿Se acuerda?**

**Max Graf: Era hacia 1900. Yo no podría decir qué año exactamente... pero... “La interpretación de los sueños” acababa de ser publicada.”<sup>13</sup>**

*Ahora bien, ¿Cómo llegó Max Graf exactamente a conocer a Sigmund Freud y cuál fue su primer acercamiento al psicoanálisis?*

Según el propio Max Graf mencionaría en su relato, siendo aún estudiante en la Universidad de Viena, alrededor del 1900, había conocido a una joven con la que solía pasear cada día, quien le relataba animadamente acerca de su tratamiento, que

11. Según informaría Ernest Jones en “*Vida y Obra de Sigmund Freud*” “La interpretación de los sueños” fue editada en realidad el 4 de Noviembre de 1899, pero por decisión del editor fue publicada en su tapa con fecha 1900. Se imprimieron 600 ejemplares para cuya venta se necesitaron 8 años. En las primeras seis semanas se vendieron 123 ejemplares y en los dos años siguientes 228. Freud cobró 524,40 gulden (un equivalente a 240 pesos argentinos). La primer traducción al español se hizo en 1922.

12. Max Graf, Entrevista de Kurt Eissler, Año 1952.

13. En la sección “anexo” es posible leer la historia de “las reuniones de los miércoles”, y la descripción de la participación de Max Graf allí.

estaba realizando por esa época, con un “profesor” de nombre Sigmund Freud. Fueron los comentarios cautivantes de esta joven, llamada Olga Hoening, quien se convertiría luego en su primera esposa y en la madre de sus dos hijos Herbert y Hanna Graf, los que causarían en él, un gran interés intelectual de conocer a ese “Profesor” y sus novedosas ideas.

Max Graf concurriría por ese tiempo a su consultorio, estableciendo a partir de allí, el inicio de un intenso lazo que contribuiría luego a la gestación de ese histórico escrito de 1909 que tanto debate ha generado y genera hasta hoy.

Así recordaría Max Graf sus primeros encuentros con Freud, en una imagen que aun conservaba en su memoria más de 50 años después de conocerlo, casi como si el tiempo no hubiera pasado:

“Un día expresé el deseo de encontrarlo personalmente. Me invitó y fui a su casa. Tenía todavía en esa época los cabellos negros, la mirada desafiante, observadora, que tuvo siempre para con los seres humanos. Era extremadamente amable, muy cálida. Sabía que me interesaba la teoría psicoanalítica. Nos encontramos entonces varias veces. Cuando él quería airearse un poco, después de una jornada de trabajo, el Profesor Freud tía siempre al café bastante a menudo. Su compañía lo acompañaba. Sus conversaciones han despertado, naturalmente, muchas cosas en mí, y me han estimulado enormemente. Desde ese modo me familiaricé con la teoría freudiana.”

## 6. Transferencia y consultas personales al “Profesor Freud”

Max Graf, a partir de esos encuentros iniciales ocurridos en las postrimerías del siglo XIX, mantuvo con Freud, a lo largo de más de diez años, un diálogo personal muy directo, un sólido lazo transferencial, probablemente de tinte paterno, que estuvo signado sin dudas por una fuerte idealización y respeto intelectual, aunque también por una estrecha y cálida amistad, según su propio relato.

Seguramente fue esta particular combinación, la que lo llevó a consultar a Freud en muchos de los momentos claves y decisivos de su vida desde que lo conoció.

Max Graf solicitó su opinión en cuestiones privadas y muy personales tales como la conveniencia o no de casarse con su novia Olga Hoening, a quien Freud conocía desde el verano de 1897, fecha cuando había iniciado su análisis<sup>14</sup> con él:

“... Antes de decidirme a casarme con ella fui a la casa del Profesor Freud, pues ella era todavía su paciente en esa época. Le pregunté si podía casarme con esta mujer, si su estado permitiría casarse con ella. A lo que Freud me dijo: “Cácese. Lo que sucederá solamente es que usted encontrará placer”... Placer no tuve verdaderamente, pero es posi-

14. Para conocer los datos precisos acerca del tratamiento de Olga Hoening remitirse al capítulo 2 donde se brindan los detalles del mismo en su biografía.

*ble que yo fuera demasiado joven. Es posible que me hubiera realmente reído si hubiera tenido más edad?*"

Max Graf recurriría una vez más en busca de una opinión de Freud ante la probabilidad de divorciarse de ella, tan solo un año después de haberse casado, debido a los grandes conflictos conyugales que hacían insostenible su matrimonio apenas iniciada la convivencia.

Al parecer, al mismo tiempo, también lo habría consultado sobre su intento de sostener el vínculo matrimonial y resolver sus problemas de pareja teniendo hijos:

*"... después de un año fui a ver al Profesor Freud y le dije: 'Señor Profesor, este matrimonio no anda!' ... Él estaba sorprendido y yo hice un nuevo intento. Pensé que los niños podrían probablemente cambiar la situación, pero no fue así..."*

Podemos inferir aquí, siguiendo de cerca y textualmente estas declaraciones de Max Graf que, tal como lo consideraría Jacques Lacan, en la formulación de sus hipótesis acerca de los probables orígenes del síntoma fóbico del pequeño Hans<sup>15</sup>, este niño parece haber ocupado un lugar sintomático de la pareja parental, y sus angustias habrían estado íntimamente entrelazadas con los conflictos conyugales no resueltos de sus padres.

Luego, una vez nacidos sus hijos, Max Graf también buscaría el consejo de Freud, sobre múltiples cuestiones decisivas referidas a la crianza de los mismos, en particular respecto de su primer hijo varón, llegando incluso a plantearle inquietudes tales como la posibilidad de modificar la condición de judío, y bautizar como cristiano a Herbert, para evitarle el enfrentamiento con el antisemitismo reinante en su país, en un anhelo de abortarle cierto sufrimiento al respecto, decisión que Freud desaconsejó tajantemente de esta manera:

*"Si usted no debía que su hijo sea educado como un judío lo privará de esas fuentes de energía que no pueden ser reemplazadas por nada. Él tendrá que luchar como judío y usted debería desarrollar en él toda la energía de la que tendrá necesidad en esta lucha. No lo prive de este beneficio". (Reminiscencias del Profesor Freud - Max Graf, 1942)*<sup>16</sup>

15. Jacques Lacan, *El Seminario. Libro 4, "La Relación de Objeto"*, (1956-1957), Paidós, Buenos Aires, 1994. Nota: desarrollaremos más extensamente esta idea al avanzar en el texto.

16. Max Graf, "Reminiscencias of Professor Sigmund Freud" publicado en 1942 por la revista "The Psychoanalytic Quarterly" (XI, pp. 465-476. Versión inglesa de Gregory Zilborg) Este escrito se publicó como preámbulo de la presentación del trabajo "Personajes psicopáticos en el escenario" de Sigmund Freud, cuyo manuscrito le había sido entregado a Max Graf por él. Nota: La versión en castellano es posible leerla en la traducción de Pablo Peuser; bajo el título "Reminiscencias del profesor Sigmund Freud" de Max Graf, publicada en la revista de psicoanálisis con niños "fort-da" www.fort-da.org número 10, en Psicomundo. www.psicomundo.com

Sobre todas estas decisiones intervino Freud, mucho antes de 1908, siendo permanentemente consultado por Max, resultando claro que fue en el terreno fértil de dicho "contexto" transferencial que se produciría también la decisiva consulta por el síntoma fóbico de su hijo, que precedió a la escritura del texto freudiano de 1909.<sup>17</sup>

## 7. Max Graf, el discípulo

### *Participación en el círculo íntimo de Freud*

Es importante señalar y aclarar además, a partir de allí, que hoy sabemos que Max Graf no fue un casual consultante de Freud, ni un miembro periférico de su grupo, sino que participó muy activamente en el primer círculo de discípulos más cercanos, integrándose de forma muy comprometida, desde los comienzos mismos, en las "Reuniones de los miércoles" que se desarrollaban en la Bergasse 19 desde 1902.<sup>18</sup>

En dichas reuniones, en las cuales un pequeño grupo de audaces intelectuales discutían los primeros esbozos del psicoanálisis en la casa de Freud, Max Graf se formó y aportó lo suyo, presenciando el nacimiento de los nuevos conceptos y contribuyendo también con sus opiniones e ideas a los intensos debates de ese tiempo gestacional.

Max Graf tuvo muchas intervenciones sumamente valiosas, entre las cuales podemos destacar su conferencia del día 11 de diciembre de 1907, "*Metodología psicológica de los poetas*"<sup>19</sup>, que fue presentada pocos días antes de la consulta por el síntoma fóbico de su hijo, realizada en enero de 1908, y tan solo unos días des-

17. Freud haría referencia al "pequeño Hans" en dos ocasiones anteriores al historial de 1909:

La primera, en junio de 1907 en "El esclarecimiento sexual de niño" (carta abierta al doctor M. Fehst). Allí escribiría sobre Hans, para mencionar su curiosidad sexual. Comentaría que conocía a "un hermoso niño de cuatro años y a sus inteligentes padres que renunciaron a sofocar violentamente su desarrollo". Para luego describir las ocurrencias de ese niño acerca del "hacer pipi". En el original de este artículo lo nombraría como "pequeño Herbert"; utilizando su verdadero nombre, que cambió en las ediciones alemanas por "pequeño Hans", recién en 1924.

La segunda, en diciembre de 1908, cuando fue publicado "Sobre las teorías sexuales infantiles". En ese texto comentaría que "por el análisis de un varoncito de cinco años que su padre emprendió con él y luego me entregó sus notas para su publicación" pudo confirmar que un varoncito de tres años y medio ya es capaz de establecer la conexión entre el engrosamiento del vientre materno y el nacimiento de un hijo. Hans fue una referencia fundamental en la escritura de este trabajo.

18. Si bien la fecha de incorporación de Max Graf a las "reuniones de los miércoles" no es posible ubicarla en forma exacta, se puede inferir de sus comentarios y sus recuerdos que se habría incluido en un tiempo muy cercano a los inicios de las mismas convocado por Freud. (Sugiero la lectura de la historia detallada en el "anexo" de este libro.)

19. "Las reuniones de los miércoles" - Actas de la Sociedad Psicoanalítica de Viena. Tomo 1 - 1906-1908. Herman Numburg y Ernst Federn (compiladores). Versión en español - Ediciones Nueva Visión. Corresponde a la Reunión científica del 11 de diciembre de 1907. "Metodología de la psicología de los poetas". Orador: Doctor Graf. Nota: el manuscrito original permaneció adjuntado a las actas, y



pués que Freud leyera por primera vez “*El creador literario y el fantaseo*”<sup>20</sup>, el día 6 de diciembre de 1907, en consonancia con un interés intelectual del que Max no fue ajeno.

En este trabajo Max Graf se interrogaría acerca de la forma que debe abordarse el estudio de los poetas. “*Con qué objeto se estudia la psicología de los poetas? ¿No es posible definir determinados límites del método?*”

Oponiéndose a Lombroso<sup>21</sup> y a los psicólogos franceses que por ese tiempo habían señalado las raíces patológicas de la creación en el campo de las letras, Max Graf realizaría una crítica a Lombroso por “*enfocar a los poetas de la misma manera en que enfoca un tipo particularmente interesante de criminal*” y a los psicólogos franceses porque “*no ven más que un neurótico en el poeta*”.

A partir de allí plantea su adhesión al “*profesor Freud quien ha efectuado nuevos descubrimientos psicológicos, que han arrojado luz sobre la vía que conduce al inconsciente y de ese modo, ha promovido notoriamente los conocimientos relativos a la psiquis del poeta*”.

“*El profesor Freud se interesa por el alma humana, el organismo psíquico. Los dos primeros, por lo tanto, pueden escribir “patográficos”; el profesor Freud escribe análisis psicológicos. Toda persona que posea un interés analítico por los poetas debe decidir si desea escribir una historia clínica o una exposición psicoanalítica. ... Pero no debe, como lo ha hecho Sadger, confundir constantemente ambos métodos entre sí.*”

Es en este punto, y en su adhesión pionera a la teoría freudiana, que Max Graf se constituye en uno de los primeros autores que propondría una forma novedosa de considerar “*el método psicoanalítico y su aplicación en el caso de los artistas*”.

Max Graf ha sido probablemente el primer psicoanalista, en consonancia con Freud, que propuso el estudio del poeta partiendo del análisis de su obra, particularmente buscando detectar los “*motivos recurrentes*”, es decir “*las repeticiones en la misma*”.

Max lo formularía de este modo, sumamente original, para esa época:

los compiladores pudieron así publicar ese documento cuando les fue entregado el mismo junto al resto de las Actas.

20. Sigmund Freud, “*El creador literario y el fantaseo*”, 1907. Conferencia dictada ante un auditorio de 90 personas en los salones del editor y librero Hugo Heller. Versión publicada en castellano. (1908) Obras completas. Tomo IX. Amorrortu editores, Buenos Aires, 1988.

21. Ezequiel Marco Lombroso (Verona: 6 de noviembre de 1835, Turín: 19 de octubre de 1909), conocido con el pseudónimo Cesare Lombroso, fue un médico y criminólogo italiano, representante del positivismo criminológico. Un aspecto particularmente difundido de la obra de Lombroso es la concepción del delito como resultado de tendencias innatas, de orden genético, observables en ciertos rasgos físicos o fisiológicos de los delincuentes habituales (asimetrías craneales, determinadas formas de mandíbula, orejas, arcos superciliares, etc.).

“... toda la creación artística está arraigada en lo reprimido ... y el artista solo supera sus inhibiciones psíquicas mediante la creación, y quien dese conocer al poeta debe buscarlo en su obra”.

“... ¿cómo hemos de proceder? Por mi parte, he hallado un expediente que me ha resultado útil para mi uso personal: partir de los motivos que llamo típicos, vale decir, los motivos poéticos recurrentes en las obras del artista.

Los temas fundamentales de las creaciones del poeta revelan los mecanismos más íntimos de su psiquis. Allí, nos encontramos en el centro mismo del inconsciente”.

Al concluir su conferencia, Max Graf por último revelaría la enorme idealización que regía su lazo transferencial de ese tiempo con Freud, en aquel momento tan cercano a la consulta por su hijo, al pronunciar esta frase final:

“*La técnica del profesor Freud no puede desentrañarse por sí sola los misterios de la creación artística, a menos que se le aplique con la sensibilidad artística del profesor Freud.*”

## 8. Matices de su cercano lazo con Freud:

*Idealización - intercambios familiares - tensiones-*

La relación entre Max Graf y Freud, no solo habría estado sostenida por esta idealización sino también parece haber estado matizada por muy diversas situaciones de índole afectiva muy cercana, que no han sido reflejadas en el historial del “*pequeño Hans*”, seguramente por la lógica reserva que requería su publicación.

Según Max mismo recordaría en los diversos lugares donde describiría su lazo con Freud, por ciertos períodos, mantenían un cordial intercambio familiar que evocaría así: “*un contacto personal que se había desarrollado entre mi familia y la suya, generando que su calidez humana me resultara particularmente valiosa*” (Max Graf, 1942).<sup>22</sup>

Estos “*calidos*” intercambios familiares incluirían la presencia de Max Graf en la fiesta de celebración que Freud realizaría en su casa como festejo del casamiento de su hijo Martin Freud, o bien que Freud mismo concurriría en algunas ocasiones, “*aunque estuviera cansado al concluir su largo día de trabajo*”<sup>23</sup>, al hogar de los Graf, en la calle Untere Viaduktgasse 35, invitado por ellos.

Max Graf rescataría especialmente de su memoria este significativo episodio para indicar ese estrecho lazo:

22. Max Graf, “*Reminiscencias del profesor Sigmund Freud*”, 1942.

23. Reportaje a Max Graf por Kurt Eisler, 1952.

*"Freud tenía un papel entusiasta en todos los acontecimientos familiares de mi casa, esto, a pesar de que yo era un hombre joven y Freud era ya de edad avanzada y sus cabellos maravillosamente negros comenzaban a encanecer. En ocasión del tercer cumpleaños de mi hijo, Freud le trajo de regalo un caballo de balanco que por sí mismo llevó hasta arriba por los cuatro tramos de escalera que conducían a mi casa" (Max Graf, 1942).*

Particular recuerdo que ha generado las más diversas hipótesis entre los biógrafos, quienes no han podido dejar de considerar y elaborar conjeturas, referidas tanto al conocimiento previo que habría tenido el niño sobre el "profesor Freud" que solía visitar su casa y al que su padre tanto admiraba, como ante la curiosa coincidencia entre este especial regalo de cumpleaños mencionado por Max y su posible relación con la elección del objeto zoológico descrito en el historial del "pequeño Hans".<sup>24</sup>

### 9. El "asunto Adler": Max y las razones de su alejamiento de Freud

Por otra parte, también podemos mencionar que ese lazo cálidamente amistoso, habría estado jalonado por algunas importantes tensiones, que probablemente fueron la causa que habría conducido al distanciamiento final de Max Graf y Sigmund Freud.

Todo parece indicar que esas tensiones estuvieron particularmente vinculadas a los conflictos generados por las intervenciones de Alfred Adler en las "Reuniones de los miércoles", y los graves desacuerdos teóricos que las mismas desataron, que luego derivarían en su expulsión de la Sociedad Psicoanalítica de Viena por parte de Freud, produciéndose la primer gran escisión en su grupo de adeptos.

Max Graf y su esposa Olga, mantenían una relación amistosa con Adler, y Max habría hecho varios intentos para lograr acercar las posiciones teóricas de Freud y Adler, en el transcurso de las disputas. Por lo general, estos intentos de Max habrían ocurrido en "conversaciones personales", en algunas de las visitas que Freud solía realizar a su hogar, topándose con una posición terminante y tajante por parte del creador del psicoanálisis quien no aceptaría hacer ese tipo de concesiones con su teoría.

En ese contexto, Freud conminaría a Max Graf para que asumiera una posición más definida con relación a este debate, pero Max no habría estado dispuesto a hacerlo, siendo éste uno de los motivos que lo haría partir definitivamente de la So-

24. Max Graf relataría este mismo recuerdo tanto en el texto "Reminiscencias" de 1942, como en el reportaje realizado por Kurt Eissler en 1952. En el reportaje de 1952 cambiaría la fecha en la que habría sido entregado por Freud ese particular regalo, un caballo de balanco. Los detalles de este hecho, pueden ser felidos avanzado este libro, en el capítulo 3 sobre la vida de Herbert Graf: sección, "El regalo de Freud".

ciudad Psicoanalítica, distanciándose de Freud desde entonces, en el transcurso de los años 1911-1912.

Todo este episodio, que contribuyó a su alejamiento final de Freud también permitía inferir algunos de los rasgos de carácter de Max Graf: cierta tendencia a la conciliación, a la evitación del conflicto y una gran renuencia a la toma de una posición firme o definida, que él mismo describiría de este modo:

**Max Graf:** *Formé parte de la sociedad durante dos o tres años. De allí extraje debates de un gran provecho. Luego vino el momento en el cual el Doctor Adler presentó sus trabajos. El primero sobre el órgano.*

**Kurt Eissler:** *... inferioridad?*

**Max Graf:** *Inferioridad. El Doctor Adler intentó, en los debates, aclarar sus teorías y sus concepciones de manera muy tranquila, pero chocó siempre con la resistencia de parte del "Profesor Adler"<sup>25</sup> que tenía por supuesto la última palabra.*

**Kurt Eissler:** *¿Usted quiere decir de parte del "Profesor Freud"?*

**Max Graf:** *Si, de parte del Profesor Freud, que tenía siempre la última palabra en materia de crítica, lo que era increíblemente rico de espíritu. ... pero pude constatar que se trataba de un enfrentamiento.*

*Traté de hablar de ello en mis charlas con el Profesor Freud, en particular en mi casa, dado que había trabajado mucha más amistad con él. Lo invité varias veces a nuestra casa y debo decir que él venía muy a menudo. Aunque hubiera concluido un trabajo diario pesado y estuviera bastante fatigado y seguramente habría preferido quedarse en su casa. Yo había vuelto a discutir muy a menudo, justamente, en el transcurso de esas veladas en mi casa, acerca de la oposición entre sus concepciones y las de Alfred Adler. Una vez le dije: mire señor Profesor, si usted ordena las piezas de monedas en un cierto orden... digamos, una vez cara, dos veces Adler, tres veces cara, y así seguidamente... Si usted da vuelta las piezas de las monedas la visión permanece exacta, ¿no es cierto? Se trata de la misma ley de distribución tanto de un lado como del otro. Lo que significa entonces que debe ser posible tratar una neurosis en el plano psíquico, pero debe también haber una posibilidad de tratarla igualmente en el plano somático. El Profesor Freud lo aceptó. Me dijo solamente: "Pero nosotros disponemos solamente de una vía, la del camino psíquico".*

*"... Yo soy historiador de la música, estaba en música. Tuve la impresión de que esta que-  
rrela puramente científica no me ayudaba más a avanzar. Mi manera de ser consistía en  
encontrar lo bueno de todas las cosas, alguna verdad en las diversas concepciones. Y así  
me esforcé por extraer algo bueno de las ideas del Doctor Alfred Adler, con quien trabé*

25. Nótese el "lapsus" de Max Graf.

*una gran amistad. Había algo allí, verdaderamente, pero en este caso no podía tomar una decisión porque no tenía el saber ni los conocimientos...*<sup>26</sup>

Parece ser que Max Graf evidenciaría una gran vacilación por aquel tiempo, no pudiendo determinarse a definir una posición en la disputa entre Freud y Adler y a asumir una elección más contundente en aquel conflicto que se había entablado, conflicto que dividiría por último las aguas dentro de aquel grupo pionero del psicoanálisis. Como sabemos, en forma simultánea, a instancias de Freud y su grupo de adeptos más fieles, su teoría se extendería de un modo veloz a nivel mundial, a partir de la creación de la sociedad psicoanalítica de Viena en 1908 y la enorme aceptación y difusión de su doctrina.

Todo indica que las propias dudas de Max, y la firme manera como Freud lo confrontó con las mismas, exigiéndole cierta definición, precipitaron su partida y elección de alejarse.

Max Graf evocaría con mayor detalle todas las circunstancias históricas de ese tiempo, de la siguiente forma:

*"Por aquel entonces el Profesor Freud sintió la necesidad de transformar este pequeño círculo en una gran sociedad internacional: la Sociedad Psicoanalítica. La primera sesión de la Sociedad Psicoanalítica—de la cual participe—fue una sesión en la cual el Profesor Adler intentó hacer comprender sus teorías al Profesor Freud. Hizo una conferencia muy tranquila sobre sus teorías y las objeciones que el Profesor Freud le formuló siempre. Pero no llegó a una reconciliación ni a un arreglo...*

*... Luego, entraron a esta Sociedad Psicoanalítica una multitud de jóvenes médicos con los cuales no tenía ningún lazo... en esta época, la polémica del Profesor Freud con el Profesor Adler y otras miradas críticas se intensificaron. Y cuando intenté, en una conversación con el Profesor Freud, encontrar un puente entre su teoría y las del Profesor Adler me relató de manera bastante enérgica diciéndome: "¡O bien usted lo acepta o no!". Eso me dio la impresión de que mi tiempo había terminado, no es cierto? Yo no quería participar en grandes discusiones de escuela que me recordaban las discusiones de los Concilios del primer cristianismo. No me sentía verdaderamente dotado para eso. Y así dejé de ir a las sesiones de la Sociedad Psicoanalítica."*

Resulta evidente, a partir de su propio relato, que algo de ese rasgo de carácter de Max Graf, remiso a este tipo de enfrentamientos, o a entrar en disputas agresivas entre hombres y su imposibilidad de definir su propia posición al respecto, lo ha-

26. Max Graf, reportaje por Kurt Eisler, 1952. Nota: Como dato adicional, este relato de Max Graf, testigo y participante directo de las reuniones de los círculos, también nos permite volver a constatar la firmeza draconiana con la que Freud debió sostener sus teorías en esos tiempos decisivos de la construcción del psicoanálisis y la causa psicoanalítica.

bría conducido a alejarse del grupo de psicoanalistas del cual había formado parte en forma activa hasta entonces.

Por otro lado, también habría que señalar que Max Graf parece haberse resistido a verse "sometido" a aquello que juzgó como una actitud intransigente por parte de Freud y mostraría un tono muy crítico respecto de esta postura, manifestando su oposición y justificando las causas de su distanciamiento de esta forma:

*"Freud no escuchaba. Él insistía en que sólo había una teoría y afirmaba que si alguien seguía a Adler y abandonaba la base sexual de la vida psíquica, no era Freudiano. En pocas palabras, Freud, en tanto cabeza de una iglesia, hizo desaparecer a Adler, lo expulsó de la iglesia oficial..."*

*"... yo no podía ni quería someterme a lo que Freud decía que "había que hacer" o "lo que no había que hacer"—por lo que me confrontaba con él—y no me quedó nada más por hacer que alejarme de su círculo." (Graf, 1942)<sup>27</sup>*

Max Graf llegaría a pertenecer durante alrededor de 10 años al círculo de discípulos más cercanos a Freud, contribuyendo en forma muy activa a los debates pioneros del psicoanálisis, hasta su alejamiento ocurrido en 1912.

## 10. El enojo de Olga

*Influencia de su esposa en el distanciamiento.*

Creo también importante señalar que al indagar en forma más detallada el devenir de la historia de la familia Graf, es posible deducir que el distanciamiento de Max Graf respecto de Freud no se habría reducido solamente a este único motivo, descrito en el punto anterior, sino que habría existido una razón más privada, surtida del interior mismo de su matrimonio: la irrupción de una progresiva e intensa transferencia negativa por parte de Olga Hoenig ("madre del pequeño Hans") hacia Freud, quizás como efecto residual de sus múltiples consultas realizadas al "Profesor" a lo largo de los años.

Hoy sabemos, tal como surge con claridad de la lectura de los diversos documentos a los que es posible acceder, que su esposa Olga Hoenig, no habría sido para nada ajena a la decisión del alejamiento de Max, ya que ella, en un período que no es posible aun determinar con exactitud, habría comenzado a mostrarse sumamente enemistada con Freud, y terminaría interiormente muy peleada con él.

Según recordaría Max Graf en 1952 y luego Herbert Graf, y su primer esposa Lieselotte Austerlitz lo confirmarían en sus propios reportajes con Kurt Eisler (1959 y

27. Max Graf, "Reminiscencias del profesor Sigmund Freud". Año 1942.

1960, Archives Freud)<sup>28</sup>, Olga habría considerado finalmente que “*el Profesor*” había sido “*un mal consejero*” de su marido, tema que al parecer, incluso habría formado parte de algunas de las frecuentes discusiones conyugales.

Este enojo de Olga Hoenig parece haber tenido una gran incidencia en Max Graf, quien probablemente también por esta razón, se habría visto obligado a distanciarse, luego de tantos años de un lazo de confianza sostenido con Freud.

Olga Hoenig, por su parte, conservaría el mismo ánimo querrelante a lo largo del tiempo, tras convertirse en una acérrima partidaria de Alfred Adler, posición que sostendría hasta el final de su vida.<sup>29</sup>

## 11. Reencuentro con el “joven pequeño Hans”. Lo que Freud no pudo contar

*Nuevos datos sobre el “Apéndice de 1922”*

Podemos ubicar quizás aquí, en estos conflictos de “los Graf” con relación al “profesor”, el trasfondo que no habría podido ser explicitado por Freud, sobre las razones de ese distanciamiento, que quizás él no desconociera, al menos en parte, cuando publicó su emotivo relato del año 1922, titulado “*Apéndice al análisis del pequeño Hans*”, como escrito agregado al final del historial de 1909.<sup>30</sup>

Desde ya que debieron existir muchas razones justificadas por las cuales Freud no habría podido hacer públicas las causas reales y más personales que estuvieron en juego en “el padre del pequeño Hans” para dejar de concurrir a su consultorio e interrumpir un lazo con él, habiendo dejado de informar en forma abrupta acerca del devenir de “la salud” de su hijo Herbert.

Por otra parte, obviamente no hubiera tenido sentido que Freud revelara esos aspectos privados en dicho momento, que permanecerían reservados, en consecuencia, en el terreno ético de lo confidencial.

Por eso, en el “Apéndice de 1922” tan solo escribiría esa enigmática referencia acerca de su propio desconocimiento (la falta de “*noticias*”) sobre lo sucedido con “*el pequeño Hans*” y evidentemente también sobre su familia, a lo largo de diez años, es decir desde 1912.

28. Herbert Graf y su primer esposa, Liselotte Austerlitz fueron entrevistados por Kurt Eisler en 1959 y 1960 respectivamente. Sus entrevistas permanecen guardadas en los Archives Freud. Manuscript division, Sigmund Freud Papers, Library of Congress, Washington D.C.

29. Volveremos sobre este punto, relatando con detalle este paratiro de la historia en el capítulo destinado a describir la biografía de Olga Hoenig.

30. Leer al final de este capítulo, “El último encuentro de Max Graf con Freud”.

Freud lo publicaría así en 1922:

*“Me alegró mucho volverlo a ver, pues lo había perdido de vista dos años después de concluido su análisis y llevaba diez años sin tener noticias sobre su destino.”<sup>31</sup>*

Un desconocimiento verdaderamente sostenido por ese largo período de una década que, según su propia afirmación en dicho escrito, se habría interrumpido sorpresivamente al producirse ese bello y emotivo reencuentro con el ahora “*brillante joven*” de 19 años que se había presentado espontáneamente en su consultorio declarando ser “*el pequeño Hans*”.

Ni una palabra escribiría Freud en el apéndice final de 1922, acerca de los motivos que pudieron haber conducido a la familia a tal distanciamiento, aunque sí, se permitiera hacer una única fugaz referencia al matrimonio “Graf” al comentar “*la difícil prueba que había debido superar en su vida afectiva el joven Hans, ya que sus padres se habían divorciado y cada uno de ellos había concertado un nuevo matrimonio.*”

## 12. Acerca de cómo Herbert Graf se enteró de la existencia del “pequeño Hans”:

*Su propia versión del encuentro con Freud.*

Respecto de la historia de como se habría producido ese inesperado reencuentro, entre “el joven pequeño Hans” y Freud, hoy además podemos aportar algunos detalles novedosos, en base al relato del mismo protagonista, Herbert Graf, cuando ya fue adulto.

Es sumamente interesante para la reconstrucción histórico-biográfica ubicar cuando y en que circunstancias Herbert llegaría a enterarse acerca de la existencia del escrito de 1909 que había relatado detalles íntimos de un período de su infancia y en particular, como lograría saber que era el portador de ese “*popular*” pseudónimo “Hans”.

Las preguntas que naturalmente se imponen en esta reconstrucción son: ¿Cuales habrían sido sus sentimientos al leerlo, cual su opinión personal, sus agradecimientos o sus críticas y su visión a la distancia sobre lo ocurrido con el escrito freudiano que lo tuvo como protagonista?

En 1959 Herbert Graf relataría en su reportaje con Kurt Eisler<sup>32</sup> que llegaría a

31. Sigmund Freud, Análisis de la fobia de un niño de cinco años (el pequeño Hans), Año 1909, apéndice al análisis del pequeño Hans. (1922). Obras completas. Tomo X. Amorrortu editores, Buenos Aires, 1988.

32. Herbert Graf, Reportaje con Kurt Eisler. (1959). Archives Sigmund Freud.

tener conocimiento por primera vez acerca de su pseudónimo "pequeño Hans", recién en su adolescencia. Luego de haber descubierto y leído casualmente el escrito de su propio análisis en la biblioteca de su padre, Max Graf, mientras lo estaba ayudando a mudarse tras su separación de su madre, Olga Hoenig.

Herbert Graf haría una referencia muy detallada en esa entrevista privada que no está publicada, y que aun está restringida a la lectura, excepto con autorización especial de los "Archives Sigmund Freud" pudiendo ser leída solamente en la misma Biblioteca del Congreso de los Estados Unidos, en Washington<sup>33</sup>.

**Herbert Graf:** "Lo extraño es esto: yo no fui conciente de nada (respecto del historial clínico), acerca de lo que alguna vez me sucedió, hasta que mis padres se divorciaron, cuando yo tenía aproximadamente dieciséis o diecisiete años, y tuve que ocuparme de la mudanza de la biblioteca de mi padre, desde la casa de mi madre hacia la que luego fue su casa.

Yo estaba interesado en la psicología... y esas cosas... en aquel tiempo, pero esta era la primera vez que caía en mis manos este análisis particular que me concernía. Yo lo vi, lo lei y, desde luego, "mi" nombre no era el nombre verdadero, pero los nombres de mi tía y otras personas eran nombres correctos; por ejemplo, tengo una tía, la hermana de mi madre, a quien llaman Marischi, que es un nombre muy inusual, inusual y este nombre estaba allí del modo correcto. Y al leer esto me di cuenta que todo eso "tenía" algo que ver conmigo.

Ahí fui con mi padre quien, desde luego, sabía mucho sobre estas cosas que yo desconocía, y le pregunté: ¿qué es esto? ¡Esto obviamente me concierne! Mi padre me dijo: Sí, es cierto y entonces él me contó la historia entera de este análisis, que estuvo en realidad a su cargo, que él realizó. Tal como lo entendí, yo no había visto a Freud excepto una vez al principio y una vez al final, cuando tenía cinco años. Entonces le pregunté si esto era verdad. Y él dijo, sí, es todo verdadero. Luego hablamos de ello y yo le dije que me gustaría conocer al Profesor Freud ahora".

33. Agradezco a Jerome C. Wakefield, psicoanalista de New York, quien me envió su texto "Max Graf's Reminiscences of Professor Sigmund Freud" Revised: New Evidence from the Freud Archives," by Jerome C. Wakefield First published in @ The Psychoanalytic Quarterly, 2007. The Psychoanalytic Quarterly, Volume LXXVI, Number 1, pages 149-192. En este escrito pueden ser leídos párrafos de ese reportaje que realiza Kurt Bissler en 1959 a Herbert Graf, que citamos en distintos momentos de este libro. Jerome Wakefield transcribe esos párrafos luego de haber tenido acceso a la entrevista en la biblioteca del Congreso de Washington. Archives Freud, con la autorización de su director Harold Blum. La versión en castellano del escrito de Jerome C. Wakefield fue publicado con autorización del autor y de la revista The Psychoanalytic Quarterly, en la revista de psicoanálisis con niños "fort-da" número 10. www.fort-da.org. Página Psicomundo www.psicomundo.com Título: "Reminiscencias del Profesor Sigmund Freud" de Max Graf, visitado de nuevo. Nueva evidencia de los Archivos Freud, Jerome C. Wakefield. (Año 2008). (Traducción del texto: Mónica Galasio y Ariel Perinicone).

Herbert Graf recordaría que fue ese descubrimiento casual en la biblioteca de su hogar y la explicación posterior que le diera su padre acerca del historial de 1909, lo que motivó su deseo de concurrir al consultorio para encontrarse con el "Profesor Freud" en dicha oportunidad.

Ese encuentro lo evocaría de esta manera:

"... mi padre dijo, desde luego, tú deberías conocerlo. Llamé al Profesor Freud, concretamente una cita y fui a verlo a su estudio. Él me miró, desde luego, no reconociéndome. Y le dije: Soy el pequeño Hans! Y fue muy conmovedor. ¡El vino hacia mí, me abrazó, y me dijo, siéntate! Y luego nosotros tuvimos una larga charla en la que me preguntó que estaba haciendo, que planes tenía, etcétera, etcétera, al final de lo cual, me dijo que sentía que el tratamiento debía haber hecho algo bueno porque yo había hablado y actué, al menos en su presencia, bastante normalmente. Y volví a mi casa.

Tiempo después oí que alguna clase de posdata había sido agregada, referida a que yo había concurrido después de tantos años a su consultorio y que al verme personalmente tuvo la mejor prueba de que su teoría era correcta, etcétera, etcétera. ¡Y yo comente que el hecho de que terminara en la ópera podría ser la prueba de que no fue todo tan normal, después de todo!"<sup>34</sup>

(Observación al margen: Además del emotivo y conmovedor relato, nótese, como una pincelada de color, la aparición chistosa al final de su comentario, conteniendo una curiosa coincidencia: la misma sutil e ingeniosa ironía de este Herbert Graf adulto con la que tenía el pequeño Hans niño, tal como pudimos leerlo en algunos párrafos memorables del historial, con los que nos pudimos deleitar).

Para completar la versión del propio Herbert Graf sobre ese encuentro tenemos también su más tardío y público relato, realizado en 1972 a Francis Rizzo, en la entrevista para Opera News,<sup>35</sup> hacia el final de su vida, que contiene además la imagen que aun conservaba de Freud en dicha ocasión:

"Me encontré de casualidad con un artículo en el estudio de mi padre y reconocí algunos de los nombres y lugares que Freud había conservado sin modificación. En un estado altamente emotivo, visité al gran doctor en su consultorio de Bergasse y me presenté como el "pequeño Hans". Detrás del escrito Freud se asemeja a los buses de los filósofos griegos con barba que había visto en la escuela. Se levantó y me abrazó afectuosamente diciéndome que no podía desear mayor vindicación de sus teorías que el ver al alegre y saludable joven de diecinueve años en que me había convertido" (Herbert Graf, 1972).

34. Herbert Graf, Reportaje por Kurt Bissler -1959- Archives Sigmund Freud. Nota: Siguro como ejercicio de lectura, comparar este relato de Herbert Graf a los 56 años, con la descripción de la misma escena, realizada por Freud en el Apéndice de 1922.

35. "Memorias de un hombre invisible" reportaje a Herbert Graf por Francis Rizzo, 1972.

Herbert Graf también habría declarado, en su entrevista privada con Kurt Eissler del año 1959, que habiendo podido conocer los detalles de su "tratamiento", tras ese intenso diálogo con su padre, sentía que le estaba muy agradecido, por haber "tomado en sus manos" dicha situación y haberlo ayudado cuando niño con su problema, pero, por otra parte también habría expresado en la misma entrevista, que en lo personal era muy crítico respecto de que su historia hubiera sido publicada, manifestando en forma taxativa: "Yo no hubiera estado de acuerdo" con la publicación del caso.

### 13. Max Graf y su intento de analizar a su esposa Olga Hoenig

#### Divorcio y nuevos matrimonios.

Cabe mencionar en este punto, que Max Graf no solo analizó a su hijo, sino que también habría hecho un intento, seguramente fallido, de analizar a su esposa, tal como quedó consignado en una frase de Freud, escrita en una carta del 2 de febrero de 1910 dirigida a Carl Gustav Jung, por cierto algo ambigua:

*"Yo habría considerado que analizar a la propia esposa es absolutamente imposible. El padre del pequeño Hans me ha demostrado que funciona muy bien. Sin embargo la regla técnica que sospecho desde hace poco, «suspender la contrainferencia», se vuelve en verdad demasiado difícil en este análisis". (Sigmund Freud)<sup>36</sup>*

Max Graf finalmente se divorciaría de Olga Hoenig el 30 de septiembre de 1920, cuando sus hijos fueron adolescentes, permaneciendo según el mismo explicaría, en un matrimonio sumamente conflictivo durante dieciocho años, sosteniendo ese tiempo prolongado su inestable lazo conyugal, en su pretensión de no perturbar el desarrollo emocional de Herbert y Hanna con una separación prematura.

A sus 80 años, en el reportaje con Kurt Eissler de 1952, expresaría alguna duda, casi como pensando tardíamente en voz alta, respecto de lo acertado o no de la decisión de haber prolongado de ese modo su matrimonio con Olga:

**Max Graf:** "Resistí sin embargo dieciocho años y medio en este matrimonio hasta que los niños fueran bastante grandes para que yo pudiera irme tranquilamente, sin perturbar demasiado su desarrollo. La duda me vino solamente un poco más tarde, saber si no hubiera sido mejor irme más temprano... Yo no lo sé... no es cierto?"

Al poco tiempo de divorciarse, Olga Hoenig se casaría por segunda vez con Franz Josef Brichha, el 20 de Octubre de 1920.

Max Graf, por su parte, volvería a casarse en dos ocasiones. En primer lugar con Rosa Zentner, artista lírica, el día 17 de noviembre de 1920. Posteriormente en 1929, a los cincuenta y seis años, con Poly Bastic, una joven cantante lírica de 23 años, nacida el 28 de diciembre de 1906, es decir, la misma edad que su hija menor.<sup>37</sup>

### 14. El suicidio de Hanna, la hermana del "pequeño Hans"

En tanto, la hermana de Herbert, la pequeña Hanna del historial, se habría suicidado en la década del '40, siendo esta dolorosa muerte, otra pérdida más en la serie de varias pérdidas trágicas en la historia de la familia de Herbert Graf.

En la reconstrucción de su historia, Max Graf al referirse a su hija, ante las preguntas de Kurt Eissler en 1952, se detendría particularmente en la afirmación de que existieron actitudes muy hostiles por parte de la madre hacia ella, quien la habría rechazado desde muy pequeña.<sup>38</sup> También comentaría que su hija tuvo ciertos sentimientos de inferioridad porque ella habría deseado ser universitaria, "quizás doctora", pero sentía que había dinero solamente para los estudios de su hermano. Max Graf recordaría que su hija no tuvo una formación terciaria pero era sumamente inteligente, y trabajó un periodo en la Edición Universal, en Viena.

Por otra parte, mencionaría respecto de su vida de pareja que Hanna, aproximadamente a los 22 años, "conoció a un joven; un ruso, muy buen mozo, y creo, un hombre muy decente, y comenzó con él una relación. No sé mucho más. Un día, vino a decirme que quería casarse con él, lo cual, personalmente, me impresionó, ya que este hombre, había sido oficial en la Armada Rusa, había dejado Rusia y trabajó un tiempo de albañil en Viena..."

Max Graf recordaría que su hija le pidió en un comienzo ayuda económica, y luego ella "le habría brindado a este hombre una formación en la Academia como cantor, ya que tenía una bella voz. Fue contratado en Graz. Ella iba allí también, y él fue posteriormente administrador de ópera."

Respecto de la posible causa que habría precipitado al suicidio a su hija, Max Graf lo evocaría de esta forma, cuando Kurt Eissler en 1952, avanzó sobre el tema:

**Kurt Eissler:** ¿Cuántos hijos tiene usted?  
**Max Graf:** Dos. Perdi uno, mi hija.  
**Kurt Eissler:** ¿Murrió acá en América?

36. La correspondencia entre Sigmund Freud y C.G.Jung Edited by William McGuire. Editado por William McGuire.

37. Max Graf, reportaje por Kurt Eissler. 1952, Archives Sigmund Freud.

38. Cronología detallada por Josiane Prazz. (Suiza).

39. La descripción más completa de este rechazo de Olga Hoenig hacia su hija, puede ser leída en el capítulo de este libro dedicado a la biografía de Herbert Graf.



**Max Graf:** Si, se suicidó aquí en América. Ella se había casado y vivía un matrimonio desgraciado. ¡Mi Dios! ... ella quiso reemplazar eso, no importa como, con otros hombres y he aquí que entonces estuvo con un hombre con el cual vivió como con aquel del que se había divorciado y eso parece haber sido decisivo. Lo trágico fue que solamente tres días después del acontecimiento me llegó una carta de su marido, en la cual él me suplicaba que influenciara para que ella retomara la vida en común. ¡Sin embargo ya era demasiado tarde!

Su relato parece reflejar un gran dolor, ante lo sucedido con su hija, hecho que Max Graf en dicho reportaje relataría habiendo transcurrido más de una década de lo sucedido.

Sin embargo, por otra parte, su hijo Herbert Graf, en su reportaje privado con Kurt Eissler de 1959<sup>40</sup>, curiosamente, conservaba de su propio padre una imagen muy distinta, manifestándose sumamente sorprendido ante la extraña reacción afectiva que habría tenido Max Graf, tanto ante el funeral de su hija, como ante la muerte de su segunda esposa, Roza Zenher:

**Herbert Graf:** Mi padre tenía esta maravillosa habilidad... prácticamente como la de Goethe... para arrojar cosas fuera<sup>41</sup>... recuerdo que cuando falleció su segunda esposa, cuando él era todavía bastante joven, en su mejor edad, yo fui a verlo. Me horripilaba la idea de ir en aquel momento y hallarlo solo. Pero él estaba sentado allí con una cara sonriente. Él dijo: "Ella murió tan hermosamente, tan maravillosamente!"... Y esto era un rasgo bueno. Tenía la enorme fuerza para transformar las cosas en positivo, u olvidarlas... dejarlas de lado... Mi hermana, en este país, lamentablemente se suicidó. Mi padre estaba aquí cuando esto ocurrió, y no sé realmente como pudo manejar aquella situación. ¡Esto fue asombroso!... Pero, a pesar de eso, él no fue al cementerio.

**Kurt Eissler:** ¿Y al funeral?  
**Herbert Graf:** ¡No!

Herbert, en su propia observación sobre esta particular posición subjetiva de su padre ante la muerte, parece querer destacar así, la orientación que Max habría tenido a la supresión de sentimientos negativos, y "ver lo bueno en todo". Un rasgo de carácter de Max Graf que pareciera haber ido en la dirección de cierta tendencia a la eviación de sentimientos angustiosos, y a la negación ante las pérdidas.

Un aspecto de su padre, que evidentemente, por la manera como Herbert Graf lo intentó acentuar en su relato, le habría resultado muy difícil de comprender y le habría resultado siempre enigmático y "asombroso" aún, a pesar del paso del tiempo.

40. Herbert Graf, reportaje por Kurt Eissler, 1959. Archives Sigmund Freud.

41. Probable referencia al texto de Freud sobre Goethe.

## 15. El último encuentro de Max Graf con Freud

### Emigración y retorno

Tanto Max Graf como Herbert Graf emigraron a los EE. UU. en la década del '30, donde ambos desarrollaron una intensa actividad profesional en torno a la música. Herbert se convertiría en un gran regisseur, director de escena y productor de ópera en el reconocido Metropolitan Opera House de New York, donde trabajó cerca de 30 años.<sup>42</sup>

Por su parte, Max Graf quien, al igual que Freud, debió emigrar de Viena a partir de 1938, a causa del nazismo, desarrolló una importante actividad docente, como escritor y crítico musical en dicho país, donde dictó clases desde el año 1940 hasta 1947 en la New York School for Social Research. También fue profesor invitado en el Instituto Carnegie de Tecnología de Pittsburgh y en la Temple University de Filadelfia, continuando con su misma intensa tarea docente cuando regresó a Austria, una década después de haber emigrado, dictando seminarios de crítica musical o dando clases en el Mozarteum de Salzburgo, hasta el final de su vida.

Max Graf retornaría a Viena en el año 1947, donde permaneció hasta su muerte ocurrida el 24 de junio de 1958.

Siempre recordó a Freud con respeto y admiración, citando su enseñanza y basándose en la conceptualización psicoanalítica en múltiples ocasiones, a lo largo de su extensa obra escrita.

En su reportaje con Kurt Eissler de 1952, recordaría con bastante pesar su último encuentro con Freud:

Según el relato de Max Graf, luego de que su hijo Herbert hubiera concurrido en su adolescencia al consultorio de Freud, donde se había producido ese emotivo y cálido encuentro que fue publicado en 1922, habría decidido también él visitarlo, para conversar sobre el "estado *schlaflos*" del ahora joven "pequeño Hans".

Max evocaría que, en dicha ocasión, se habría encontrado en forma inesperada con un Freud distante, que no habría estado dispuesto a retomar el diálogo sobre la base amistosa que habían mantenido durante los inicios del psicoanálisis y en los tiempos de la escritura del historial.

Tal como lo recordaría Max Graf, al preguntante acerca de los motivos de esta actitud hacia él, Freud le habría reclamado su partida de la Sociedad Psicoanalítica, y que hubiera "dejado las cuotas impagas desde aquel tiempo".

Max comentaría que se alejó de ese último encuentro probablemente algo herido, recordando que tan sólo volvió a cruzarse ocasionalmente en las calles de Viena en forma casual con Freud, quien lo saludaría a la distancia y "mirando de costado".

42. La historia de Herbert Graf como regisseur puede ser leída en el capítulo 4 de este libro.

La anécdota completa fue recordada textualmente de esta manera por Max Graf:

**Max Graf:** "... Posteriormente, después de que mi chico fue recibido cálidamente por Freud, yo no lo había visto durante algunos años—en el curso de los cuales la escuela se había vuelto internacional—tuve una entrevista con él y quería todavía hablarle, justamente del chico. Cuando llegué me recibió de manera bastante cerrada y poco amable. No pude conseguir llevarlo hacia una entrevista amistosa, como era habitual y le hice una pregunta: "Dígame Señor Profesor, francamente ¿qué pasa que usted cambió de tono con respecto a mí?" El me respondió: "Si, usted renunció a la Sociedad Psiconalítica. No pagó más la cuota que usted debía y no participó más." Si, era verdad. Si yo debía la cuota, no sé, era posible, no es cierto? Pero vi que la conversación no se desenvolvía más sobre la antigua base de amistad y me despedí. No encontré más a Freud excepto algunas veces en la calle. Naturalmente lo saludé muy cortésmente, pues mi opinión sobre él no había cambiado. Pero él siempre miró de costado, con la mirada desconfiada.

**Kurt Eissler:** ¿No respondía a su saludo?

**Max Graf:** Si, sí, saludaba, por supuesto. Pero yo diría que como se saludaba a un extraño...<sup>43</sup>

Penosa despedida que Max Graf conservaría aun en su recuerdo, a los 80 años, exactamente 30 años después de ocurrida, probablemente con el mismo tono afectivo dolido, a pesar del paso del tiempo.

## 16. Notas finales

Max Graf, al concluir su vida en 1958, llevaba publicados una enorme cantidad de escritos y alrededor de 15 libros, íntegramente referidos a temas vinculados a la historia, composición y crítica musical.

Algunos de sus principales títulos son:

- El problema Wagner y otros estudios* (1900)
- La música en la época del renacimiento* (1905).
- El taller interior del músico* (1910)
- Richard Wagner im "Hiegenden Holländer", una contribución a la psicología de la creación artística* (1911).

43. Max Graf, reportaje por Kurt Eissler, 1952, Archives Sigmund Freud.

*Legenda de una ciudad musical. La historia de Viena* (1945).

*Compositor y Crítico: Doscientos Años de Crítica Musical* (1946).

*De Beethoven a Shostakovich. La psicología del proceso de composición* (1947).

Finalmente "Cada hora fue satisfactoria", un libro autobiográfico escrito poco tiempo antes de morir.<sup>44</sup>

Sus recuerdos sobre Freud, quedaron centralmente testimoniados en forma pública en el artículo "Reminiscencias del Profesor Freud" un escrito del año 1942, publicado en "The Psychoanalytic Quarterly" XI, que prologó la presentación del escrito "Personajes Psicológicos en el escenario" cuyo manuscrito Freud le había entregado en 1905 y que Max atesoró, aproximadamente 40 años, hasta su publicación.

En estas reminiscencias, que contienen muchísimos recuerdos de los primeros tiempos del psicoanálisis y de su estrecho lazo con Freud, Max Graf no haría referencia alguna en forma abierta a su hijo Herbert y su relación con el pseudónimo "pequeño Hans", ni acerca del tratamiento previo de su esposa, por obvias razones de confidencialidad, aunque si evocaría fuzgamente ese cumpleaños número tres de su hijo, en el que Freud habría concurrido a su casa y le regaló un caballo de balancé que cargó personalmente por las escaleras que ya fue mencionado anteriormente, dejando allí un sutil comentario, una leve pista, que no pasaría desapercibida tiempo después para los biógrafos.

Diez años más tarde, exactamente en diciembre de 1952, en su entrevista privada con Kurt Eissler, documento que, como hemos mencionado, ha permanecido hasta hace muy poco restringido a la lectura, guardado en los "Archivos Sigmund Freud", en la Biblioteca del Congreso de los EE.UU, en Washington, (siguiendo una política indicada por la familia de Freud), *Max Graf* estuvo dispuesto a referirse abiertamente a muchas cuestiones de la historia que habían permanecido veladas hasta entonces. Allí, mencionaría sin su reparo anterior, la identidad de su hijo Herbert Graf con relación al "pequeño Hans", describiendo detalles desconocidos sobre su historia, su sintoma, su vida, la trama familiar que lo había rodeado y el trasfondo personal, en torno al cual, fue escrito el texto freudiano "Análisis de la fobia de un niño de 5 años (el pequeño Hans)" de 1909.

Es mi deseo, que al haber hecho este recorrido escrito y detallado sobre la vida de Max Graf, particularmente con relación a Sigmund Freud y los inicios del psicoanálisis, tomando como referencia estos documentos, transcribiendo algunos de

44. El listado completo de la obra de Max Graf puede ser hallada en la sección "Anexo", de este libro.



sus párrafos esenciales, haya contribuido a una mejor y más amplia posibilidad de trabajo de lectura, de ese inmenso historial freudiano, conocido por todos como “*el pequeño Hans*”, que tanto ha aportado y sigue aportando a nuestra comprensión del trabajo psicoanalítico con niños y al tema de las fobias y los estados angustiosos en la infancia.

## Olga Hoenig, biografía de “La madre del pequeño Hans”

### 1. La “bella” paciente de Freud

<sup>1</sup>“A su bella madre, que en un conflicto de su juventud había contraído neurosis, hubo yo de atenderla en aquella época, y de ahí nacieron mis vínculos con los padres de Hans”.

(Sigmund Freud, 1909).

Con esta frase escrita por Sigmund Freud, en el punto 3 de la Epícrisis del “*Análisis de la fobia de un niño de cinco años (el pequeño Hans)*” (1909), llegamos a conocer, desde un comienzo, la existencia de este lazo previo entre Freud y la madre del protagonista del historial.

Según su propia escritura, la madre de Hans, por “*un conflicto de su juventud*” había sido su paciente, y habría sido con relación a ese hecho que llegó a conocer a ambos padres. No quedó especificado por Freud, en ese breve párrafo, cuando había ocurrido exactamente ese tratamiento, ni las causas de la consulta, ni como había llegado a conectarse con el padre. Estos datos no fueron consignados por él en la epícrisis.

Muchos años después, cuando ya fue de público conocimiento que Herbert Graf era el nombre real del “pequeño Hans” y que su padre Max Graf había sido un dis-

1. Sigmund Freud, Análisis de la fobia de un niño de cinco años (“el pequeño Hans”), 1909. Obras completas. Tomo X. Amorrotiu editores, Buenos Aires, 1988. La frase puede ser ubicada en: III. Epícrisis, Punto 3. Pág. 113.

**ANEXO B – Entrevista con Ariel Pernicone.**

**LT<sup>1</sup>:** El que te llevó a elegir el psicoanálisis?

**AP:** En la Argentina la presencia del psicoanálisis es muy fuerte, y cuando empecé a estudiar psicología, la lectura de la obra de Freud era la principal, y luego los seminarios de Lacan el otro eje que abordé en mi formación como analista. Mucha lectura, mi propio análisis, y la práctica misma me hicieron pensar que por allí, por el psicoanálisis estaba el mejor camino para desarrollar mi práctica.

**LT:** Cuando usted y Mirtha Benítez diseñaron la escritura de “Fobias en la infancia”, pensaron en un público específico? ¿Cuál fue el objetivo?

**AP:** Si el libro estuvo pensado prioritariamente para el lector interesados en el psicoanálisis con niños, y para quienes estudian y se forman en psicoanálisis en general. De todos modos, luego me sorprendió que la primera parte, la biografía de la familia Graf y el trasfondo de la historia del pequeño Hans, resultó atractivo para un público más amplio.

**LT:** El caso de pequeño Hans es uno de los casos que marcó la historia del psicoanálisis. Para usted, ¿cuál es la importancia de este caso para el campo?

**AP:** El caso pequeño Hans es considerado el primer caso de psicoanálisis con niños, se podría pensar que es el caso fundante de esta práctica, la que marcó el inicio, por como se analizó su síntoma y por el hecho de haber tenido en cuenta el discurso del niño para descifrar su fobia. Para Freud fue fundamental en el sentido de constatar la sexualidad infantil en un tiempo donde esto estaba recién comenzando a ser pensado y era casi un escándalo hablar de ello, así como encontró allí las pruebas directas del “complejo de Edipo” en un niño, esta fue la razón de su publicación luego de haber publicado “Tres ensayos”, en 1905.

**LT:** ¿Después de la publicación de la obra, se llegó a pensar en presentarla en otra lengua?

**AP:** En verdad cuando el libro fue publicado no fue pensada ni anticipada la idea de su traducción, pero desde ya, como escritor me gusta e ilusiona que el mismo pueda ser leído por lectores de otros países y otras lenguas, ya que la idea es que el escrito pueda ser apreciado y aprovechado por mayor cantidad de gente que désee investigar el caso Hans y el tema de las fobias en infancia.

---

<sup>1</sup>**Entrevistadora:** Laís Tavares, graduanda do curso de Letras – Tradução Espanhol da Universidade de Brasília (UnB).

**LT:** En algunos textos, Freud se refiere a la traducción de contenidos incoscientos en conscientes. ¿Crees que este tipo de referencias se usa en sentido metafórico?

**AP:** Con relación a esta pregunta, efectivamente Freud plantea entre otras cosas, la idea de la transcripción o traducción del inconsciente a lo consciente. Lacan piensa que el incosciente está estructurado como un lenguaje, y como tal puede ser leído.

**LT:** ¿Cual sería, en su opinión, el aporte de la traducción para el psicoanálisis?

**AP:** El aporte de la traducción es enorme, en la medida que pueda posibilitar el acceso y el intercambio a la mayor cantidad de lectores posibles a una obra. El tema es el cuidado que se tenga en la misma, ya que un equívoco en la traducción de un término puede cambiar completamente el sentido de lo que puede desear decir el autor.

Una de las historias mas interesantes al respecto en español, la tiene la traducción de la palabra “*trieb*” en la obra de Freud, cuando se la tradujo primero como “instinto” e logo como “pulsión” que es el sentido que quiso darle Freud. Te sugiere investigar esto.